

RAIMUNDO NONATO VIEIRA

IGREJA EVANGÉLICA LIVRE DO BRASIL 1936-2017:

Entre a pátria alemã e a nação brasileira

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Religião, pelo programa de Pós-graduação de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Prof. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

RECIFE, 2018

V658i

Vieira, Raimundo Nonato

Igreja Evangélica Livre do Brasil 1936-2017 : entre a pátria alemã e a nação brasileira / Raimundo Nonato Vieira, 2019.

111 f.

Orientador: Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2019.

1. Reforma. 2. Igrejas protestantes. 3. Missões. 4. Migração. 5. Protestantismo. I. Título.

CDU 284

Ficha catalográfica elaborada por Mércia Maria R. do Nascimento – CRB-4/788

RAIMUNDO NONATO VIEIRA

IGREJA EVANGÉLICA LIVRE DO BRASIL 1936-2017:

Entre a pátria alemã e a nação brasileira

Dissertação defendida no Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em 30 de novembro de 2018 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^o. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos - UNICAP
Orientador

Prof^o. Dr. Drance Elias da Silva (UNICAP)
Avaliador Interno

Prof^o. Dr. Carlos André Silva de Moura (UPE)
Avaliador Externo

RECIFE, 2018

Todo ser humano tem consciência do passado em função de viver com pessoas mais velhas, provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade histórica é situar-se em relação a seu passado, ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza deste “sentido do passado” na sociedade e localizar as mudanças e transformações.

Eric Hobsbawm

A todos os missionários e missionárias alemães, americanos, suíços ou de outras nacionalidades que dedicaram suas vidas para o estabelecimento da Igreja Evangélica Livre do Brasil, bem como a seus órgãos apoiadores.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente quero agradecer a Deus, que me deu sabedoria e forças para a realização deste empreendimento tão importante. Sou profundamente agradecido à CIELB, pela confiança, à AM e à Reach Global por possibilitarem minha ida à Alemanha, com o fim de entrevistar os missionários alemães que serviram no Brasil. Agradeço ainda às instituições acima mencionadas pelo investimento financeiro para estes estudos. Sou imensamente grato por todas as pessoas que viabilizaram o acesso a documentos restritos que facilitaram em muito o meu trabalho. Agradeço a Josiane Zanon que, com muita dedicação fez a revisão desta dissertação. Sou muito agradecido a Sueli, minha esposa, a Ana e Rebeca, minhas filhas, que me licenciaram por várias vezes de suas companhias e atenção devida. Agradeço aos professores deste programa de Mestrado da Unicap e especialmente ao orientador, Dr. Professor Sérgio, que com muita paciência me orientou e me fez crescer na qualidade de pesquisador.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto uma descrição histórica da Igreja Evangélica Livre do Brasil. Para isso, busca a relação da origem da denominação na Europa com a emergência dos movimentos religiosos independentes a partir da Reforma Protestante do século 14. Depois de situar o grupo dentro do movimento mundial de Igrejas Livres, a pesquisa busca descrever o surgimento do embrião histórico a partir dos imigrantes alemães e suíços em São Paulo, oriundos de Igrejas Evangélicas Livres na Europa, e como tentam transplantar sua identidade religiosa de origem para a nova pátria. Concomitantemente, os primeiros missionários alemães chegam ao Brasil, visando, não apoiar a implementação de igrejas para imigrantes, mas vêm com o firme propósito de iniciar novas igrejas para brasileiros e entre os brasileiros. Para isso, escolhem o interior do Paraná, onde abrem orfanatos, creches e, posteriormente, outros órgãos para fortalecer a realização dessa iniciativa missionária. Mas essa escolha distinta do grupo de imigrantes de São Paulo trará tensão entre os dois grupos. Por fim, a pesquisa descreve a Igreja Evangélica Livre nos últimos anos, após assumir toda a responsabilidade por esse empreendimento religioso e busca compreender como uma estrutura com departamentos e instituições é criada para dar plausibilidade ao processo de institucionalização que estava em curso. Para entender toda a trama histórica sem teologizar os acontecimentos e desdobramentos, foi feito uso da teoria de Peter L. Berger e Thomas Luckmann em “A Construção Social da Realidade”.

Palavras-chave: Reforma, Igreja Evangélica Livre, Nomia, Anomia, Plausibilidade, Legitimação, Missão, Imigração, Protestantismo de Missão, Protestantismo de Imigração, Institucionalização.

ABSTRACT

This dissertation aims to make a historical description of the Evangelical Free Church of Brazil. To this end, it seeks the relation of the origin of this denomination in Europe with the arising of independent religious movements from the Protestant Reformation of the fourteenth century. After locating the group in the Free Churches worldwide movement, this research seeks to describe the emergence of its historical embryo since German and Swiss immigrants coming to São Paulo, from Free Evangelical Churches in Europe, and how they try to transplant their original religious identity to their new homeland. In the meantime, the first German missionaries come to Brazil, not to support the implementation of Churches for immigrants, but with the firm intention of starting new Churches for Brazilians, among Brazilians. For this, they choose the interior of Paraná, where they started orphanages, day care centers and, later, other organs to strengthen the achievement of this missionary initiative. But this distinct choice of the group of immigrants from Sao Paulo will bring tension between the two groups. Finally, this research describes the Free Evangelical Church in recent years, after taking over the responsibility for this religious enterprise and seek to understand how a structure with departments and institutions is created to give plausibility to the process of institutionalization that was in progress. In order to understand the whole historical plot from a non-theological perspective of the events and their sequence, the theory of Peter L. Berger and Thomas Luckmann was used in "The Social Construction of Reality".

Keywords: Reformation, Free Evangelical Church, Nomie, Anomie, Plausibility, Legitimacy, Mission, Immigration, Protestantism of Mission, Protestantism of Immigration, Institutionalization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AETAL	Associação de Escolas Teológicas da América Latina
AM	Allianz-Mission
AMEL	Associação Missionária das Igrejas Evangélicas Livres
CCBT	Center for Church-Based Training
CED	Conselho de Ética e Doutrina
CONRIEL	Convenção Regional das Igrejas Evangélicas Livres
DAFO	Departamento de Apoio a Formação de Obreiros
EEE	Editora Evangélica Esperança
IFFEC	International Federation the Free Evangelical Church
ISBIM	Instituto Bíblico Irmãos Menonitas
MEIB	Missão Evangélica Independente do Brasil
SETIEL	Seminário Teológico nas Igrejas Evangélicas Livres
SPI	Secretaria de Plantação de Igrejas

Sumário

INTRODUÇÃO	10
I – O AMBIENTE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA IGREJA EVANGÉLICA LIVRE NA EUROPA	15
1.1 – Antecedentes históricos que favoreceram o surgimento da Reforma como estado de nova plausibilidade social	16
1.2 – A Reforma Protestante como parte do mundo que estava sendo criado socialmente, na virada do século 16	26
1.3 – Da Suíça à Alemanha – O surgimento e o desenvolvimento da Igreja Evangélica Livre no contexto europeu	29
II – A HISTÓRIA DA IGREJA EVANGÉLICA LIVRE DO BRASIL	34
2.1 A imigração alemã e suíça em São Paulo	36
2.2 Suíços e alemães evangelizando seus compatriotas	42
2.3 Organização da Primeira Igreja Evangélica Livre do Brasil – Voltada para imigrantes	48
2.4 O Surgimento das Primeiras Igrejas Evangélicas Livres de Missão no Sul do Brasil – Os primeiros missionários da Missão Evangélica Livre Alemã	53
2.5 A unificação da Igreja Evangélica Livre para os imigrantes com a Igreja Evangélica Livre dos brasileiros	61
III. DE 1984 ATÉ A ATUALIDADE	65
3.1 – Os desafios do grupo de igrejas independentes viverem em uma Convenção Nacional	67
3.2 – Os Departamentos Nacionais da Igreja Evangélica Livre do Brasil	76
3.3 – Voltando para terra dos pais, deixando a terra dos filhos	87
3.4 – Olhando adiante – Uma nova liderança totalmente brasileira	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	110

INTRODUÇÃO

Escrever a história de um grupo social e seu processo de institucionalização é sempre um desafio e possui um elemento de tensão, pois o que se diz de um grupo está relacionado e pode reverberar na sua identidade e na sua reputação. Ao mesmo tempo, pode ser um grande contributo para resgatar ou firmar uma identidade, dando sentido ao presente com base na sua trajetória no passado.

Eric Hobsbawm diz que:

Todo ser humano tem consciência do passado em função de viver com pessoas mais velhas, provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade histórica é situar-se em relação a seu passado, ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar as mudanças e transformações (HOBSBAWM, 2013, p. 25).

Esta pesquisa se justifica no avistamento dessa constatação da importância da história de um grupo para sua localização, compreensão espacial e temporal, que leva o mesmo grupo social a identificar seu percurso histórico como parte que explica sua constituição e seu sentido de existência ao longo do seu acontecimento dialético.

Esta pesquisa visa narrar a história da Igreja Evangélica Livre do Brasil, situando-a no período de 1936-2017, para isso, fazendo uma busca histórica do surgimento desse grupo religioso, através dos movimentos de Igrejas Livres na Europa, oriundos da Reforma Protestante do século 16, juntamente com seus muitos sujeitos que interagiram com seu estabelecimento, demonstrando um relacionamento dinâmico, à base de resistências, em muitas situações, e abnegação inegável dos primeiros imigrantes e missionários ligados a esse movimento.

A problematização da pesquisa se dá principalmente na delimitação histórica estabelecida, ou seja, de 1936 a 2017, porque 1936 é quando inicia

uma intencionalidade por parte de um grupo de imigrantes suíços e alemães de iniciarem uma Igreja Livre nos moldes do grupo existente na Europa. A partir daí um processo de institucionalização desse grupo para uma identidade denominacional está em curso.

A pesquisa problematiza o fato de a Igreja Evangélica Livre ter surgido como movimento, conforme descrito acima, mas que passou por um processo de institucionalização. Esta pesquisa quer analisar os momentos da história da Igreja Evangélica Livre, do seu início na Alemanha até sua existência atual no Brasil que se pode identificar como momentos de crises, que provocaram novos momentos de reestruturação da sua estrutura de plausibilidade.

Também será importante identificar esse desenvolvimento no Brasil, pois é notável no processo de estabelecimento desse movimento em terras brasileiras a simbiose entre igreja de origem no puritanismo do século 18, que rompe com o Estado suíço e alemão e que chega nesta terra trazendo no seu bojo uma identidade germânica. Havia desde o princípio na sua ideia original no Brasil, a intenção de se tornar uma igreja brasileira? Ou as circunstâncias pós-guerra criaram tais necessidades?

Como esse movimento se estabeleceu no Brasil? Quais processos se desencadearam até sua institucionalização nas terras brasileiras? Lendo os documentos internos da Igreja Evangélica Livre no Brasil, que contam sua história, fica evidente uma leve tensão na intencionalidade desse movimento no seu empreendimento missionário. Primeiro, de 1936 até 1959, o grupo concentra-se unicamente em São Paulo, voltado apenas para alemães e suíços.

Segundo, a partir de 1959, chegam ao Brasil os primeiros missionários alemães para serem missionários para os nativos, ou seja, atuam no proselitismo apenas dos brasileiros. A tensão consiste em que o grupo de São Paulo tem seu alvo inicial apenas em alemães e suíços e os missionários querem começar igrejas com e para os nacionais.

Como um apoio teórico para a compreensão da instituição religiosa como acontecimento social do fazer humano, como a busca de dar sentido e plausibilidade para o viver do ser humano e seus desdobramentos na

sociedade, buscou-se apoiar-se, sobretudo na obra de Peter Berger – O Dossel Sagrado (1984) e deste em parceria com Luckmann – A Construção Social da Realidade (2014).

No primeiro livro citado acima, Berger teoriza a religião como uma criação humana e, especialmente, como um empreendimento cultural necessário para que o ser humano compreenda a si mesmo e o mundo à sua volta. Para isso, uma ideia primeira é elaborada a partir de um nascedouro cosmogônico – a religião é criada para responder a questões importantes para que o ser humano explique sua origem, sua labuta e seu senso de futuro.

Na segunda obra citada acima, Berger e Luckmann teorizam a respeito de como se dá socialmente a realidade, e entre essas realidades está a racionalização das instituições. Para os autores, a realidade social se estabelece através de um processo dialético, quando se tem um estado de nomia – há um sentido social para as coisas serem como são e se sustenta, mas há um momento em que esse estado é negado ou provocado, então se tem uma crise quando se estabelece o estado de anomia – quando as coisas, do jeito que estavam estabelecidas perdem sua validade, então é necessária uma nova situação, como a institucionalização de novas explicações sociais que legitimem e deem plausibilidade para a realidade que se apresenta.

Essas duas obras servirão de base teórica principal para esta pesquisa por sua relação com a teoria sociológica da religião e o processo de institucionalização na sociedade. É nesta construção que é colocado o movimento que dá origem às Igrejas Evangélicas Livres na Europa e, posteriormente, no Brasil.

Para descrever a Igreja Evangélica Livre do Brasil, do seu nascedouro na Europa, seu processo de institucionalização e sua chegada e estabelecimento no Brasil, vai-se fazer uso de Atas, descrições internas, boletins informativos e entrevistas com os primeiros missionários alemães no Brasil, assim como os primeiros pastores da Evangélica Livre brasileira.

As entrevistas comporão parte importante na investigação histórica, e na percepção das tensões vividas pelo grupo na sua jornada de se elaborar como grupo denominacional protestante no Brasil. Essas entrevistas ocorreram na

Alemanha, durante o mês de março de 2017, algumas delas na sede da AM, na cidade de Ewersbach, enquanto outras aconteceram nas cidades de Herborn, Marburg, Solingen e Halver.

As entrevistas seguiram um roteiro previamente elaborado e a maioria delas aconteceu com o casal, como uma exigência dos próprios entrevistados. Quando isso aconteceu, foi feita uma identificação de cada fala nas transcrições de acordo com a ordem que elas se deram.

As pessoas foram escolhidas para as entrevistas com base em dois critérios básicos: os mais antigos missionários que passaram pelo Brasil e a posição que ocuparam na estrutura da Missão Alemã no Brasil. Foram feitas perguntas que permitiam aos entrevistados discorrer sobre o tema proposto com a possibilidade de curtas intervenções para a busca de maior clareza na resposta pretendida. Essas entrevistas não serão anexadas, mas estarão apresentado, como apêndice as informações básicas das pessoas entrevistadas.

Em relação a Atas, Estatutos e Regimentos Internos mencionados, foi permitido seu uso para citação ampla, porém não que fossem anexados no trabalho final desta pesquisa. Portanto, foram citados amplamente, mas estarão ausentes nos anexos da presente pesquisa. Já os documentos históricos de cunho não oficial, como é o caso de narrativas elaboradas pelos missionários pioneiros, foram disponibilizados com liberdade plena, porém não serão lançados como anexos.

Mas, além das fontes mencionadas acima, parte desta pesquisa se valerá de fontes bibliográficas em geral, especialmente da historiografia da Reforma Protestante, assim como da historiografia brasileira do século passado, quando se situará o surgimento da Igreja Evangélica Livre brasileira nos movimentos do protestantismo de imigração e de missão no Brasil daquele período.

Um dos objetivos desta pesquisa é conferir a este grupo de igrejas uma localização histórica na Europa, bem como no Brasil, dentro do movimento protestante após a Reforma do século 16, e documentar a trajetória desse grupo religioso, enxergando-o fora de uma epopeia teológica, mas usando a

metodologia social para demarcá-la historicamente, também como uma construção social resultados de crises e como tentativa de legitimação e plausibilidade para seu ser e agir como ente socio religioso.

No primeiro capítulo da pesquisa foi feita uma retomada histórica da relação dos movimentos socio religiosos com o evento da Reforma protestante até os pietistas da Europa do século 18, que são responsáveis pela influência no surgimento das Igrejas Evangélicas Livres na Europa. A partir dessa descrição, buscou-se identificar o surgimento da Igreja Evangélica Livre na Europa e o seu desenvolvimento.

No segundo capítulo desta pesquisa procurou-se fazer a conexão do surgimento da Igreja Evangélica Livre do Brasil com a Igreja Evangélica Livre na Europa, mais especificamente com a Alemanha. Faz-se sempre a conexão com a teoria de Peter Berger, demonstrando assim que esses não são eventos teológicos, mas sociais, que estão dentro de um desenrolar dialético da sociedade e, mais especificamente, desse grupo religioso. Demonstra-se, também, a tensão entre os grupos de protestantismo de imigração e o de missão, como parte da crise de plausibilidade que surge e chama pela necessidade de um novo estado de *nomia* sempre.

No último capítulo, procurou-se demonstrar o desenvolvimento deste grupo religioso como uma forma de buscar plausibilidade social para a sua existência, por isso a localização dos muitos departamentos e instituições debaixo da tutela da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres, como instrumento para legitimar as mudanças que vão ocorrendo no desenvolvimento histórico e social do grupo, que passa pela saída dos alemães, legitimação de novos comandos na instituição e a busca de criar uma tradição para a sua existência.

Finalmente, houve sempre a intenção de não fazer uma descrição histórica apologética da existência desse grupo, mas ser esta uma busca, também de demonstrar como a teoria de Berger dá conta da leitura de um grupo socio religioso, demonstrando a repetição de eventos sociais que o tornam observável e descrito por uma perspectiva da ciência social.

I – O AMBIENTE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA IGREJA EVANGÉLICA LIVRE NA EUROPA

Um grupo religioso com a nomenclatura “Igrejas Livres” tem seu surgimento apenas no século 18 na Europa, mas grupos religiosos com a mesma natureza são encontrados desde que a Igreja Cristã se institucionalizou (WEYEL, 2003, p. 36), ou, pelo menos, as tentativas de grupos separatistas da Igreja Cristã de então. O que parece perceptível é que esses grupos surgiram como resultado de conflitos na periferia¹ da própria Igreja Cristã e seus respectivos períodos.

Para situar a Igreja Evangélica Livre historicamente se tem, inevitavelmente, a Reforma Protestante como um marco para surgimento das Igrejas Protestantes e Livres na Europa. Portanto, é imperativo identificar o movimento da Reforma como um acontecimento histórico, que ganha condições sócio históricas para seu acontecimento, despidos dos interesses e interpretações teológicas.

Será importante que essa localização também faça perceber-se que a Igreja Católica e sua irmandade com o Estado conferiram, durante muitos séculos, um estado de *nomia* social², ou seja, a igreja e seus arranjos teológicos conferem plausibilidade³ para a vida social e suas significações. Mas, também, que os antecedentes da Reforma favorecem a necessidade de ressignificar essa realidade social e surge, assim, um estado de *anomia* social⁴, criando uma crise que exigirá uma nova construção de plausibilidade para a vida social.

Uma constatação histórica é que, onde os seres humanos se organizam em comunidade, há sempre a possibilidade de desgastes nos

¹ Periferia – Os conflitos que geraram os grupos livres se dão envolvendo padres e bispos, nos primeiros momentos. Cf. LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**, p. 604.v. I.

² *Nomia* social – Trata-se da explicação da teoria social de Berger a partir de Durkheim, no qual a tradição ganha conotação de Lei e coopera para a legitimação de dada estrutura social. Cf. BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**, Petrópolis; Vozes, 1985, p. 32.

³ Plausibilidade Social – É o engendramento social, através do qual ocorre a apropriação do mundo objetivo pelo sujeito, bem como a manutenção deste mundo como real para ele. Cf. BERGER; LUCKMAN, ano, 2014, p. 211.

⁴ Anomia Social – é uma etapa temporária, produto das rápidas transformações sociais, perda da fé (em seu sentido mais amplo) e das tradições. Essa etapa é superada a partir do momento que grupos de interesses determinam novas regras a fim de regulamentar o que se encontra “desajustado” na sociedade, assim como afirmar novas tradições ou refortalecer as já estabelecidas. Cf. DURKHEIM, 2002, 120-121.

relacionamentos, pactos firmados e o surgimento de relações conflituosas que geram novas comunidades, como novos pactos, pois precisam de novas plausibilidades para a vida nas comunidades humanas.

1.1 – Antecedentes históricos que favoreceram o surgimento da Reforma como estado de nova plausibilidade social

Mesmo não sendo este o foco da pesquisa, se faz necessário descrever brevemente a Europa daquela virada de século. Como estava o mundo no início do século 16? Considera-se que os acontecimentos sociais em curso fazem parte da dialética social já mencionada, portanto, servem para dar plausibilidade ao evento da Reforma Protestante daquele início de século.

Poderia ser o caso daquela virada de século trazer consigo uma crise de sentido? Segundo Berger e Luckmann, os críticos que estudam a crise de sentido na atualidade deveriam observar “que se operou uma transformação nas condições básicas da vida humana” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 14). Eles se posicionam, assim, na construção da ideia de que essa crise de sentido tem seu posicionamento histórico.

Conforme, já foi afirmado, a crise de sentido em dado momento histórico de uma dada sociedade está dentro de um desenvolvimento social dialético. Ou seja, os antecedentes da Reforma compõem um campo de *nomia* social – um arranjo social aceitável que confere sentido à vida em sociedade. Mas, como o mundo social é caótico e instável, o estado social de *nomia* é questionado de tempos em tempos, o que gera um novo estado de *anomia* social que, por sua vez gerará uma necessidade de legitimação de um novo estado social de *nomia* que é a plausibilidade.

Peter Berger, aplicando essa compreensão à religião, diz:

A parte histórica decisiva da Religião no processo de legitimação é explicável em termo da capacidade única da religião de “situar” os fenômenos humanos em um quadro cósmico de referência (BERGER, 1985, p. 48).

Quando os chamados hereges se insurgiram contra a Igreja Romana, o quadro de referência fazia esse mesmo caminho, mas também se valia do

contexto social que iniciava sua contestação do estado de *nomia* daquele momento histórico.

Isso faz sugerir que os eventos ou percepções sócio históricos não são isolados de um desenvolvimento dialético daquelas sociedades localizadas historicamente, mas que eles ecoam o que diz Berger: “deve-se dizer apenas que é próprio da ‘natureza do homem’ produzir um mundo” (*Ibid.*, p. 20). Pode-se enumerar algumas mudanças que estavam em curso no mundo daquele tempo que favoreciam o surgimento de um movimento como a Reforma Protestante - a emergência de um novo mundo em expansão.

A redução do poder papal era uma dessas mudanças em curso. Se for olhado para a história do papado, se perceberá que sempre foi um esforço grande por parte do Santo Clero para que o Papado fosse uma realidade inquestionável (NICHOLS, 2000 p. 95).

Este mesmo historiador, descrevendo o surgimento do primeiro grande Papa da Igreja, Gregório I (540-604), chamado o grande, justifica a sua importância na história da Igreja Cristã:

Seria, porém, injustiça dizer-se que seu único objetivo foi aumentar o poder do seu próprio ofício. Ele muito trabalhou para purificar e fortalecer a Igreja, cuidando dos pobres e enviando o Cristianismo aos pagãos. Mas ele acreditava sinceramente que a “sé apostólica é a cabeça de todas as igrejas”, por isso, em todos os seus atos, trabalhou para enaltecer o poder do bispo de Roma (*Ibid.*, p. 73).

O surgimento do papado na Igreja Cristã, também é parte da construção do mundo social que os homens criam. Não surgiu no vácuo e nem sempre foi pensado nisso como uma necessidade premente, mas as condições sociais parecem ter exigido tal medida (FREI ROMAG, 1948, p. 273).

Tendo sido dito isso, é importante se entender qual é a origem do poder temporal e espiritual vinculados à Igreja e à autoridade papal. Segundo um historiador das ideias políticas,

Quando o império Carolíngio se extinguiu, o cristianismo se tornou a religião de todo o Ocidente Medieval. A cosmologia cristã substituiu as fontes pagãs de origem céltica ou germânica. A Igreja romana tira a sua força de sua presença em todos os degraus da vida social, da aldeia às cortes principescas. É doravante a única instituição universal (NAY, 2007, p. 83).

A mudança do cenário político no Império Romano – a queda do Império e a ascensão dos chamados, na época, de povos Bárbaros⁵ – impuseram uma mudança na conjuntura religiosa. Houve uma crise estabelecida e a condição vigente foi questionada, aquilo que era seguro deu espaço para um estado social de caos, e se estabeleceu um novo estado *anômico*, o papado e a nova organização da Igreja careceram de plausibilidade.

Se fosse feito o exercício de se voltar aos séculos 5 e 6, quando a influência das ideias de Agostinho, como é esboçado por ele na justificativa da sua grande obra “A Cidade de Deus”, no prefácio do Livro I da segunda parte (AGOSTINHO. 1996, p. 97, 98), sobre os dois poderes, baseado na construção da cidade de Deus, quando o poder temporal está sob a autoridade da Igreja, perceber-se-ia que existia uma teologia preparada e que influenciou a Idade Média, criando um estado de *nomia* social, dando explicações teológicas para um poder que está sujeito ao outro.

Mas, com advento do racionalismo⁶ e a inauguração do renascimento, iniciou-se uma crise de plausibilidade para aquele *status* perpetuado. Esses acontecimentos de efervescência da razão impuseram restrições ao poder papal. Isso está de acordo com que assevera Latourette:

Em alguns Estados, os monarcas, apoiados pela Maré ascendente do nacionalismo, reduziram os rendimentos papais e funções judiciais e limitaram o poder dos pontífices de controlar a escolha dos oficiais mais altos da Igreja em seus domínios. Assim, em 1438, como já vimos, a Sanção Pragmática reduziu os rendimentos papais vindos da França. Não distante dessa época, já também observamos, ações similares foram tomadas pela Inglaterra e Alemanha. No final do século 15, Xisto IV foi constrangido a conceder a Fernando e Isabel o direito de nomear as dioceses da Espanha. No século 15, o costume de fazer apelo dos tribunais da Igreja para os do rei aumentou na França (LATTOURETTE, 2006, p. 859-860).

Esse declínio do poder político e econômico também está relacionado ao que já vinha ocorrendo antes, que era o declínio moral e espiritual. É bom ser

⁵ Cf. GUERRAS, "O termo *bárbaro* é uma herança grega. Segundo Heródoto, os Egípcios chamavam de bárbaros todos os que falavam uma língua diferente da sua. Em grego, ‘bárbaro’ designava, inicialmente, uma língua incompreensível, que não compartilhava nem os costumes nem a civilização dos helenos". (1987, p. 5). Os romanos usaram essa expressão para os povos invasores com sentido pejorativo, como alguém que apenas balbucia, pois não falavam o latim.

⁶ Por racionalismo está sendo pensando o início da discussão em São Tomás de Aquino sobre a relação entre razão e revelação partir de viés da filosofia aristotélica.

observado que esse declínio não se tratava apenas de algo sofrido pela Igreja, mas a sociedade da época estava fortemente influenciada por esse espírito do tempo.

Essa constatação serve para que se visualize a Reforma, não como algo isolado, mas com condições históricas, sociais e religiosas favoráveis para o seu acontecimento. Conforme já afirmado, os instrumentos de convencimento e manutenção do *status de nomia* social vigente já estavam desgastados para manter a Igreja como aquela que conferia significado da realidade total.

Nos antecedentes históricos e sociais que podem ser alistados como possíveis fatores que contribuíram para eclodir a reforma protestante e seu legado para as mudanças no cenário religioso (não apenas religioso, mas para o interesse desta pesquisa focaremos apenas nesse aspecto) devem ser elencadas as ampliações na geografia do mundo que estavam ocorrendo naquele final do século 15.

A Itália, por exemplo, já vinha, há muito, navegando e realizando descobertas⁷, bem como a Espanha, mas com acontecimentos, como o que fechou o estreito de Gibraltar, Portugal se viu impelido a lançar-se no mar. Haja vista muito outros desafios internos do país, deixar de ser apenas um atravessador no mosaico comercial da época, podia lhe colocar na vanguarda na busca das especiarias.

Portugal era um país cujo catolicismo era fervoroso e a Igreja contava com apoio seguro, pois as batalhas que se travaram, e ainda podia ser percebidos resquícios, contra os infiéis – os mouros⁸ – a simbiose entre Igreja e Estado fora muito importante e fortaleceu aquela aliança. Isso aponta para a importância de Portugal no mosaico histórico daqueles idos, no que diz respeito ao impacto das novas descobertas para forjar uma mentalidade sobre o mundo e a confiança do homem daqueles dias de que o mundo era maior do que se pensava e um questionamento sobre aquele estado *nômico*, no qual sua

⁷ O sentido do termo “descobertas” aqui utilizado não diz respeito a descobertas de terras não habitadas, mas descobertas de novos comércios, pois este era o principal objetivo, no caso da Itália.

⁸ Portugal travou longas batalhas contra os mouros, especialmente no século 13 e início do século 16 com a guerra chamada de Reconquista. Apesar de ter expulsado os mouros, mas resquícios desse conflito estarão presentes até os séculos imediatos à Reconquista (RAMOS, 2006, p. 21,22).

plausibilidade estava na narrativa cosmogônica é inevitável (RAMOS, 2006, p. 29).

Por isso, pode-se dizer que, apesar de Portugal não ser o centro dos acontecimentos da Reforma, mas seus descobrimentos marítimo-geográficos impactaram toda a Europa e colaboraram para uma visão de mundo mais ampla. Os historiadores analisam a expansão marítima como um fator produzido por vários elementos:

Todo um conjunto de condições sociais, econômicas, políticas e intelectuais concorreram para o alargamento dos horizontes geográficos. O mundo Ocidental tinha necessidade de ampliar-se; soube criar no momento justo os instrumentos para isso, estimulado pelo senso do real e da precisão, pelo controle dos dados mediante a observação direta, pela curiosidade e o espírito de aventura, a tal ponto que se justifica falar também de um humanismo técnico (PERROY, 1994, p. 188).

O historiador Fábio Pestana Ramos, destaca que, além dos instrumentos técnicos desenvolvidos nesses idos, também estavam em pleno desenvolvimento a construção de embarcações que possibilitava viagens mais longas com maior autonomia (2006, p. 46). Inicia-se, assim, uma série de descobertas do chamado Novo Mundo – as Américas.

O que estava ocorrendo na Europa, naquele final de século, era que o conceito medieval de um Estado universal estava dando lugar ao novo conceito de nação-estado e essa mudança impactava diretamente a continuação ou não da subserviência dos príncipes ao papado. É uma mudança política que terá efeito imediato na sociedade e na organização de poder na relação Igreja-Estado.

Fazendo uma revisão como era a relação do Estado, do cidadão e da Igreja do período em estudo, Huberman diz que:

A religião também era universal. Quem se considerasse cristão nascia na Igreja Católica. Não havia outra. E, espontaneamente ou a contragosto, era necessário pagar imposto a essa Igreja e sujeitar-se às suas regras e regulamentos. [...] Não havia limites estatais à religião (HUBERMAN, 2010, p. 54).

O autor acima citado continua fazendo uma discussão sobre a questão das identidades, isso para dizer que a maneira pela qual as pessoas se viam,

dependia da força que era exercida e reforçada de quem elas eram. Mas ele diz que tudo isso mudou drasticamente:

Mas em fins da Idade Média, no decorrer do século XV, tudo isso se modificou. Surgiram nações, as divisões nacionais se tornaram acentuadas, as literaturas nacionais fizeram seu aparecimento e regulamentações nacionais para a indústria substituíram as regulamentações locais. Passaram a existir leis nacionais, línguas nacionais e até mesmo igrejas nacionais. Os homens começaram a se considerar não como cidadãos de Madri, de Kent ou de Paris, mas como da Espanha, Inglaterra ou França. Passaram a dever fidelidade não à sua cidade ou ao senhor feudal, mas ao rei, que é o monarca de toda uma nação (HUBERMAN, 2010, p. 54).

Essas alterações no rumo de conceber o Estado e sua relação com a Igreja traz desafios para a sociedade em geral e cria um ambiente propício a mudanças e interesses dos príncipes em apoiar a ideia de uma igreja nacional, na qual os mesmos passam a exercer domínio.

Corroborando com as considerações feitas acima, ou seja, a ideia de monarcas e estados independentes da Santa Sé, Cairns contribui dizendo:

Os estados, a partir do declínio da Idade Média, começaram a se organizar em bases nacionais. Estas nações-estados, como poder central e com governos fortes, servidas por uma força militar e civil, eram nacionalistas, opondo-se ao domínio de um governo religioso universal (CAIRNS, 1995, p. 222).

Todo o cenário aponta para possibilidades infindas para uma reforma que torna igrejas nacionais independentes da Santa Sé Romana. É bom ser mencionado que essa relação de Igreja-Estado teve seus entraves, a depender do Papa e dos governantes em seus respectivos domínios. Enquanto em alguns domínios havia relação cordata, em outras a relação era de resistência e será nessas resistências que um espírito de sublevação se fortalecerá, como é o caso do choque político entre o Papa Gregório VII (nascido em Sovana, Itália, cerca de 1020/1025 e viveu até 1085 em Salerno) e o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Henrique IV (1050-1106), em 1075 (ROMAG, 1949, p. 108).

Há uma forte relação entre as novas descobertas marítimas, que têm impacto sobre a política, porque também têm impacto econômico. Ora, se as novas descobertas trazem oportunidades de lucro, e se um Estado forte e

independente é descobridor e não tem a Igreja como sua parceira na divisão desses dividendos, fortalecer o Rei, o Estado seria obrigação estratégica.

A reprodução do quadro *O Triunfar da Igreja e Navicella*, pintado por Andrea de Firenze, ilustra bem a organização política do mundo em final da Idade Média. O cenário que o quadro apresenta tem uma igreja de fundo. Compõem o cenário da pintura: os dois vigários de Cristo – o papa e o imperador – postados ao centro. Cardeal, arcebispo e padre compõem um dos lados importantes; de outro, estão rei, conde e paladino. O rebanho de Cristo está aos seus pés. No plano inferior, monges e freiras de um lado; fidalgos, burgueses e camponeses, de outro (FREMANTRLE, 1970, p. 38).



Também, grandes governantes, como o Imperador Carlos Magno (742-814), confirmavam aquilo que fora outorgado por Pepino (714-768), rei dos francos, que doara um território, para que de lá acontecesse a administração do patrimônio de São Pedro pelo Papa de Roma, desde 756 (BASCHET, 2006, p. 72), ou seja, existia uma legitimidade no direito a propriedade que, ao longo da Idade Média, a Igreja foi adquirindo, ao ponto de definir, como no tratado de Tordesilhas, quem poderia explorar onde.

⁹ A pintura de Andrea de Firenze foi citada da obra de FREMANTRLE, conforme supracitado, mas visando apresentar uma visualização melhor se fez a opção por extrai-la de outra fonte da internet, conforme constará a seguir. <https://cs.wikipedia.org/wiki/Soubor:Way-of-salvation-church-militant-triumphant-andrea-di-bonaiuto-1365.jpg>.

Pode-se ainda elencar as mudanças socioeconômicas como parte dos fatores que compõem os antecedentes históricos e sociais para eclosão da Reforma Protestante, não como um evento isolado, mas como uma tentativa de plausibilidade do estado *nômico* em curso de realizar-se. Está em curso uma mudança na sociedade que corresponde dizer que, no modelo da sociedade em decadência, a sociedade é verticalizada, ou seja, a pessoa morre na posição social em que nasceu. O que está em andamento, no fim do século 15, é uma possibilidade de horizontalidade da sociedade.

Por volta de 1500, o ressurgimento das cidades, a abertura de novos mercados e a descoberta de fontes de matéria-prima nas recentes terras descobertas inauguram uma era de comércio, na qual a classe média mercantilista assume a ponta na sociedade no lugar da nobreza (HUBERMAN, 2010, p. 28).

Essas mudanças estão relacionadas ao advento das cidades, como os grandes centros de trocas. Não apenas trocas de mercadorias, como os produtos produzidos na fazenda e nas tecelagens, mas também as trocas das ideias (LE GOFF, 2008, p. 183).

A cidade possibilita, não apenas uma nobreza prosperar e se manter dignitariamente em relação aos demais, mas possibilita também mobilidade social e econômica, sem romantizar, pois mesmo nas cidades existiam os mandatários. O advento da cidade está diretamente ligado ao comércio, por esta razão as cidades se desenvolveram primeiro onde o comércio era culturalmente mais forte, como é caso da Holanda e Itália (HUBERMAN, 2010, p. 21).

Mudanças socioeconômicas trazem consigo, quase sempre, mudanças no campo da cultura, por isso pode ser dito que as mudanças nas concepções intelectuais eram outro fator que fomentava o ambiente de Reforma naqueles dias na Europa.

É o período marcado pelas inovações tecnológicas, a pulverização de publicações inéditas e tradução de autores da antiguidade, como é o caso de Aristóteles. O Novo Testamento é traduzido da língua vernácula, peças são escritas, as igrejas são adornadas com pinturas magistras dos artistas daquele

século, as Universidades são palco de grandes discursos sobre Teologia, Filosofia, ciência, moral e muitos outros temas. Pode-se dizer que a Europa fervilhava inovação cultural e o mundo mudava em ritmo acelerado.

Muitas mudanças estavam em curso que favoreciam a expansão do pensamento humano, mas pode-se dizer que o Renascimento é o ápice de processos de transformações sociais e culturais, especialmente no século que antevê a Reforma Protestante do século 16.

Um historiador que utiliza o termo "expressão" para identificar o Renascimento, justifica assim sua posição:

Quando afirmo que o renascimento foi uma era de expressão, quero dizer o seguinte: as pessoas já não se contentavam em fazer o papel de plateia e ficar tranquilamente sentadas enquanto o imperador e o papa lhes diziam o que fazer e o que pensar. Queriam ser atores no palco da vida. Insistiam, portanto, em dar "expressão" a suas ideias individuais (LOON, 2004, p. 223),

Para esse historiador, "o povo começou a sentir a necessidade de dar expressão a sua recém-descoberta alegria de viver. Expressou sua felicidade na poesia, na escultura, na arquitetura, na pintura e nos livros publicados" (LOON, 2004, p. 221).

O Renascimento é perceptível por um antagonismo ao velho, mas um retorno à Antiguidade Clássica. Velho, no sentido de ideias religiosas, arte, cultura e como o mundo era concebido pela Religião que tinha um domínio sobre a constituição das verdades, especialmente pensando na concepção de mundo desde meados do século 5. Por outro lado, voltam-se para a literatura clássica como uma forma de resgatar o belo que fora perdido (LE GOFF, 2008, p. 57-58).

Segundo Mousnier, o Renascimento foi o resultado de um mundo de forças que operavam sobre condições polarizantes:

O Renascimento caracterizava-se por uma forma de Estado tirânico, baseado apenas na consideração das relações de força, onde somente tem êxito o *uomosigulare*, o *uomo único*; daí o desencadeamento do individualismo, sede de glória e de grandeza. O ideal novo era buscado por meio do tesouro de verdades objetivas amealhadas pela Antiguidade, que ajuda a retornar ao real, a descobrir o mundo exterior e o homem, ignorados e desprezados por uma Idade Média perdidas nos textos sagrados e nos jogos de palavras. Daí o gosto pelas

ciências, pela personalidade humana, pelo estudo do que caracteriza cada indivíduo (MOUSNIER 1995, p. 34).

Um elemento importante para que essas ideias fossem difundidas foi o advento da imprensa. Nas palavras de Perroy, com o fim de resumir tal descobrimento: “como todos os progressos técnicos, a invenção da imprensa é expressão de uma civilização, realização de uma necessidade e coroamento de uma busca” (PERROY, 1994, p. 183).

Ainda, segundo o historiador acima citado:

A multiplicação das universidades, o gosto dos bibliófilos, as necessidades da crítica humanista haviam aumentado consideravelmente, em meados do século XV, a procura de livros. Ora, os manuscritos custavam muito caro, tanto pela sua matéria-prima quanto pela morosidade de sua transcrição: verdadeiro luxo, pois o preço de compra de cerca de 20 obras que constituíam, em Pavia, no fim do século XIV, a biblioteca de um médico, bastaria para manter um homem do povo (PERROY, 1994, p. 183).

A imprensa teria uma função libertadora dos espíritos ávidos pelo conhecimento daquela época. Ela teria sido inicialmente, muito bem acolhida pela Igreja, pois esta teria se utilizado muito da nova descoberta. Perroy faz essa observação com muita pertinência:

Testemunham esse fato tanto a extraordinária difusão da Bíblia em diversas línguas, seja sobre sua forma textual, seja sob a forma popular da *Bíblia dos pobres*, quanto as inúmeras obras piedosas. [...] De maneira muito rápida, também foram percebidos seus riscos: já em 1487, Inocêncio VIII preocupava-se em controlar a imprensa, e, em 1501, Alexandre VI decidia que todos os livros versando matéria de fé deveriam ser submetidos ao *imprimatur*. Um alemão desse tempo reconhecia nisso “uma arma de dois gumes, podendo tanto servir à verdade como ao erro”. Estava forjado o instrumento dos combates da Reforma (PERROY, 1994, p. 187).

Essas transformações culturais provocadas pelo Renascimento criaram um ambiente intelectual favorável ao acontecimento da Reforma e sua divulgação pelos aldeões e, até mesmo, viagem para outros países.

Todo esse ambiente de efervescência cultural, social, política e econômica inevitavelmente respingava questionamentos à religião e seu domínio em todos esses campos, o que instaura uma crise e a necessidade de um novo estado de *nomia* social.

A literatura questiona a construção de plausibilidade a respeito de verdades estabelecidas e justificadas, criando um mundo seguro que conferia sentido pela cosmogonia, conforme a teoria de Berger e Luckmann da *Construção Social da Realidade*, essa plausibilidade social dá conta dessa demanda “até surgir um problema que não pode ser resolvido nos termos por ela oferecidos” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 63).

Daí poder-se afirmar que as alterações religiosas, que vinham surgindo desde o século 11 e que se acentuavam no século 15, têm uma forte influência para a criação de um ambiente sócio histórico favorável para mudanças significativas naquele início do século 16. Os grupos que surgiam e praticavam a fé às margens da Santa Sé desde o século 11 favoreceram a disposição de pensar a religião fora da Igreja oficial (CAIRNS, 1995, p. 221-223).

A abordagem feita na primeira parte deste capítulo demonstra a efervescência de movimentos às margens da Igreja oficial que contribuirá para um ambiente favorável a mudanças.

1.2 – A Reforma Protestante como parte do mundo que estava sendo criado socialmente, na virada do século 16

Trata-se de um movimento, não de uma instituição, intencionalmente se estruturando. Esse fato ocasiona um ambiente socio religioso fragmentado, não homogêneo, ambiente social adequado para movimentos menores surgirem, como será o caso dos Anabatistas¹⁰, Calvinistas¹¹ e suas várias formas nos países da Europa Central e nos países bascos e principalmente o próprio luteranismo.

Apesar de ser unânime o entendimento entre os estudiosos, que se debruçam sobre este tema, de que o movimento da Reforma Protestante não é circunscrito ao dia 31 de outubro de 1517, pois muitos outros reformadores da religião foram perseguidos, presos ou mortos por causa dos ideais identificados

¹⁰ Os anabatista formavam um grupo religioso que era caracterizado por recusar o batismo infantil e rebatizar os adultos. Mas, também eram contra o sistema feudal e acreditavam na legitimidade de lutas armadas. Esse grupo surge no período de 1521 na Suíça, no Sul da Alemanha e na Morávia (MOUSNIER, 1995).

¹¹ Os calvinistas são seguidores do Reformador da religião cristã em Genebra, o francês João Calvino (WALKER, 1983, p. 80-81).

nas 95 teses defendidas por Martinho Lutero, é com este último que um cisma de proporções continentais marcará posição. Em um documento daquele dia, assinado pelo próprio Lutero, está expresso:

Com um desejo ardente de trazer a verdade à luz, as seguintes teses serão defendidas em Wittenberg sob a presidência do Rev. Frei Martinho Lutero, Mestre de Artes, Mestre de Sagrada Teologia e Professor oficial da mesma. Ele, portanto, pede que todos os que não puderem estar presentes e disputar com ele verbalmente, o façam por escrito. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém! (LUTERO *apud*, BETTENSON, 1983, p 231).

Conforme o que está expresso, entende-se que a expectativa do Reformador alemão era que um debate com os representantes da Santa Sé pudesse convencê-los a respeito de suas teses. O movimento se caracteriza especialmente por um desejo de que a Igreja fosse mais “pura” e menos ostensiva. Isso, é claro, não deixando de considerar que os interesses em torno do movimento, ou daqueles que viram nele uma oportunidade política e econômica, não eram dessa “pureza” presente na construção do discurso do reformador germânico.

Para aquele monge, a Igreja estava corrompida e não dava atenção aos apelos internos e externos para sua necessária mudança. Aquela situação criou uma oportunidade de Lutero defender suas ideias, muitas delas apoiadas em suas experiências pessoais, porém, muito mais do seu entendimento das palavras da Bíblia.

Corroborando com esse arrazoamento o historiador católico Daniel-Rops, da história da igreja cristã, diz que,

[...] Lutero afirmou que a sua doutrina era conforme as Escrituras, repetiu os seus ataques contra o poder pontifício e, audaciosamente, exigiu que, em vez de o condenarem sem discutir as suas teses, lhe mostrassem em que é que as mesmas eram perniciosas. “Não há discussões”, disse o oficial: “retractas-te ou não?” Lutero respondeu: “enquanto não me tiveres convencido com provas da Escritura ou qualquer razão evidente – porque eu não creio no papa, nem nos concílios que tantas vezes têm errado – estou ligado pelos meus próprios textos. A minha consciência está cativa da Palavra divina. Não posso, nem quero, retratar-me seja do que for. Que Deus me ajude!” (DANIEL-ROPS, 1962, p. 356).

Claramente é demonstrada uma forte crise nos interesses e descontentamentos dos envolvidos, mesmo que de naturezas distintas. Lutero

discursava em prol de uma Igreja mais perto dos fiéis, no sentido de que a riqueza da Igreja a deixava com uma distorção em relação ao Evangelho que esta deveria pregar. Também falava da moralidade de seus sacerdotes, atacando a simonia, a hierarquia exacerbada da Igreja e, principalmente, o forte apelo econômico, através da venda de indulgência (CAIRNS, 1995, p. 227).

Mas, ainda nessa batalha de discursos, não temos um movimento que travasse uma luta para fora da Igreja, mas para dentro, ainda é dentro da instituição e para ela mesma. Não se tem um radicalismo de um movimento teológico de um novo conceito eclesiológico fundante, mas muito mais de ajustes às estruturas existentes.

Como afirma Jedim, em concordância com o que acabara de ser dito:

Lutero não cunhou um novo conceito de Igreja, no sentido de uma definição. Em luta com a Igreja de seu tempo que, segundo ele, se deformava como instituição independente e até arbitrária, a saúde eterna dada pela fé no evangelho de Cristo, e os Batistas que fundaram o evangelho unicamente na interioridade do homem, Lutero queria demolir o que lhe parecia contradizer a “verdadeira Igreja” e esclarecer o que até então estivera obscurecido. Para ele, a Igreja era uma realidade conhecida e patente, fora dela o cristão não era nada (JEDIN, 1972, p 315).¹²

Dizer que Lutero não possuía pontos cardinais que o colocassem em oposição à Santa Sé romana não faz justiça à pessoa e à obra de Lutero, mas também afirmar que Lutero estava muito distante da ideia de Igreja confessada pela tradição desta Igreja é ser reducionista (ZAGHENI, 1999, p. 78-102). Esse entendimento proporciona uma indagação: Por que aconteceu a Reforma Protestante? A resposta é que, com certeza, sua força motriz não foi apenas religiosa, mas toda uma infraestrutura social que a viabilizou.

As considerações feitas acima visam apenas situar o leitor em como os eventos, personagens e ideias em cursos abordados anteriormente podem

¹² Lutero no sentó un nuevo concepto de Iglesia em el sentido de una definición. Em lucha con la Iglesia de su tempo que, según él, deformaba como institución independiente y hasta arbitraria, la salud eterna dada por la fe em el evangelio de Cristo, y los baptistas que fundaban el evangelio unicamente em la interioridade del hombre, Lutero quiso demolerlo que le parecia contradecir a la “verdadeira Iglesia” y poner em claro lo que hasta entonces estuviera oscurecido. Para él, la Iglesia era un dato prévio y patente, fuera de la cual el Cristiano no era nada (JEDIN, 1972, p. 315).

demonstrar uma crise na plausibilidade, ou seja, a estrutura que conferia sentido à realidade já não atende às demandas de significado das sociedades.

O que se seguirá serão os movimentos de Contrarreforma¹³, marcados pelo grande Concílio de Trento¹⁴, até a solidificação institucional do movimento iniciado por muitos radicais antes de Lutero e, posteriormente, pelo próprio reformador alemão. Grupos distintos se institucionalizam, mas reivindicam seu surgimento na Grande Reforma Protestante de 31 de outubro de 1517.

1.3 – Da Suíça à Alemanha – O surgimento e o desenvolvimento da Igreja Evangélica Livre no contexto europeu

Como os grandes movimentos se institucionalizam e criam ambientes socio religiosos por insatisfações de várias naturezas, continuam, assim, surgindo novos movimentos significativos, que, inclusive, interessam diretamente a esta pesquisa.

O pietismo europeu, por exemplo, é uma força geradora de vários movimentos dentro das igrejas que emergem do movimento da Reforma Protestante. Descrevendo esse movimento religioso, que já demonstrava insatisfação com os desdobramentos da Reforma, Gonzalez afirma:

O primeiro desses movimentos, que às vezes dá seu nome aos demais, é o pietismo alemão. O pai é Philipp Spener, que no ano 1675, expôs em sua obra *Pia desideria* os princípios do pietismo alemão. Spener opunha-se à fria e rígida ortodoxia da igreja luterana de seu tempo. O motivo dessa oposição não tanto doutrinal quanto prático, pois Spener não se opunha às próprias doutrinas de sua igreja, mas ao modo pelo qual a igreja, nessas doutrinas, tendia a obscurecer a necessidade de uma vida cristã pessoal. Após longos anos de trabalhos pastorais e docentes, Spener fundou a Universidade de Halle, que teria grande importância para história futura das missões (GONZALEZ, 2008, p. 217-221).

¹³ A Contrarreforma Católica foi uma reação da Igreja Católica ao movimento que caracterizou a Reforma Protestante. Para alguns historiadores católicos, não é correto chamar de Contrarreforma, mas de Reforma Católica (VILLOSLADA; LLORCA, 1960, p. 739).

¹⁴ O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi um concílio ecumênico da Igreja Católica. Foi convocado para assegurar a unidade da fé e a disciplina que a Igreja Católica considerava correta, bem como uma reação à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado também de Concílio da Contrarreforma (VILLOSLADA; LLORCA, 1960, p. 747).

O pietismo tem um forte foco na experiência pessoal de fé e introduz fortemente o conceito de conversão, vendo seus pregadores, inclusive, a necessidade de ser feito um apelo no final de cada exposição da Bíblia para que o ouvinte se manifeste publicamente como um ato de conversão pública e identificação de um começo de relacionamento pessoal com Jesus.

O pietismo tem um impacto direto sobre um grupo religioso chamado moravianos mais antigo, inclusive, do que o próprio pietismo. Faz-se, pois, necessário relacionar o entrelaçamento desses dois movimentos, pois o relacionamento de ambos criará uma atmosfera e prática eclesial nos moldes das futuras Igrejas Livres.

Os Moravianos compõem outro grupo de pessoas religiosas que acreditavam fortemente numa vida pessoal de fé e enfatizava fortemente a necessidade de fazer a propagação dessa fé perto ou longe de seu território. Para viver essa vida marcadamente pelo fervor pessoal, criaram comunidades, onde possui muito em comum.

A igreja morávia tem sua origem com John Huss e os Hussitas, conforme já demonstrado anteriormente. Na Morávia o grupo religioso advindo dos Hussitas formará uma denominação chamada de Irmãos Unidos, que tinha quatro princípios fundamentais, que serão bases também do movimento de Igrejas Livres:

- a) A Bíblia é a única fonte originária da doutrina e da prática cristã.
- b) O culto público deve ser modelado segundo o da Igreja apostólica.
- c) A Ceia do Senhor deve ser observada segundo regras neotestamentárias.
- d) Uma vida cristã autêntica é essência para a fé salvífica (CHAMPLIN, 1995, p. 357, v 4).

Em 1722, segundo o mesmo autor, mediante uma forte perseguição sofrida pelos moravianos, “um grupo fugitivo da Morávia foi para a saxônia. [...] A cidade alemã Herrnhut tornou-se ponto de concentração para pessoas de idênticas convicções” (*Ibid.*, p. 357). Em pouco tempo aquela cidade ficou conhecida por seu fervor evangélico, um incansável trabalho e milhares de pessoas eram atraídas para lá.

Naquele mesmo ano (1722), o conde Nicolau Ludwig Von Zinzendorf (1700-1760) entrou em contato com um grupo dos irmãos morávios exilados,

vindo a ser o líder desses irmãos. Zinzendorf estudou na Universidade de Halle, um berço de efervescência missionária, de onde saiu o fundador de um grupo livre em Genebra (GONZÁLEZ; ORLANDI, 2008, p. 220). Esses intercâmbios provocados pela relação entre moravianos e pietistas serão muito importantes para o surgimento das Igrejas Livres na Europa.

Voltando ao pietismo, pode-se dizer que esse movimento “visava um retorno aos princípios originais do luteranismo, absoluta subordinação à letra do Evangelho, e, de modo geral, restrição do culto público e efervescência da piedade pessoal” (KLEMENT, 1999, p. 2). Esses elementos caracterizarão as Igrejas Livres e outros movimentos evangélicos oriundos dessa força socio religiosa.

Esse movimento do final do século 17 é chamado de um avivamento espiritual, especialmente pelos grupos de Igrejas Livres. É importante se fazer notar que esse movimento, terá grande influência no surgimento dos grupos de Igrejas independentes e, concomitantemente, da Igreja Evangélica Livre na Europa propriamente dita, no que diz respeito ao surgimento de uma instituição formalmente reconhecida.

Corroborando com essa ideia pode ser citado um historiador que faz essa relação com o surgimento do movimento de Igrejas Livres na Suíça:

Em 1816, o congregacionista escocês Robert Haldane (1764-1842) se transferiu para Genebra, a fim de atuar como missionário no continente. Em torno dele formou-se um círculo de estudantes de teologia, com os quais lia e interpretava a Carta aos Romanos. [...] em 1817, a constituição de uma comunidade da qual surgiu um grande número de Igrejas Evangélicas “Livres”, que se tornaram o modelo da primeira Igreja alemã do mesmo nome (WEYEL, 2003, p. 53).

Possuía duas características que também chegaram a fazer parte desse mesmo grupo – Igrejas Evangélicas Livres: em primeiro lugar, estava a ideia que a piedade (ou devoção a Deus), deveria ser um componente, como a erudição, na preparação dos ministros. Conclamava a Igreja a regressar à Bíblia como sua única base para a doutrina e a vida e também conclamava a Igreja a viver diante do mundo, de tal forma que as verdades do evangelho fossem uma extensão em suas vidas.

A ideia era que devia notar-se uma diferenciação óbvia entre os cristãos e os não cristãos; em segundo lugar, a Igreja Evangélica Livre deve ao Pietismo a participação ativa dos leigos no serviço da igreja, com a participação de todos os membros da igreja, que resultou na obra missionária moderna (WEYEL, 2003, p. 53).

O surgimento da Igreja Evangélica Livre, assim como é característica dos movimentos, não se dá de maneira ordenada por uma liderança central, mas vai ocorrendo em alguns países concomitantemente, sem articulação intencional. A primeira Igreja Evangélica Livre foi fundada na cidade Suíça de Berna, em 1829. Adolpho Monod estabeleceu a primeira Igreja Evangélica Livre francesa em 1832, em Lyon. Em 1854 Hermann Heinrich Grafe, que conheceu a Igreja de Lyon, fundou a primeira Igreja Evangélica Livre da Alemanha (KLEMENTE, 1999, p. 14).

A partir da região, em que os Valdenses surgiram atrás dos caminhos dos evangélicos fugitivos da França, se estabeleceram Igrejas Evangélicas Livres na Europa. Na Alemanha, especialmente no Estado de Hessen, foram estabelecidas muitas comunidades a partir dos Hugenottes¹⁵, os evangélicos da França, que acharam ali um novo lar (WEYEL, 2003, p. 53-54).

Não será feita aqui a descrição do desenvolvimento da Igreja Evangélica Livre para os países escandinavos, mas apenas deixado registrado que, ao mesmo tempo em que esses grupos se disseminavam nos países mencionados, na Holanda, Suécia, Escócia, Noruega e outros mais, esse movimento se alastrava com muita força (PERSSON, 1998, p. 26).

Não podemos dizer que surgiram numa linha reta descendendo um grupo do outro. Nas palavras dos narradores da história da Igreja Evangélica Livre, “onde Deus deu um avivamento¹⁶ espiritual se formaram igrejas livres” (RODRIGUES, 2002, p. 04). Porém, em poucas décadas, esses movimentos se institucionalizaram e criaram uma Federação Internacional das Igrejas Evangélicas Livres.

¹⁵ Era o nome dado aos protestantes franceses durante as guerras religiosas na França na segunda metade do século 16 (CAINS, 1995, p. 257).

¹⁶ O termo avivamento é cunhado pelos narradores internos da Igreja que veem razões teológicas para o surgimento da Igreja Evangélica Livre. Não é o caso da abordagem que está sendo proposta pela pesquisa, pois está sendo visto como parte dos mundos sociais que os seres humanos criam como parte do seu fazer cultural.

A partir da forte institucionalização desse grupo religioso fazia parte do seu imperativo existencial alargar suas fronteiras. Esse grupo de igrejas que surgiu na Europa inicia a exploração de novos campos para sua expansão, como é o caso da China e do Japão. A expansão para o Brasil acontece como um acidente, algo não planejado, mas que se tornou, ao longo dos anos, uma das suas mais importante frente missionárias.

II – A HISTÓRIA DA IGREJA EVANGÉLICA LIVRE DO BRASIL

As instituições surgem, se estabilizam e se reforçam com a sua expansão, visando criar um estado de estabilidade. Isso está de acordo com o que diz Berger: “As instituições trazem consigo um princípio de inércia, talvez alicerçada, em última instância, na rocha firme da estupidez humana” (BERGER, 1983, p. 80).

No entendimento de Berger, o pronome na terceira pessoa do plural, o “eles” é que domina as ações dos seres humanos. As pessoas se desenvolvem dentro de um sistema com poucas margens para mudanças, pois as instituições servem como uma referência do “eles”, o que acaba por nortear e pautar comportamentos e ações (BERGER, 1983, p. 80-81).

Isso explica como instituições religiosas que surgem com propostas de ser grupos orgânicos com ausência de institucionalidade, caminham por fortalecer a institucionalização do grupo, pois o controle social se torna uma necessidade que a instituição utiliza para se sustentar e dar plausibilidade para sua existência como força social necessária.

Berger, descrevendo a relação do controle social com a sociologia diz que:

Controle social é dos conceitos mais utilizados em sociologia. Refere-se aos vários meios usados por uma sociedade para “enquadrar” seus membros recalcitrantes. Nenhuma sociedade pode existir sem controle social. Até mesmo um pequeno grupo de pessoas que se encontrem apenas ocasionalmente terá de criar seus mecanismos de controle para que o grupo não se desfaça em muito pouco tempo (BERGER, 1983, p. 81).

Verificando os grupos religiosos que emergiram em decorrência dos movimentos de Reforma no século 16 na Europa, é perceptível que esses grupos se levantaram contra o aparelho de controle social da religião Católica Romana, mas que, no decorrer dos tempos, criaram novos instrumentos¹⁷ de controle social para dar sustentação aos movimentos institucionalizados. O que

¹⁷ A Reforma protestante criticou fortemente a hierarquia Católica Romana, cerimônias sustentadas a muito luxo, a aquisição de muitas propriedades, uma estrutura complexa na administração da religião, entre outros. Mas, o que foi visto, com as Igrejas que são oriundas do movimento da Reforma, como os anglicanos na Inglaterra, os luteranos na Alemanha e os reformados nos países baixos é que criaram estruturas semelhantes.

confirma a relação entre controle social e o processo sociológico do estabelecimento das instituições feita por Berger.

Essas considerações podem favorecer a compreensão de que muitos grupos criados, dissidentes, um grupo menor saindo de grupos maiores e bem institucionalizados são resultados de busca de um ideal orgânico, querendo existir sem estruturas institucionalizadas, fortemente amparadas e sustentadas por processos sociais aparelhados por instrumentos de controle. Porém, ao longo de sua existência criaram estruturas que lhes garantem a continuidade como grupo social.

As instituições surgem como resultado da criação de um mundo social necessário pelo homem e que tem um papel social de reforçar e dar plausibilidade a um estado nômico. Segundo Berger e Luckmann, “a inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 75).

Descrevendo como se dá o processo de institucionalização, Berger e Luckmann apontam a necessidade de segurança, economia de vários aspectos da vida do homem e alívio psicológico, bem como o surgimento do hábito na busca dessa segurança e economia, como sendo fatores que precedem a institucionalização. Para eles,

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77).

Segundo esse entendimento, essas ações tipificadas que se tornam habituais são compartilhadas por todos os membros do grupo social e faz sentido, por isso é aceito o fato de que a instituição tipifica os papéis sociais com as ações e seus atores. Quem é responsável por tal ação, fundamentado em quais preceitos e os resultados são esperados com base nas tipificações habituais com assentamentos consuetudinários.

Os autores supracitados ainda dizem que,

As instituições implicam, além disso, a historicidade e o controle. As tipificações recíprocas das ações são construídas no curso de uma história compartilhada. Não podem ser criadas instantaneamente. As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender

adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77).

Por isso, foi julgado importante fazer um panorama histórico do ambiente e processos históricos do surgimento da Igreja Evangélica Livre na Europa, mas também será situada no Brasil em relação ao grupo étnico e sociopolítico o qual serve de plataforma para o seu surgimento. Não será feita uma descrição exaustiva da imigração alemã e suíça em São Paulo, mas se procurará fazer uma pesquisa, considerada suficiente, para o intento deste trabalho, mesmo sabendo que ali se dá o berço das primeiras Igrejas Evangélicas Livres no Brasil.

2.1 A imigração alemã e suíça em São Paulo

É necessário situar a imigração alemã e suíça em São Paulo no contexto do Brasil Colonial e Imperial da época, pois com a chegada da Coroa portuguesa no Brasil Colônia inaugura uma era de imigração como nunca antes naquela Colônia portuguesa. Dom João VI viu a necessidade de conceder terras aos estrangeiros europeus, visando um ganho para as terras do império, pois os europeus estavam muito à frente em relação às técnicas e equipamentos na agricultura.

Antes do movimento de imigração sistemática dos europeus para o Brasil, como a que ocorre a partir de 1827 com os alemães e outros povos, havia germânicos no território do Brasil Colônia, porém não com uma identidade territorial e étnica fechada, mas com especificidades muito próprias, especialmente profissionais da lavoura e militares (OBERACKER, 1985, p. 55).

Na descrição de Oberackero, o primeiro moinho de cana-de-açúcar tocado a água no Brasil Colônia foi obra de um técnico alemão chamado van Hielst. Segundo esse historiador, como o negócio com a cana-de-açúcar se tornara o principal objeto de produção econômica naquele momento na Colônia, precisa ser investido em técnicas que ajudassem a aumentar a produção, e neste particular o Brasil daqueles idos teria contado com um grande apoio de imigrantes alemães (*ibid.*, p. 56).

Nas considerações do historiador, os alemães não tiveram uma presença marcante apenas como técnicos ou na mão de obra agrícola daquele Brasil Colonial, mas cita nomes como Erasmo Schetz como proprietário de engenho e construtor da primeira estrada do país, em 1553; também Pedro Hosel, como dono de empresa de importação e exportação de produtos teutos¹⁸ e também brasileiros; bem como muitos outros germânicos no Brasil imperial, ajudando na construção do Brasil (*ibid.*, p. 56-57).

Olhando mais para adiante, é necessário dizer que de 1750 a 1777, o Brasil Colônia sofreu uma grande reestruturação promovida pelo Marquês de Pombal. Os educadores do Brasil de então, os jesuítas, foram expulsos, o que requereu uma reforma no ensino. Com a descoberta de minerais preciosos nas Minas Gerais, a capital do Brasil Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro, em 1763, um porto mais próximo da exploração das riquezas.

O final do século 18 foi marcado por movimentos de independência em Minas Gerais e Bahia. Pesquisas e documentos dos últimos anos mostram que em ambos houve uma conexão estrangeira em busca de apoio militar: Estados Unidos (Minas) e França (Bahia). Os dois movimentos contaram com a participação de militares e intelectuais do Brasil Colônia que estiveram na Europa. Fica claro que eles não eram ingênuos. Sabiam que um levante contra Portugal requeria apoio externo, como os Estados Unidos tiveram apoio da França e da Espanha para sua independência (IGLESIAS, 1993, p. 64).

O século termina com a Bahia voltando a ser a capitania mais rica da Colônia de Portugal – Brasil, após a queda na produção de ouro e diamantes nas Minas Gerais. Salvador era o principal porto daquele Brasil, a segunda maior cidade do Império Lusitano, atrás apenas de Lisboa, e uma das cidades mais ricas da América.

Mas, no âmbito da geopolítica destaca-se que a Europa estava em erupção napoleônica e isso tem um impacto com o que ocorrerá no Brasil de então, no início do século 19 (OBERACKER, 1985, p. 147). Além de estar produzindo uma mudança no mapa político da Europa essa erupção

¹⁸ Relacionado com os teutões, refere-se ao germânico, que no passado distante recebiam essa designação por falarem uma língua indo-europeia do mesmo nome.

napoleônica causava influência nas colônias e sua relação com as capitais imperiais da época.

Uma das consequências da crise em Portugal será a mudança da sede do império para as terras colônias do Brasil juntamente com a família Real. Esse acontecimento terá um impacto na política de imigração para o Brasil, pois o Regente português no Brasil vê a necessidade de abrir as portas do Brasil para imigrantes europeus que queiram trazer seu conhecimento técnico, sua cultura e seus muitos outros recursos para o desenvolvimento da provisória Capital do Império.

Para isso, iniciam-se as diversas propagandas na Europa sobre doação de terras e boas condições para quem desejar atravessar o Oceano Atlântico e vir para o Brasil. Um projeto do império português para povoar áreas desabitadas passou a ser prioridade, ligado ao desenvolvimento convidava outros países a apoiar a imigração para o Brasil, na tentativa de formar as bases para uma imigração organizada.

A história da imigração alemã para o Brasil, em especial, começou em 1822, quando o major Jorge Antonio Schaffer foi enviado por Dom Pedro I para a corte de Viena e demais cortes alemãs com o objetivo de angariar colonos. Outro motivo era conseguir soldados para o Corpo de Estrangeiros, situado no Rio de Janeiro (SIRIANI, 2001, p. 48).

Estas eram as promessas nas propagandas de convencimento para que o europeu viesse para o Brasil: aqui, eles receberiam grande quantidade de terra, juntamente com vacas, bois e cavalos; auxílio de um franco por pessoa no primeiro ano e de cinquenta cêntimos no segundo; isenção de impostos e serviços nos primeiros dez anos; liberação do serviço militar; nacionalização imediata e liberdade de culto.

“A chegada ao Brasil era um susto. Eles desembarcaram e se viram cercados pela Mata Atlântica”, relata Siriani (2001, p. 119). Os grupos católicos tiveram maior facilidade de adaptação que os luteranos, que mantiveram sua fé a duras penas, já que aqui não existiam templos ou pastores para a celebração dos cultos. A historiadora diz que muitos pais acabavam batizando os filhos na Igreja Católica por falta de opção.

Eles tiveram problemas para aprender nosso idioma, compreender os traços culturais locais e as leis e, principalmente, por causa da desconfiança da população local, que criou estereótipos em relação ao imigrante (explosivo, beberrão, fanfarrão, entre outros) (SIRIANI, 2001, p. 120).

Desse modo, seria dado início à imigração alemã, movimento migratório ocorrido no século 19 para várias regiões do Brasil. Em 1827, por meio de uma portaria do ministro do Império José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, originário de Santos, a Província de São Paulo recebia os primeiros colonos estrangeiros vindos da Alemanha para a Colônia de Santo Amaro (*ibid.*).

Focando a contribuição teuta no Brasil Imperial e especialmente no Estado de São Paulo, o historiador e pesquisador da imigração alemã e suíça no Estado de São Paulo, Fernando Gomes Silva, faz um resumo da imigração destes povos para aquele Estado no século 19:

A mesma se iniciou no estado de São Paulo no ano de 1827, quando foram trazidos da Alemanha 995 (novecentos e noventa e cinco) colonos contratados pelo major Schaffer a serviço do Governo Imperial. Com os referidos imigrantes foram constituídas as colônias de Santo Amaro (na maioria evangélicos) e de Itapeçerica (na maioria católicos). No ano de 1837 por intermédio do Major João Bloem foram trazidos mais 227 (duzentos e vinte e sete) imigrantes em sua maioria prussianos, dos quais 56 (cinquenta e seis) se fixaram na siderurgia de Ipanema em Sorocaba e o restante, ou seja, 171 (cento e setenta e um) foram empregados na construção da estrada Cubatão/São Paulo. No período de 1846 a 1849 o Senador Vergueiro introduziu o sistema colonial de parceria, contratando 506 (quinhentos e seis) imigrantes alemães para trabalhar na lavoura de café junto à Fazenda Ibicaba. Após uma revolta iniciada pelo suíço Thomaz Davatz, que reivindicava melhores condições de trabalho, a Prússia proibiu a imigração para o estado de São Paulo. No ano de 1852, houve a imigração de 36 (trinta e seis) famílias originárias do Holstein, totalizando 170 pessoas. Destas, 27 (vinte e sete) famílias foram trabalhar na Fazenda São Jerônimo de propriedade de Francisco Antonio de Souza Queiroz no município de Limeira. O restante, ou seja, 09 (nove) famílias se dirigiram à Fazenda Sete Quedas, de propriedade de Joaquim Bonifácio do Amaral situada no município de Campinas. No ano de 1862, a Fazenda Ibicaba novamente recebeu mais imigrantes alemães. Compunham-se de 104 (cento e quatro) famílias que eram em sua maioria da Renania Palatinado e da Vestphalia. Segundo informações existiam mais de 100 (cem) localidades com imigrantes de origem alemã e suíça

trabalhando nas lavouras de café no interior paulista. Tal fluxo imigratório introduziu o número aproximado de 8.000 (oito mil) imigrantes de origem germânica e suíça no estado de São Paulo durante o século 19 (SILVA, 2016, p. 2).

Müller, conta que esses imigrantes não chegaram a criar um bairro próprio, como o Liberdade, que concentra a colônia japonesa, ou o Bexiga, que reúne italianos. “Talvez por isso o historiador perca um pouco a dimensão da importância da vinda dos alemães para São Paulo, que foi de extremo valor para a cidade, apesar de esses imigrantes perderem em quantidade para outros povos” (MULLER, 2001, p. 41).

A presença desses colonos foi marcante, tanto para o desenvolvimento do comércio e da indústria local quanto para o processo de urbanização. Os alemães foram pioneiros em uma série de atividades, como na indústria de fundição de ferro e na produção de chapéus — até sua chegada, não havia fábrica desses produtos em São Paulo. Também foram importantes no setor de tipografia, com as editoras.

Alguns vinham como mão de obra especializada, contratados pelo governo provincial. Foram imprescindíveis, por exemplo, na urbanização de São Paulo, pois eram engenheiros e mestres de obras numa época em que não existia esse tipo de formação no Brasil (SIRIANI, 2001, p. 124).

Eles contribuíram muito para a área sociocultural com a fundação do Clube Germânia em meados de 1870 (hoje Clube Pinheiros), a Sociedade Filarmônica Lira (localizada no Campo Belo) e o Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão (OBERACKER, 1985, p. 194-195).

Esse texto apressado, no sentido de descrever uma história longa em poucas páginas, demonstra uma relação do imigrante recebendo, ainda que não o prometido, mas dando, retribuindo na formação do Estado Brasileiro. Se fôssemos aprofundar veríamos que os imigrantes alemães ocuparam posição no governo, nas forças armadas, na indústria, agricultura, engenharia e arquitetura, cultura e em outras áreas mais daquele país em formação.

Mas, é claro que como povo, nacionalidade e etnia os alemães e suíços trabalharam para manter sua identidade cultural o mais intacta possível na

nova terra. Benedict Anderson, em seu trabalho “Comunidades Imaginadas”, onde problematiza a questão do nacionalismo, não como instituição do Estado, mas como sentimento de pertença, diz que “A magia do nacionalismo é converter o acaso em destino” (ANDERSON, 2008, p. 33).

Faz muito sentido a consideração de Benedict Anderson quando se avalia os imigrantes alemães na metade do século 20 na cidade de São Paulo. Não estavam tão apegados ao Estado em si, mas aos elementos identitários da germanidade, como a língua, alguns valores religiosos e mesmo a ideia de raça pura, conforme aponta Ana Maria Dietrich, quando fala da experiência com os imigrantes alemães no Estado do Espírito Santo (DIETRICH, 2013, p. 107, 108).

Um exemplo da tentativa de manter sua identidade nacionalista foram os periódicos jornalísticos desenvolvidos e lançados no Brasil, mas em língua alemã. A Unesp faz uma parceria com o Instituto Martius-Staden, para disponibilizar alguns anos de publicação dos três principais jornais de fala alemã na segunda metade do século 19 e primeira metade do século 20. A biblioteca da Unesp apresenta as publicações citando importantes historiadores da imigração alemã e suíça:

Com o constante crescimento da colônia alemã em São Paulo, surgiu a necessidade de um jornal próprio. Assim, foi fundado por Otto Stieher, em abril de 1878, o jornal *Germania*, o primeiro em língua alemã em São Paulo. É o segundo jornal editado em São Paulo em idioma estrangeiro (o primeiro foi em italiano). No começo, o jornal foi publicado irregularmente, mais tarde vindo a sê-lo duas vezes por semana (SOMMER, p. 370-375). O editor-chefe mais famoso do jornal foi Alberto Kuhlmann (1845-1905), engenheiro e responsável pela construção da linha de bondes, com sistema de tração animal, que ligava São Paulo à Vila de Santo Amaro. Também foi o responsável pela construção do Matadouro Municipal, na Vila Clementino, inaugurado em 1887, que atualmente abriga a Cinemateca Brasileira (ROTHFUSS, p. 31). O acervo do Instituto Martius-Staden possui o jornal *Germania: Deutsche Zeitung für Brasilien* [Germania: Jornal alemão para o Brasil] desde seu terceiro ano de publicação, 01/01/1880 até 1922. Por ser o primeiro jornal em língua alemã, teve grande importância representando a comunidade, cultura e economia alemã em São Paulo no final do século XIX e começo do século XX (SOMMER, p. 387). (GERMANIA, DEUTSCHE ZEITUNG E DEUTSCHER MORGEN: TRÊS JORNAIS EM LÍNGUA ALEMÃ PUBLICADOS EM SÃO PAULO, 2013).

O fato de os alemães e suíços não terem se fixado em bairros com identidade étnica exclusivamente alemãs e suíças não define que estes não se fecharam em torno de sua cultura e identidade. A própria comunicação entre eles por meio de jornais em língua alemã já denota uma busca por manter seus elementos culturais e indentitários, considerados essenciais (ANDERSON, 2008, p. 35).

Isso lança luz para o fato de que as primeiras igrejas de imigrantes, como é o caso da Igreja Evangélica Livre, focam em seus compatriotas e somente forças sociais operando alheias à vontade do grupo religioso os leva a uma abertura para o nacional.

2.2 Suíços e alemães evangelizando seus compatriotas

Neste tópico da pesquisa serão utilizadas, principalmente, as descrições históricas feitas por Traugott Salzman, em um conjunto de documentos elaborado por Johannes Klement e revisadas por Albert Rempel. Situar essas narrativas na teoria de Berger e Luckmann, sobre a construção social da realidade, será uma tentativa constante nesta narrativa.

Estará sendo relacionado um depoimento pessoal, escrito, por Traugott Salzman, que chegou ao Brasil em 1937 com a finalidade de trabalhar com uma Igreja Brasileira para os de fala alemã. Ele situa o início dessa evangelização no princípio dos anos de 1932 com o casal Erich e Hertha Ostermoor, que desenvolviam suas profissões e davam um tempo para o trabalho missionário entre alemães e suíços (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 26).¹⁹

Ele diz que o início propriamente dito da Igreja Evangélica Livre em São Paulo data de antes de 1937. A partir do ano 1932 o casal de missionários Erich e Hertha Ostermoor realizava uma atividade missionária entre alemães e pessoas de fala alemã. Eles conseguiram reunir um grupo de crentes e não

¹⁹ Citações de Salzman por Klement será muito constante neste capítulo por tratar-se de um depoimento pessoal, intitulado de *Surgimento e Desenvolvimento (1937 – 1978)*, daquele que fora o pioneiro do grupo de imigrantes que dará origem a Igreja Evangélica Livre do Brasil. O seu depoimento foi incorporado por Klement em uma apostila que confeccionara com uma história da Igreja Evangélica Livre do Brasil.

crentes (não protestantes) para cultos dominicais e estudos bíblicos durante a semana, mas também havia uma escola dominical para crianças (*ibid.*).

Segundo esse narrador, naquela época vieram a São Paulo muitos jovens menonitas²⁰, rapazes e moças, em busca de trabalho em indústrias e casas particulares. Eles vinham das colônias em Santa Catarina, onde seus pais e familiares, imigrantes e fugitivos da Rússia e do jugo comunista, em condições muito penosas, edificaram uma nova existência. Esses jovens enviavam a maior parte de seus ganhos para casa, vivendo eles próprios modestamente.

O casal Ostermoor tomou-os sob seus cuidados, orientando-os espiritualmente e ajudando-os nas dificuldades que encontraram na cidade grande. Deve ter sido no início do ano de 1937 que o missionário Erich Ostermoor escreveu ao diretor da Casa de Diaconisas “Siloah” (Siloé) na Suíça, perguntando se ele não conhecia alguém que pudesse vir ao Brasil para ajudar na obra missionária, pois além de serem missionários, os Ostermoor possuíam uma loja de bordados que absorvia grande parte de seu tempo (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 54).

A partir deste ponto da narrativa, o próprio Salzmänn, que participou dos primeiros anos do surgimento da Igreja Evangélica Livre do Brasil, mais especificamente em São Paulo, tem a fala como narrando uma experiência pessoal.

Ele mesmo diz que “neste ponto deve ser relatada uma experiência pessoal”:

No fim do ano de 1936, quando estudante no Centro de Treinamento de futuros missionários que era ligado àquela Casa de Diaconisas na Suíça, o jovem Traugott Salzmänn teve de repente a impressão que iria acontecer algo muito importante na sua vida. Ele pediu ao Senhor que lhe mostrasse o seu plano para consigo. Poucos dias depois foi chamado ao gabinete do diretor. Ele lhe disse que havia recebido uma carta dum amigo do Brasil, perguntando-lhe se não conhecia uma pessoa que pudesse ajudá-lo em seu trabalho missionário em São Paulo. “Você gostaria de ir ao Brasil?”, perguntou o diretor. Traugott Salzmänn respondeu: “Por que não?”. Então

²⁰ Cf. ELWELL, Os menonitas são um grupo de denominações cristãs que descende diretamente do movimento anabatista que surgiu na Europa no século XVI, na mesma época da Reforma Protestante (ELWELL, 1990, p. 498).

conversaram e oraram sobre o assunto, e cada vez mais o estudante recebeu a certeza de que era o plano de Deus enviá-lo. No dia 10 de abril, embarcou em Nápolis, na Itália, e no dia 23 de abril de 1937 pisava em solo brasileiro, em Santos (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 54).

Em sua carta, o missionário Ostermoor tinha assegurado que, a partir do momento da chegada do novo obreiro, a igreja em São Paulo iria responsabilizar-se pelo seu sustento. Mas o fato é que esta igreja não existia! Havia, sim, aquele grupo já mencionado, mas não uma igreja constituída e organizada.

Depois de aproximadamente dois anos, Traugott Salzmänn separou-se daquele missionário por diversos motivos e o trabalho ficou sob a responsabilidade do casal Salzmänn. Nunca teve atrás de si uma organização estrangeira garantindo o seu sustento e de sua família, o que significou que o caminho, muitas vezes, lhe foi bastante árduo, mas, segundo as suas palavras: "Deus nunca falhou em sua fidelidade":

Nunca nos faltaram teto e roupa e nunca passamos fome. E eu me considero um privilegiado, pois também nunca me faltaram irmãos e irmãs em Cristo que com grande amor e fidelidade identificaram-se com meu trabalho (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 54).

Desenvolvendo um trabalho missionário em um país com língua, cultura e sociedades muito distintas das suas, e ainda ficar só, depois de dois anos, realmente constitui-se em um grande desafio para este pioneiro da Evangélica Livre do Brasil e a igreja de agora deveria buscar conhecer mais sobre a vida do iniciador desse grupo religioso no Brasil.

Mas, não pode ser esquecido que, embora não negando a abnegação necessária, e os medonhos desafios desse casal missionário, os pioneiros precisam de suas sagas pitorescas para construir uma narrativa que valoriza o agente, bem como a instituição que nasce desse esforço solitário. Como já salientou Berger, as instituições possuem uma história que ajuda na construção de sua plausibilidade (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77).

Como foi construído esse início orgânico da Igreja Evangélica Livre nos anos que precederam a II Grande Guerra Mundial? Sociedades como a brasileira viviam a expectativa do desenrolar do conflito, pois havia interesses políticos que obrigavam o Brasil a se posicionar de lado e isso trouxe uma

necessidade de posicionamento em relação aos estrangeiros no País. Isso terá um impacto no desenvolvimento inicial da Igreja Evangélica Livre em São Paulo.

Em 1937, São Paulo não tinha o tamanho de hoje, sua população era de 1,2 milhões de habitantes (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 27). Mas mesmo assim já oferecia bastante dificuldade para um trabalho missionário entre pessoas de uma língua estrangeira. A maioria dos alemães e das pessoas que compreendiam o alemão morava muito dispersa, muitos na periferia da cidade. Para alcançá-los era necessário percorrer grandes distâncias de bonde, de ônibus e a pé.

Era, pois, forçoso estabelecer lugares de reunião em diversos setores da cidade. Eram casas particulares em Santa Terezinha, Pitangueiras, Santo Amaro, Vila Mariana e Campo Belo. Aos domingos à tarde havia um culto na Igreja Metodista Central, na Rua da Liberdade, Centro. À noite, no mesmo local, no subsolo da igreja, uma reunião para testemunhos, discussão aberta sobre assuntos bíblicos e cânticos (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 56).

Também era distribuído um folheto da Alemanha chamado de “Bote des Friendens” (Mensageiro da Paz). Para este fim havia sido organizada uma missão de folhetos, e a mensagem impressa foi entregue nas casas de alemães em diversos bairros de São Paulo.

Nas palavras do próprio que vivenciou estes relatos:

Num dia da semana à noite, os jovens entravam-se numa reunião, inicialmente no prédio da loja do missionário Ostermoor, e mais tarde, no bairro de Bibi, hoje Itaim, onde um marceneiro ofereceu sua oficina para as reuniões dos moços. Muitas vezes a mocidade se reuniu também no quarto do então moço David Rosenfeld, numa litografia na Liberdade. Lá descia-se uma longa escada até o seu quarto, que os jovens chamavam de “Catacumba” (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 55).

Em 1939 a Igreja Metodista pediu ao grupo que não mais usasse seu templo. O então Presidente Getúlio Vargas tinha sancionado uma lei, visando a nacionalização da vida brasileira, e, por isso, a Igreja Metodista preferiu não mais alojar um grupo de estrangeiros em suas dependências.

O Pastor Martin Begrich, da Igreja Luterana, soube da situação do grupo e ofereceu a Casa Heydenreich, um Centro Comunitário Evangélico no bairro do Paraíso, para os cultos nos domingos à tarde e as reuniões à noite, bem como para as reuniões da mocidade. Durante algum tempo o grupo se reuniu naquele local. O primeiro culto com celebração da Santa Ceia foi realizado no dia 11 de fevereiro 1940 (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 27).

Após a fixação de algumas diretrizes organizatórias numa assembleia da igreja em 28 de janeiro do mesmo ano, havia sido realizada uma recepção de novos membros em 19 de fevereiro e, de acordo com uma Ata, em maio daquele ano a igreja contava com 35 membros. Além destas reuniões houve outras para o estudo bíblico, em outros bairros da cidade (ATA, 1940, p. 11)²¹.

Tal foi a surpresa, no dia 4 de setembro de 1941, o Conselho da Igreja Luterana suspendeu a permissão para uso da casa, aliás, sem mencionar o real motivo para a sua atitude. Mais tarde, foi ouvido que o batismo por imersão que era praticado foi a pedra de tropeço para eles. No dia 9 de setembro de 1941 foi feita a última reunião na Casa Heydenreich. Daí em diante os cultos aos domingos, a escola dominical para crianças e as reuniões de jovens realizaram-se na sala da família Zimmermann em Santa Terezinha (Santana) (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 28).

Em fins de 1941 o Brasil uniu-se aos Aliados na guerra contra as potências do assim chamado Eixo e proibiu o uso das línguas desses países, quais sejam o alemão, o italiano e o japonês. Assim o trabalho da igreja, que era exclusivamente em alemão, recebeu um duro golpe. Foram organizados pequenos núcleos de seis ou sete pessoas que se reuniam em casas particulares.

Para não chamar a atenção dos vizinhos o grupo religioso deixara de cantar. Suspenderam a escola dominical para crianças e as reuniões para jovens. Segundo Salzmänn,

Este tipo de trabalho tinha o seu lado positivo e negativo. O positivo era a possibilidade de preservar a comunhão e estudar a palavra de Deus e orar juntos. Naquele tempo desfrutamos de muitas bênçãos de Deus e tivemos uma comunhão viva uns com os outros. O lado negativo era o fato de que a igreja não

²¹ Este livro de Ata, não possui uma numeração, mas é avulso.

podia mais se reunir como um todo e que as crianças e os jovens não recebiam o cuidado necessário (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 56).

Sob a acusação de serem nazistas ou pessoas do Eixo, muitos alemães, italianos e japoneses foram presos e, em não poucas ocasiões, torturados. A polícia secreta efetuou buscas em casa e houve muitas injustiças (GERTZ, 2013, p. 30-34).

Para poder sobreviver com sua esposa e os dois filhos, o pastor Traugott Salzmänn aceitou um emprego comercial e fora do serviço dava assistência espiritual aos participantes da igreja. Os meios de transporte eram bastante limitados e as filas quase intermináveis, eram tempos muito difíceis.

Depois do término da guerra, em maio de 1945, o grupo continuou, ainda por algum tempo, se reunindo em segredo. Mas em 1946, apesar de ser um reinício tímido, o grupo volta a se reunir abertamente. O pastor Traugott Salzmänn ofereceu sua casa em Santa Terezinha para as reuniões da igreja, que passaram a ser feitas na sua sala de estar. Nas suas palavras, “cantava-se novamente, e as reuniões eram alegres e abençoadas” (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 28). Estudos bíblicos tiveram lugar nos bairros de Santa Terezinha, Pitangueiras e Vila Pompeia.

Por volta de 1947, o pastor Benedito Hirth, da Igreja Cristão Evangélica, ofereceu o templo daquela igreja, na rua Muniz de Souza, no bairro do Cambuci, para os cultos do grupo aos domingos à tarde e as reuniões dos jovens às sextas-feiras à noite. Eles sentiram, então, um grande alívio em poder se reunir com toda liberdade novamente (*ibid.*).

Na narrativa feita pelo pastor Salzmänn, ele descreve como foram os variados sentimentos que o grupo sentiu naqueles anos de retorno:

Os anos na Rua Muniz de Souza não nos trouxeram apenas alegrias, mas também pesados revezes e sérias crises. A maioria dos irmãos darbistas (denominação evangélica fundada por Darby, na Inglaterra) que tinham se congregado conosco principalmente a partir do início da Guerra, iniciaram sua própria igreja depois que alguns de seus irmãos voltaram da Alemanha. Alguns irmãos menonitas que durante mais de vinte anos tinham encontrado acolhida assistência em nosso meio, desligaram-se de nós quando da fundação do lar Meno (Menno-Heim) pelo MCC (Menonite Central Committe), com recursos financeiros e obreiros americanos. Outros afastaram-

se da igreja como Demas (II Tim. 4:10). Mas a fidelidade dos poucos se evidenciou de forma notável. O Senhor deu-nos perseverança e assim pudemos superar esta fase tão crítica (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 29).

No dia 19 de fevereiro de 1949, o grupo celebra uma ceia de fraternidade na casa da família Zimmermann, que havia se mudado para o bairro Pitangueiras. Tomaram parte 25 pessoas e, nessa ocasião, foi deliberado sobre a organização daquele grupo e foram introduzidas fichas de membros, antes mesmo de terem elaborado um regimento interno (*ibid.*, p. 29).

Em setembro de 1952, o pastor Traugott Salzmänn mudou-se com sua família para Santo André. Logo foi iniciado o trabalho missionário entre as pessoas de língua alemã. Crianças foram ensinadas numa escola dominical, formou-se um grupo de jovens, e na casa da família Salzmänn realizaram-se encontros para estudo bíblico (*ibid.*).

Mais tarde a família Rosenfeld também se mudou para Santo André, no jardim de sua residência uma casinha ofereceu o lugar para reuniões e cultos. Aos poucos aquele trabalho de evangelização, também em língua alemã, tornou-se público e a casinha, muitas vezes, não podia acolher todos os participantes.

Até aquele momento, esses dois grupos que vão se formando, estão desconectados da Missão suíça ou alemã. Mas constituem grupos evangélicos voltados para a congregação e evangelização dos compatriotas suíços e alemães. Existe um relacionamento com algumas instituições suíças, mas sem um vínculo denominacional.

2.3 Organização da Primeira Igreja Evangélica Livre do Brasil – Voltada para imigrantes

No dia 2 de agosto de 1959 o grupo se reuniu pela última vez no templo da Igreja Cristã Evangélica. O pastor Benedito Hirth, amigo desse grupo e do pastor Salzmänn, tinha se aposentado e dificuldades foram surgindo para aquele grupo continuar se reunindo no prédio daquela igreja (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 29).

O grupo, embrião da Primeira Igreja Evangélica Livre do Brasil, procurou, então, outro lugar, e o integrante daquele grupo, Johann Rempel, já tinha a solução para o problema: uma grande garagem construída no quintal de sua residência, na Rua Indiana, no bairro do Brooklin Novo. Ali, aquele grupo de pessoas encontrou um novo lar. Lançaram, então, uma campanha para a aquisição de 50 cadeiras.

No dia 30 de agosto de 1959 teve lugar o primeiro culto, e até janeiro de 1971 a maior parte da vida da igreja se desenrolaria nesse recinto: cultos, escola dominical, estudos bíblicos, festas de Natal, de ações de graças e outras.

Salzman faz uma menção de reconhecimento à família Rempel:

Lembrando-nos deste importante período da igreja, sentimos profunda gratidão para com os nossos queridos irmãos Rempel, que nunca mediram esforços para proporcionar todas as facilidades, visando o bom andamento do trabalho (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 57).

No dia 16 de agosto de 1959 foi constituída a Primeira Igreja Evangélica Livre do Brasil, na cidade de São Paulo. Este grupo de evangélicos livres, adota este nome, mas não como parte, neste primeiro momento, do movimento internacional de Igrejas Evangélicas Livres, mas adotam o sentido do nome, a forma de governo, doutrinas básicas que caracterizam o movimento de Igrejas Livres no mundo (*ibid.*).

Os estatutos e o regimento haviam sido previamente elaborados. Inscreveram-se como membros vinte pessoas e foi eleito o primeiro conselho de Irmãos da igreja, assim constituído: Presidente Johann Rempel, Vice-Presidente Arthur Johann, Secretário Fritz Scheld e Tesoureiro Hans Gerd Baus (ATA, 1959, Livro 1, p. 2).

No dia 23 de junho de 1960 a igreja foi oficialmente registrada no Cartório Adalberto Neto, largo do Tesouro, em São Paulo, conforme comunicação no Diário Oficial (SALZMANN, *apud* KLEMENT, *op. cit.*, p. 29). Isso representou uma conquista para o grupo, pois naquele momento se sentia existindo oficialmente.

Enquanto isso, o grupo de Santo André continuava se reunindo e evangelizando outras pessoas alemãs e suíças. Mas, em setembro de 1962 a

família Rosenfeld precisava sair de sua moradia na Vila Gilda, em Santo André. Então, numa assembleia, foi decidida a aquisição do terreno na Rua Filinto de Almeida, na mesma Vila.

No mês de dezembro do mesmo ano foram iniciados os cultos no templo da Igreja Metodista, na Rua Caminho do Pilar, no mesmo bairro onde a igreja adquirira um terreno. Os estudos bíblicos e a escola dominical foram realizados na casa do pastor Salzmann e as reuniões da juventude na casa da família Fluegel. O ano de 1964 foi bastante significativo para a igreja em Santo André. No dia 12 de abril houve a solenidade de lançamento da pedra fundamental e no dia 6 de setembro a festa de consagração do novo templo, atualmente Capela do Salvador (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 29).

Segundo Salzmann, quando a obra foi iniciada, o grupo tinha em caixa CR\$ 700,00. Ao término da construção estava tudo pago. Faltava só o púlpito que, mais tarde, foi doado por amigos. Nas suas palavras, “esta construção foi uma experiência bastante abençoada” (*ibid.*, p. 30). Muitos dos trabalhos realizados na construção contaram com a mão de obra dos componentes do grupo de pessoas a ele arroladas.

Na solenidade de inauguração do templo, que contou com a presença de representantes e irmãos das igrejas Aliança Evangélica de São Paulo e de outras igrejas evangélicas, o pastor Traugott Salzmann, na sua pregação, acentuou: “Com o apóstolo Paulo exclamamos: ‘Como Deus é Fiel’ (II Co 1:18). Ele exclama:

A fidelidade de Deus nos impressiona profundamente nesta hora. Ele é fiel para conosco não porque sejamos fiéis, mas porque ele nos ama. Por isso consideramos esta casa um monumento do amor e da fidelidade de Deus. Nesta casa deverá ser pregado o Evangelho, a Boa Nova, a Palavra da reconciliação. Não temos uma outra mensagem, que a palavra da cruz. Alegremo-nos porque hoje, no primeiro culto nesta casa, não é sobre as denominações que recai a ênfase, mas, sim, sobre a graça de Deus que veio ao nosso encontro no Senhor Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. Que sempre seja assim!” (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 58).

Em janeiro de 1971 terminaram as reuniões na garagem da família Rempel no Brooklin Novo, e todas as reuniões foram transferidas para Santo

André. Com grande empenho os irmãos de São Paulo percorreram cada domingo o longo caminho para assistirem aos encontros religiosos.

Neste mesmo ano (1971) teve início um importante marco para a Igreja Evangélica Livre brasileira, os cultos antes, todos na língua alemã, agora dividem espaço na sua liturgia com a língua portuguesa, abrindo as portas para possíveis pessoas de fala da língua portuguesa.

O início dessa abertura se deu com a chegada de fiéis do Nordeste, o que deu início a um culto bilíngue, no qual começava-se os cultos cantando todos juntos em alemão e português, ouvindo a introdução bíblica em alemão ou português, separando-se as duas alas em seguida. A classe bíblica em português que teve início naquela época e foi realmente o começo do trabalho como ele se apresenta hoje em Santo André, inteiramente em português.

Mas, segundo depoimentos de pessoas envolvidas nesse processo, como Klaus Rempel, em entrevista para esta pesquisa, filho de uma das famílias pioneiras da Igreja Evangélica Livre do Brasil, essa abertura possui uma história engraçada por trás:

Dois irmãos vieram do Piauí com a recomendação de seu pastor que eles procurassem a Igreja Evangélica Livre em São Paulo e se congregassem com aquela igreja. Eles foram no primeiro domingo e toda a liturgia se dava em alemão. Participaram de todo o culto e foram embora. No segundo domingo eles estavam novamente no culto. Os líderes conversavam entre si e achavam que eles não voltariam. Chega o terceiro domingo e lá estavam aqueles dois irmãos. No final do Culto Edmund Speaker, um dos líderes da igreja, disse que não era certo aqueles irmãos assistirem ao culto em alemão e não entenderem nada. Então iniciaram o culto bilíngue (REMPEL, 2017, entrevista conforme apêndice G).

Esta narrativa por trás da institucionalização e desenvolvimento da Igreja Evangélica Livre do Brasil demonstra o que Berger e Luckmann teorizam sobre o fato de a institucionalização ser uma realização do homem e de suas necessidades: “As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77).

Também em 1971, no dia 12 de março, foi efetuado o pagamento da entrada para os dois terrenos na Rua Épiro, Vila Alexandria, em São Paulo. No dia 8 de outubro de 1972 teve lugar a festa de lançamento da pedra

fundamental da Capela do Redentor, a segunda Igreja Evangélica Livre do Brasil a ser organizada (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 30).

Segundo o relato pessoal de Traugott Salzmänn sobre este evento:

O documento relativo a esta solenidade diz: “(...) depositamos a nossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo, que é o mesmo ontem e hoje e o será para sempre (Hb 13:8). Rogamos a Ele que nesta Capela nos dias vindouros muitos almas encontrem seu Redentor, passando assim da morte para a vida. Rogamos, outrossim, que o testemunho desta igreja seja sempre como uma candeia que brilha em lugar tenebroso” (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 59).

No dia 12 de abril de 1974, Sexta-Feira da Paixão, foram iniciados os cultos no salão térreo, ainda em fase de acabamento, com pregações dos pastores Davi Nunes e Edmund Spieker. Esses pastores foram os primeiros pastores constituídos daquela igreja.

No culto do dia 11 de agosto de 1974 o casal de missionários Uwe e Dora Greggersen, cedido pela Missão Evangélica Independente do Brasil (MEIB - Allianz-Mission, a missão transcultural das Igrejas Evangélicas Livres da Alemanha) foram recebidos como membros com imposição de mãos e oração e introduzidos no seu ministério missionário na Capela do Redentor. Sobre o início do relacionamento entre a Missão alemã e as Igrejas de São Paulo será tratado mais adiante, mas pode-se dizer que, com a vinda do casal Greggersen para São Paulo, inicia-se a parceria (*ibid.*, p. 59).

Em 13 de março de 1977 foi inaugurado e consagrado o templo da Igreja Capela do Redentor. Foi um acontecimento importante para a igreja, marcado pela manifestação coletiva de gratidão e grande alegria, pois estava ficando para trás um longo período de peregrinação entre casas, garagens de participantes do grupo e em templos de igrejas solidárias, que abrigaram aquele grupo de protestantes que professavam sua fé pessoal na língua alemã em terras brasileiras, mais especificamente em São Paulo (*ibid.*, p. 60).

Atualmente, a Igreja Evangélica Livre Capela do Redentor, no mesmo endereço, ainda serve como uma referência histórica, mas também de solidez, a qual faz parte de uma narrativa de resistência, mas também de continuar sustentando as bases e valores pregados pelos seus fundadores.

Depois de um período de ministério pastoral de 40 anos, o pastor Traugott Salzmänn aposentou-se em 1977. Durante o culto de despedida, em 24 de abril de 1977, o pastor Salzmänn expressou seu mais profundo desejo para a igreja com o texto de Efésios 4:3: “Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 60).

O Pastor Edmund Spieker, que havia sido ordenado co-pastor no dia 25 de março de 1973, tornou-se pastor titular. O membro fundador da igreja, Johann Rempel foi eleito moderador. Em 1978 juntou-se à igreja o pastor Mario Francisco Junghans e sua esposa Teófila, que, assumiram e deram continuidade à igreja em Santo André. Deram novos impulsos e, sob sua liderança, a igreja cresceu bastante. O pastor Edmund Spieker tornou-se pastor na Capela do Redentor, na qual o investimento em cultos e reuniões na língua portuguesa continuou a se desenvolver (*ibid.*, p. 61).

É perceptível que a identidade desse grupo está muito relacionada ao momento no qual adquirem um espaço definido, como propriedade particular, e que dá uma segurança emocional no que diz respeito a estar fixado em um local que o identifica. Todo esse arcabouço fortalece a instituição e incrementa a narrativa fundacional da Igreja Evangélica Livre do Brasil.

2.4 O Surgimento das Primeiras Igrejas Evangélicas Livres de Missão no Sul do Brasil – Os primeiros missionários da Missão Evangélica Livre Alemã

Alguns historiadores do protestantismo brasileiro, como Emile G. Leonard, classificam o advento do protestantismo brasileiro em dois momentos e em duas modalidades – seria o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão. Esses estão relacionados ao período em que iniciou suas ações no Brasil, assim como, o foco de suas ações e sua origem étnica cultural (LÉONARD, 1981, p. 42).

Faz-se necessário fazer uma visita histórica aos primórdios da evangelização brasileira para identificar esses dois movimentos do

protestantismo brasileiro e como se dá o início de suas respectivas ações e avanços.

Desde o início da descoberta do Brasil pelos navegadores portugueses, este território era de predominância de uma única religião oficial – o catolicismo, até mesmo porque, no momento em que essas terras foram encontradas pelos portugueses, a religião com maior reconhecimento, especialmente no ocidente, era o catolicismo (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 29).

Houve dois momentos de tentativas de grupos protestantes se instalarem no Brasil naquele período chamado de Colonial: em 1555, a expedição, comandada por Villegagnon se instalou na Guanabara e tinha a missão de criar a França Antártica. Esses franceses seriam huguenotes. Em 1630-1654, os holandeses invadiram Pernambuco e parte dos objetivos era que a fé reformada fosse pregada a todos os moradores das cidades.

Depois dessas duas tentativas da fé protestante se estabelecer no Brasil, só se terá presença protestante efetiva aqui com os observadores e distribuidores de Bíblias estrangeiros, as imigrações de ingleses, alemães e outros, e a consequente Constituição de 1824 que, concede liberdade de culto para outros grupos religiosos, com restrições, como acentua Dreher:

Em termos religiosos, a imigração alemã para o Brasil trouxe uma série de novidades para o Brasil. Quando os veleiros que traziam imigrantes para Nova Friburgo/RJ já estavam a caminho, Dom Pedro I, criou através da Constituição outorgada em 1824 a base legal para o ingresso de muitos destes imigrantes. O Parágrafo 5 da Constituição Imperial criava o status da tolerância para os imigrantes ditos acatólicos. Pela primeira vez, grupos de cristãos não católicos podiam entrar no país, em maior número, e aqui organizar-se como comunidade religiosa, mesmo que o mencionado parágrafo restringisse esta tolerância ao âmbito de prédios sem forma exterior de templo. Entre estes imigrantes acatólicos encontramos luteranos, calvinistas, unidos, batistas e, mais tarde, adventistas (DREHER, s.d., p. 1).

A liberdade parcial de culto ocorre por uma necessidade interna de estrangeiros para fazer as terras brasileiras produzirem, o que implica dizer que esse estrangeiro trará sua religião, mas também por acontecimentos externos que criavam um sentimento de necessidade de mudanças na sociedade e isso impacta a relação do Estado com a religião institucional.

Como é evidente, o Brasil não era uma ilha social em relação ao restante do mundo, mas recebia influências dos ideais filosóficos, políticos, religiosos e econômicos europeus. Segundo Francisco Iglésias, o regime político chamado imperialismo no Brasil, tem sua construção nos fins do século 18 com o forte advento do liberalismo e do nacionalismo. Segundo este historiador, "O liberalismo e o nacionalismo são vistos como as duas notas típicas do oitocentos" (IGLESIAS, 1993, p. 89).

Além do impacto do que estava acontecendo no mundo no campo do pensamento, a Igreja Católica tinha uma reconhecida fraqueza, que era a falta de sacerdotes para dar uma assistência pastoral satisfatória aos cristãos, o que resultava em contribuir para um ambiente fértil para novas opções religiosas, no campo do cristianismo.

A partir de uma leitura de Peter Berger, pode-se dizer que as insatisfações sociais, os ideais do liberalismo, bem como do nacionalismo, fazem parte da dialética das realidades sociais, que se movimentam em um processo de exteriorização, objetivação e interiorização. Estes são processos dialéticos fundamentais que se dão em momentos distintos da formação da sociedade (BERGER, 1985, p. 34).

Isso ajuda a entender como o próprio movimentar-se das sociedades de então possibilita e cria a necessidade de aceitação de expressões religiosas diferentes da expressão católica, daí o surgimento do protestantismo brasileiro de imigração.

Wirth, ajuda na compreensão dessa concepção:

Os conceitos "igrejas de transplante", "protestantismo de imigração" e "igrejas étnicas" servem para distinguir as igrejas protestantes oriundas dos movimentos imigratórios daquelas decorrentes de atividades missionárias, que levaram uma parcela da população "autóctone", geralmente adeptos do catolicismo romano, a aderir a uma denominação protestante. Como observa José Míguez Bonino, tanto o conceito de "transplante" quanto o de "imigração" acentuam o caráter exógeno desse fenômeno religioso. Como tais destacam sua procedência, ou seja, ressaltam um aspecto externo como definidor da identidade do grupo (WIRTH, 1998. p. 156).

Conceitualmente, o protestantismo de imigração está bem definido por Wirth quanto a seu tempo e a quem se destinavam suas ações pastorais e

eclesiásticas, mas também, seu caráter identitário com uma etnia externa, bem como tendo a religião como uma força e identidade cultural a ser sustentada.

Wirth, citando Míguez Bonino, amplia ainda mais a compreensão do protestantismo de imigração citando o exemplo mexicano:

Lembra, inclusive, que “Igreja de transplante” foi um conceito originalmente aplicado à Igreja Católica Romana do México. Como tal designava a imposição de uma cultura religiosa, no caso o catolicismo espanhol, a uma população autóctone (BONINO, *apud* WIRTH, 1998, p. 156, 157).

O autor supracitado ainda diz que “neste sentido, o conceito de “protestantismo de transplante” poderia ser aplicado também ao protestantismo de missão, senão a todo o cristianismo na América Latina” (WIRTH, 1998, p. 157).

O protestantismo de missão é aquele, como já definiu Wirth, que visa fazer prosélitos autóctones. Com isso, pode ser dito que o protestantismo brasileiro que se enraíza primeiro é o protestantismo de imigração, que também retrata o primeiro momento do surgimento da Igreja Evangélica Livre do Brasil, como já descrito anteriormente.

Já o segundo momento da Igreja Evangélica Livre do Brasil, caracteriza-se pelo protestantismo de missão, pois se dá a partir da chegada dos primeiros missionários alemães e suíços visando à conversão de brasileiros à fé evangélica protestante e não mais com o foco nos seus patrícios, como havia sido no primeiro momento dessa referida Igreja no Brasil.

A missão alemã da Igreja Evangélica Livre, que envia missionários para fora da Alemanha, chama-se Allianz-Mission. Essa missão, nos anos do final do século 19 aos anos 50 tinha como foco a China e o Japão, portanto não tinha o Brasil como seu foco missionário, mas naqueles anos já iniciava a chegada de informações sobre trabalhos evangelísticos voltados para pessoas de fala alemã no Brasil.

Os trabalhos da Allianz-Mission no Brasil possuem um antecedente curioso. Os primeiros missionários da Allianz-Mission, oficialmente, só são enviados para o Brasil no final de 1959, mas em agosto de 1955 o Casal Kut e Gisela Möller, foram enviados para a cidade de Xanxerê, no Estado de Santa Catarina, e apoiados financeiramente por um grupo de Igrejas Evangélicas

Livres da Alemanha, segundo é noticiado pela Revista Mission-Bote, órgão de imprensa da Allianz-Mission, em sua edição de janeiro/fevereiro de 1989.

Essa mesma publicação detalha assim esse início:

Kurt Möller, que já havia sido o editor da revista para jovens da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres “Der Pflüger”, sentiu um chamado para trabalhar no Brasil. Foi levantada uma oferta pelas IEL’s naquela época. A mesma serviu como base financeira para o início deste trabalho. Inicialmente a Allianz-Mission hesitou um pouco em enviar missionários para o Brasil, pois o trabalho missionário no Japão era novo também. A fundação de uma agência missionária para o Brasil também estava em discussão. Finalmente a AM assumiu a responsabilidade de acompanhar administrativamente o casal Möller. Um recém-fundado Grupo de apoiadores para o Brasil se sentiu de uma forma especial responsável pelo trabalho novo. Kurt Möller iniciou seu trabalho missionário entre brasileiros e índios. Sua esposa, Gisela, formada em medicina, fundou um trabalho médico missionário (GREGGERSEN, 1989, p.9).

O Sr. Kurt Möller já é falecido, mas sua esposa, a missionária e médica Sra. Gisela ainda vive e mora na cidade de Xanxerê. Não está mais ligada à Allianz-Mission, mas ainda serve dentro da vocação de ajudar os mais necessitados.

Com a chegada dos primeiros missionários alemães, da Igreja Evangélica Livre do Brasil, surge a necessidade de uma instituição que abrigue esses missionários e lhes dê apoio institucional. Daí, então, surge a MEIB – Missão Evangélica Independente do Brasil e será esta a instituição responsável pelo surgimento da grande maioria das Igrejas Evangélicas Livres, fruto de trabalho missionário, no Brasil.

A MEIB é a ramificação brasileira da Allianz-Mission. Nela eram representados todos os missionários alemães. Antes da constituição da convenção, colaboradores brasileiros eram integrados na MEIB. As igrejas fundadas foram organizadas sob a direção da MEIB.

Uma vez exposto sobre o primeiro momento da Igreja Evangélica Livre, como um protestantismo de imigração e, agora, tendo apresentado brevemente a MEIB, passa-se a descrever o segundo momento da história da Igreja Evangélica Livre do Brasil que é identificado com o protestantismo de missão.

Depois de o casal Möller vir para o Brasil em 1955 nas condições descrita acima, a AM tem interesse em realizar trabalhos missionários e se envolver com o envio de missionários para o Brasil somente a partir de 1958, com a vinda dos casais Greggersen e Schmidt para uma visita de conhecimento do Brasil e, em 1959, com o envio da primeira missionária, enviada oficialmente pela AM.

A primeira pessoa a vir ao Brasil como missionária enviada oficialmente pela Allianz-Mission foi uma mulher de nome Emmy Huppert, em 1959. Esta era solteira, no alto dos seus 23 anos de idade, com formação em enfermagem e cuidado de crianças, bem como nos estudos em teologia aplicados a missões. Sua formação lhe foi muito útil, pois no primeiro ano no Brasil serviu com o casal Möller na cidade de Xanxerê na área de saúde e em cuidados com crianças, o que lhe ajudou muito no aprendizado da língua portuguesa.

Depois dessa temporada de seis meses em Xanxerê, Emmy Huppert vai para Curitiba, a fim de aprender melhor a língua, depois se muda para Mamborê, onde ajudará na implementação de um orfanato e, posteriormente, servirá nas cidades de Toledo e Cascavel, ainda com orfanatos, mas nos seus últimos anos como missionária serviu plantando Igrejas Evangélicas Livres na cidade de Cascavel, conforme Uwe Greggersen (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Em novembro de 1960 os casais Greggersen e Schmidt chegam ao Brasil como missionários da AM. Até esse momento não existia no Brasil Igrejas Evangélicas Livres para brasileiros. Somente depois da chegada de Uwe Greggersen, sua esposa Dora e o Casal Manfred e Gisela Schmidt é que teve início o estabelecimento das primeiras igrejas. Uwe, um dos mais importantes missionários da AM no Brasil, resume sua atuação nos quarenta anos em terras brasileiras:

Nós chegamos ao Brasil em 1960, novembro de 1960 e trabalhamos no campo missionário até 2000. E a nossa função sempre foi na área de plantação de igrejas, na área de organizar os grupos regionais, começar a Livraria Editora Esperança e depois trabalhar também nos grandes centros e expandir o trabalho sobre o Brasil. Eu sempre era, especialmente, secretário de muitas entidades que foram criadas nessa época. É isso que nós trabalhamos, então, até a

aposentadoria em 2000 (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Foi, então, a partir dos primeiros missionários, que surge uma igreja para brasileiros, pois, conforme descrito anteriormente, as primeiras igrejas em São Paulo são exclusivamente para pessoas de fala alemã, até os anos 70. É curioso que os primeiros missionários que chegam ao Brasil não tenham conhecimento da existência das Igrejas Evangélicas Livres de São Paulo. Quando perguntado a Uwe sobre o que ele sabia da existência de uma Igreja Evangélica Livre do Brasil, ele respondeu:

Igreja Evangélica Livre nós não vimos praticamente nada... mas, em São Paulo ouvimos depois falar que existia uma igreja Evangélica Livre fundada por um missionário suíço, aquela igreja trabalhava mais entre imigrantes alemães e em alemão, em língua alemã... praticamente não tinha desenvolvido nada e a gente estava como pioneiro para começar Igreja Evangélica Livre no Brasil, entre brasileiros (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

A primeira atuação dos missionários, oficialmente enviados pela AM ao Brasil, se dá na pequena cidade do interior do Paraná, Mamborê. Ali iniciaram ações missionárias voltadas para plantação de uma igreja e um orfanato. Esse orfanato, na verdade, é iniciado como uma creche. A intenção era possibilitar o trabalho das mães (KUNZ, 2017, entrevista, conforme apêndice C). Os fundadores desse orfanato foram o casal de missionários Manfred e Gisela Schmidt e a missionária Emmy Huppert, os três já falecidos. Do ano 68 aos anos 70 houve uma mudança desse orfanato da cidade de Mamborê para a cidade de Toledo (KUNZ, 2017, entrevista, conforme apêndice C).

A igreja de Toledo será a segunda igreja da Missão no Brasil, fundada pelos missionários Uwe Greggersen, sua esposa Dora e a missionária Emmy Huppert. Uwe Greggersen descrevendo como iniciaram essa segunda igreja de Brasileiros, diz:

E a segunda viagem nós fizemos para o oeste do Paraná, naquela época oeste do Paraná foi a fronteira do Brasil, fronteira agrícola do Brasil, onde os povos migrantes brasileiros chegavam do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e também do Nordeste e do estado de São Paulo para ocupar terras, o mato mesmo e começar uma rocinha. A nossa ideia era que onde as famílias não têm mais vizinhos, tão deslocados da sua antiga, seu antigo ambiente, também o evangelho deve servir como algo novo, algo interessante, começamos então a pensar Oeste do Paraná como início para um trabalho missionário. Só

que voltando para Curitiba a vida familiar nos ocupou tanto que a gente quase esqueceu aquela impressão do Oeste do Paraná. Ai veio uma carta do nosso irmão Arthur Vinter da cidade de Toledo. Aquela família a gente conheceu durante essa viagem para lá e ele escreveu, olha vocês devem decidir logo se vocês querem chegar aqui ou não porque nós precisamos de um trabalho missionário aqui e se não forem vocês então deve ser outros. Em 63 a gente resolveu mudar para a cidade de Toledo e eu lembro ainda que nós fizemos o primeiro culto de Ceia, Ceia do Senhor, na sexta-feira Santa em 1963, era o início oficial do trabalho em Toledo e o trabalho no Brasil (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Depois desse início na cidade de Toledo, muitos missionários que vieram para o Brasil, tiveram envolvimento nessa igreja e no orfanato que foi transferido de Mamborê para aquela cidade. Esse fato, também justifica o surgimento de muitas igrejas naquela Região do Paraná.

Não serão descritas aqui as muitas experiências que esses missionários relataram em suas respectivas entrevistas, pois consumiriam o espaço reservado para esta pesquisa, mas será citada apenas este breve relato de Dora Greggersen sobre o início da igreja de Toledo, que hoje é a maior da Convenção. Ela fala de um começo simples e sem muita estratégia:

A Emmy e eu fomos de casa em casa, ela com o violão e cantamos e lemos a bíblia, e assim a gente contactou as pessoas e uma coisa era interessante também eu vi antes slides da África, antes que nós chegamos no Brasil e lá tem terra roxa também, então eu pensei “ai que bom! Eu vou para o Brasil, lá não tem terra roxa” (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Dora cita a terra roxa, fazendo graça, porque aquela região de Toledo é terra vermelha e quando venta cria uma nuvem escura de terra roxa. Essa história apenas serve para demonstrar o início desafiador para esses missionários que deixavam seu conforto e vinham para uma terra desconhecida com ausência quase que total de infraestrutura.

Missionários como Werner, sua esposa Edeltraud Thomas, Helmut e Ilse Klassen ajudaram no surgimento de novas igrejas em cidades como Cascavel, Palotina, Corbélia, Ubitatã e depois desceram para Curitiba. Todos esses missionários se envolveram com a cultura brasileira, tiveram seus filhos no Brasil, inclusive muitos desses filhos residem aqui até aos dias de hoje.

Missionários alemães, como Erick e sua esposa Ursulla Geil, Peter e sua esposa Agnes Boldt, iniciaram novas igrejas em Santa Catarina, onde atualmente se encontra uma das maiores contingências das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil (BOLDT, 2017, entrevista, conforme apêndice A).

Do trabalho missionário, do surgimento das igrejas, nasceram projetos sociais que foram além do orfanato, que hoje é um projeto com escola e profissionalização, não apenas para a classe mais pobre, mas que atende a classe média e alta com uma escola de referência; em São Paulo, Recife, Escada, Cabo de Santo Agostinho e Camboriú surgiram projetos que atendem os menores em áreas de risco e vulnerabilidade social; assim como uma editora, casas de acampamentos, escolas e várias parcerias em diferentes frentes.

Ainda um dado histórico importante sobre o início da Igreja Evangélica Livre para brasileiros, é o fato de esta não ter se chamado Evangélica Livre até o ano de 1984, por ocasião da criação da CIELB – Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. Ela primeiro se chamou Igreja Evangélica Independente.

2.5 A unificação da Igreja Evangélica Livre para os imigrantes com a Igreja Evangélica Livre dos brasileiros

Depois de missionários alemães estabelecidos no Brasil, igrejas levantadas para brasileiros, se inicia o relacionamento entre as igrejas de missão com as igrejas de imigração em São Paulo. O primeiro passo para a integração futura, será a ida do Missionário Uwe e sua esposa Dora para trabalhar com as igrejas alemães, mas pensando em abrir-se para a pregação e cultos em português, focando os brasileiros (SALZMANN, *apud* KLEMENT, 1999, p. 30).

Perguntado sobre como se deu o início dos diálogos para unificação das igrejas de imigração com as igrejas de missão, Werner Thomas responde com as seguintes palavras:

Nós, como tivemos as mesmas raízes na Europa, pensamos que seria bom termos o contato, então, com alguns missionários, como na época, Manfred Schmidt, Uwe Greggersen e eu, Helmut Classen. Fizemos contato com Traugott Salzmann, mas também contato com missionários da Suíça, que trabalhavam na Meib, no Nordeste do Brasil. E juntos, nós nos reunimos para ver as possibilidades de termos trabalhos sociais e trabalhos também religiosos para não, ou digamos, para somar valores e assim tivemos alguns encontros, procuramos estudar um princípio de fé de Igreja Evangélica Livre. Nós (igrejas de missão) até iniciamos como Igreja Evangélica Independente a partir de 1973, mas não cuidamos de registrar esse nome e quando nós quisemos registrar percebemos que já existia outra igreja adotando esse nome. Só como missão ficou esse nome, mas nós adotamos o nome de Igreja Evangélica Livre que já fora registrado pelas igrejas de imigrantes em São Paulo e Santo André (THOMAS, 2017, entrevista, conforme apêndice V).

A partir dessas conversas o relacionamento entre as duas igrejas foram se intensificando e trabalhando juntas para desenvolver projetos de formação e treinamento de pastores. A MEIB passou a administrar as igrejas, no que diz respeito a abrigar os pastores brasileiros, pagando-lhes os seus honorários e fornecendo acompanhamento para os pastores e missionários e supervisão às igrejas.

Na entrevista com Johannes Klement, lhe foi abordado sobre os desafios para esses dois grupos trabalharem juntos, que ele descreve com as seguintes palavras:

Isso foi feito de um trabalho de 4 anos e esses 4 anos não foram fáceis! Porque tinham visões diferentes e a Igreja Evangélica Livre de São Paulo e de Santo André, da ala brasileira, esse foi o grupo que juntou essas duas alas. Os alemães do Oeste do Paraná junto com os alemães de imigração da Capela do Redentor. E o jeito da Igreja Evangélica Livre do Brasil se encontrava na maneira de como fazer o culto, das alas brasileiras de São Paulo, com esse jeito todo mundo poderia viver, mas esses primeiros 4 anos foram complicados. Tinha algumas desavenças, tinha alguns conflitos, nessa direção: O que vai ser financiado? Como vai ser financiado? Como vamos fazer as coisas? Nessa época, pra mim, junto com o pastor Mário, que era o primeiro presidente e naquela época tinha um cara que se chama Pedro Klassen, era brasileiro de origem menonita, mas, mais brasileiro do que menonita [...] (KLEMENT, 2017, entrevista, conforme apêndice VI).

Em alguns momentos da entrevista com Uwe, ele chega a dizer que os primeiros missionários tinham uma repulsa por alemães e não cogitavam a

possibilidade de evangelizar seus patrícios. Essa afirmação dá a dimensão do desafio que foi juntar esses dois grupos e afinar um alvo em comum para suas ações missionárias.

Aqui se tem uma tensão entre os dois grupos – um com ações missionárias voltadas para imigrantes alemães, enquanto outro voltado para trabalhar com brasileiros. Essa tensão estabelecida foi a responsável pelo afastamento dos dois grupos durante muito tempo e a criação de igrejas distintas – em São Paulo era a Igreja Evangélica Livre para os imigrantes e no Sul do Brasil a Igreja Evangélica Independente para os brasileiros.

Ainda mais que os primeiros missionários alemães que adentraram o Brasil viveram em um período histórico, quando era vergonhoso identificar-se como alemão, pois os rastros da II Grande Guerra ainda eram marcas profundas na identidade alemã. Por isso, talvez tenha havido uma renúncia inconsciente do fator identitário. Essa possibilidade pode explicar a determinação da maioria desses missionários de não ver como projeto do futuro o retorno para o seu país de origem. Isso será abordado no último capítulo desta pesquisa.

Johannes Klement, perguntado sobre o trabalho conjunto de missionários alemães e os alemães das igrejas de imigração em São Paulo, as primeiras igrejas que surgiram dessa parceria, ele responde:

Uwe estava em São Paulo ainda. Mas, o trabalho com os brasileiros que continuava da Missão, não era muito fácil não! A Allianz-Mission havia iniciado com o Uwe, em Campo Belo, uma Igreja Evangélica Livre. Conny e eu começamos em Interlagos, hoje, essas duas igrejas já não existem mais! Falar sobre essa história, porque não deu certo, é uma outra história! Mas, começava a plantar igrejas e estávamos juntos com a Capela do Redentor, que é a igreja maior, claro e através da Capela do Redentor começava uma igreja em Sorocaba e com isso nos juntamos com os irmãos (KLEMENT, 2017, entrevista, conforme apêndice E).

Nos primeiros anos os dois grupos tiveram que fazer grandes renúncias na sua maneira costumeira de agir focando seu grupo alvo, mas tanto a nova realidade dos imigrantes quanto a presença dos missionários alemães no território da Evangélica Livre de imigrantes notadamente estabeleciam uma mudança sem retorno.

A aproximação entre as duas igrejas vai criando uma estrutura que passa a ser imperativa na junção dos dois grupos, pois o que identificava, no início, o grupo de igrejas de imigração, já não mais responde pela sua identidade total. Em um processo natural de filhos e filhas de alemães, que não sabiam a língua portuguesa, casarem-se com brasileiros e brasileiras – a segunda geração – muitos já não mantêm a língua materna.

Até a fundação da convenção a missão exercia então uma influência direta sobre as igrejas individuais. Os pastores brasileiros eram remunerados por meio da Missão. Da mesma forma estavam registrados prédios das igrejas e outros bens de patrimônio em nome da MEIB. Na época da constituição da Convenção, onze casais de missionários e oito missionárias solteiras estavam atuando no Brasil (KLEMENT, 1999, p. 66).

Importante lembrar que, no início dos anos oitenta, juntou-se a equipe de missionários alemães e as igrejas, um grupo de cinco missionários americanos que vieram para o Brasil com a intenção de começar novas igrejas no Rio de Janeiro e realmente efetivaram esse desejo. Mas, sem dúvida, pesaram muito as lutas históricas entre os dois povos, alemães e americanos, o que dificultou em muito os primeiros anos de trabalho em conjunto.

O diálogo entre as igrejas inaugura um passo importante para o surgimento da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. Lembrando Berger, as instituições são uma necessidade criada pelos homens para dar plausibilidade a um novo mundo social criado, mas para serem compreendidas, faz-se necessário entender seu processo histórico de vir a ser (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77).

Antes de existir uma relação institucional entre esses dois grupos houve uma aproximação relacional. Descobriram afinidades e o que os distanciava, mas também o potencial de se tornarem mais abrangentes e relevantes caso se unissem. Deram passos lentos de trabalhar em parceria, mas seguiram; missionários alemães mudando-se do Oeste do Paraná para servir a igrejas em São Paulo; projetos de formação de pastores surgiram de conversas bilaterais e seguiram até 1984, quando oficializam a institucionalização que estava em curso.

III. DE 1984 ATÉ A ATUALIDADE

A Igreja Evangélica Livre do Brasil, como já visto anteriormente, vem em um processo de consolidação entre a igreja brasileira, mas também como instituição que visa fincar suas afirmações teológicas, organizacionais e sua trajetória histórica, como aquela que rompeu com o Estado na Europa e estabeleceu um legado para as Igrejas Livres no mundo, que advieram desse movimento socio-religioso.

Posicionar esse movimento na história faz-se de uma tarefa muito importante, pois, além de ser um movimento mundial que dá início a uma nova concepção de ser igreja, separado do Estado, pois é importante frisar que, mesmo as igrejas que surgiram, oriundas do movimento de Reforma, como luteranos, presbiterianos, reformados, anglicanos, permanecem concebendo o Estado como um braço de Deus, ao lado da igreja, como ministro de Deus no mundo.

Paulo Freire parece até estar parafraseando Berger, no que diz respeito ao surgimento de um estado *nômico* na sociedade, quando ele diz:

Uma determinada época histórica é constituída por determinados valores, com formas de ser ou de comportar-se que buscam plenitude. Enquanto estas concepções se envolvem ou são envolvidas pelos homens, que procuram a plenitude, a sociedade está em constante mudança. Se os fatores rompem o equilíbrio, os valores começam a decair; esgotam-se, não correspondem aos novos anseios da sociedade. Mas como esta não morre, os novos valores começam a buscar a plenitude. A este período, chamamos transição. Toda transição é mudança, mas não vice-versa (atualmente estamos numa época de transição). Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos (FREIRE, 1979, p. 17-18).

Esse conjunto de frases que se formam em um pensamento tipicamente Freiriano, especialmente sobre o fato de o homem ser descobridor e libertador de si mesmo, é válido para os primeiros pensamentos sobre a Igreja Evangélica Livre em seu processo de vir a ser uma instituição que não tem

mais as mesmas batalhas de outrora, quando pelejava a árdua batalha de ser reconhecida como igreja genuinamente cristã em meio a um relacionamento de mutualidade entre Igreja e Estado.

A Igreja Evangélica Livre se descobre no Brasil como uma igreja de missão e de imigração. Não mais tendo uma justificativa para a bandeira de imigração, ela toma um rumo de se compreender e se estabelecer como uma denominação, assim como muitas outras presentes no Brasil, que faz prosélitos em um país, com uma forte presença católica, católico, especialmente naquele meio dos anos 80.

Fazer duas tradições evangélicas se considerarem um mesmo corpo denominacional, com uma única frente de trabalhos, nunca é fácil, provavelmente se fosse ser estudada a história da fundição das instituições, especialmente com semelhança ao presente caso, provavelmente se constataria isso. Pois, o que se tem na tradição protestante é um número maior de casos de separação dos grupos com raízes em comum.

Para ter garantias de que seria um passo dado com substância nas decisões, em um espaço de menos de dez anos os dois grupos se unificam e também fundam uma organização que serviria como fator unificador entre os dois grupos. Como se verá em seguida, a organização contaria com representantes dos dois grupos para garantir a defesa de pontos caros para cada grupo.

É muito importante não ser feita uma descrição apologética do desenvolvimento dessa instituição, mas descrever seu desenvolvimento a partir da teoria de Berger e Luckmann, que será notado que todo esse movimento institucional faz parte de uma dialética social no desenvolvimento dos grupos sociais que se organizam e criam estruturas como respostas às mudanças e necessidades que são impostas no decorrer dos acontecimentos das sociedades.

São vários os departamentos e órgãos que surgirão, ao longo dos anos, na Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil com a finalidade de fortalecer a afirmação que defendia a necessidade de Órgão Convencional

para abrigar as igrejas, bem como para dar legitimidade para essa estrutura e seu poder subsequente.

3.1 – Os desafios do grupo de igrejas independentes viverem em uma Convenção Nacional

A história da Igreja Evangélica Livre na Europa, já demonstra o desafio de Igrejas Livres viverem ordenadas por uma Convenção, pois no seu DNA está a ideia de igrejas livres, sem vínculos com uma instituição normatizadora, assim como sem dependência de uma organização hierárquica que faça interposição na sua definição de missão e na sua organização interna, no que diz respeito a doutrinas, governo, finanças, disciplina e vida comum de sua existência comunitária.

Um exemplo da preocupação de que a igreja local não perca sua autonomia é a sinalização presente nos credos da Federação de Igrejas dos EUA e da Confederação das Igrejas do México, pois assim se expressa:

[...] “e que cada igreja local tem direito, debaixo de Cristo, para decidir e governar seus assuntos”. Em essência, todos partilham a mesma limitação de que a igreja não tem e jamais teve uma liberdade absoluta sem o domínio de Cristo, tal e como a Bíblia (e nós diríamos, somente a Bíblia) o sinaliza. O governo da Igreja é Teocrático e não Democrático (RODRIGUEZ, 2002, p. 25).

No início do movimento das Igrejas Evangélicas Livres nos EUA, era comum o tema da unidade, sem perder a diversidade e a autonomia. Quando os grupos de igrejas vão surgindo e a necessidade de associações dessas igrejas para organizar suas ações também, surge junto a ênfase de que não se queria Convenção. É o que Omar Rodriguez destaca tratando deste momento da Igreja Evangélica Livre na América do Norte:

O primeiro grupo de sete crentes noruegueses-dinamarqueses, se reuniu em Boston em 1884, sob a direção de um pregador itinerante da Noruega. O mesmo ia acontecendo em várias cidades do país, durante vários anos. Em 1891, um grupo de igrejas se reuniu para formar a Associação Evangélica Livre do Oeste (congregacional). Neste mesmo ano, o Dr. R.A. Jerberg, presidente do Instituto Norueguês-Dinamarquês, ajudou a organizar a Associação do Leste para promover a fraternidade e ajuda mútua às igrejas livres da região. Se estabeleceram Sociedades Missionárias para alcançar os escandinavos da

América, porém não se pensava em denominação, pelo temor que havia de converter-se em uma (RODRIGUEZ, 2002, p. 16).

Essa mesma preocupação e resistência percebida nas Igrejas da América do Norte, sem dúvida, tem sua origem no surgimento desse movimento na Europa. Nas primeiras décadas deste movimento de igrejas, foi sentida a necessidade de associações serem formadas para a organização de plantação de novas igrejas, mas a ênfase em não Convenção era recorrente, como se pode ver em um registro feito por Wilhelm Gilbert, por volta do fim dos anos 1970, no registro de Omar Rodrigues: “Do ponto de vista da independência acentuada de uma igreja evangélica livre local é possível entender que essa primeira união internacional das igrejas se desenvolveu apenas lentamente e sobreviveu somente algumas décadas” (GILBERT, *apud* RODRIGUEZ, 2002, p. 17).

Essas considerações deixam claro que o surgimento das Convenções, em outros países, sempre foi marcado por tensões, especialmente porque esse processo de intensificar a institucionalização, que já acontece sem as organizações, traz o receio da religião perder sua força orgânica-pessoal. Berger lança luz sobre isso quando diz que:

A Religião manifesta-se como retórica pública e virtude privada. Em outras palavras, na medida em que a religião é coletiva, ela deixa de ser “real”; na medida em que é “real”, deixa de ser coletiva. Essa situação representa uma severa ruptura com a função tradicional da religião, que é precisamente estabelecer um conjunto integrado de definições de realidade que pudesse servir como um universo de significado comum aos membros de uma sociedade (BERGER, 1985, p. 146).

Berger vai continuar, nas suas considerações, dizendo que o reconhecimento da religião como uma manifestação coletiva que identifica seus membros, sua definição e função social, perde sua força de construção de mundos parciais e acaba, em muitos casos, na sua estrutura de plausibilidade, “não indo além de um núcleo familiar” (*Ibid.*)

Pode-se dizer, ainda, que o que ilustra bem a desconfiança do movimento de Igrejas Livres no mundo para com a institucionalização de suas relações é, pois, o fato desse movimento ter sua origem por volta de 1780, somente em 1854 ter a primeira Igreja Evangélica Livre na Alemanha, mas apenas no ano de 1916, uma organização de jovens, de alguns países iniciar o

que, mais tarde, seria uma confederação de Igrejas Evangélicas Livres (PERSSON, 1998, p. 74).

Não se pode esquecer, todavia, que nos séculos 18 e 19, momento histórico de desenvolvimento dessas igrejas, todo movimento de Igrejas Livres era rechaçado pelo Estado e pelas igrejas estatais, o que saudava um imperativo institucional organizacional daquele movimento. A necessidade de segurança e estabilidade é mais forte do que a identidade de autonomia local e vínculo apenas relacional entre as igrejas locais.

As considerações de Berger e Luckmann fazem muito sentido para explicar a necessidade institucional, que o grupo impõe a si mesmo, pela qual passa o movimento de Igrejas Livres no mundo:

Empiricamente a existência humana decorre em um contexto de ordem, direção e estabilidade. Surge, então, a seguinte questão: De que deriva a estabilidade da ordem humana empiricamente existente? A resposta pode ser dada em dois níveis. É possível indicar primeiramente o fato evidente de que uma dada ordem social precede qualquer desenvolvimento individual orgânico. Isto é, a ordem social apropria-se previamente sempre da abertura para o mundo, embora esta seja intrínseca à constituição biológica do homem. É possível dizer que a abertura para o mundo, biologicamente intrínseca, da existência humana, é sempre, e na verdade deve ser, transformada pela ordem social em um relativo fechamento ao mundo. Embora este enclausuramento nunca possa aproximar-se do fechamento da existência animal, quando mais não seja por seu caráter humanamente produzido e, por conseguinte, “artificial”, é capaz, contudo, na maioria das vezes, de assegurar a direção e a estabilidade para a maior parte da conduta humana. A questão pode, então, ser transferida para outro nível. É possível perguntar de que maneira surge a própria ordem social. A resposta mais geral a esta pergunta é a que indica ser a ordem social um produto humano, ou, mais precisamente uma progressiva produção humana. É produzida pelo homem no curso de sua contínua exteriorização (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 73-74).

As ponderações de Berger e Luckmann sobre o fato de a ordem social ser um produto humano lembra a tensão sobre a qual se apontou antes, sobre o processo tenso do surgimento de uma Convenção Nacional das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. O surgimento dessa convenção é resultado dessa dialética, já tão bem explicitada, quando o surgimento desse grupo no Brasil já estabelece uma tensão com o estado de *nomia* corrente, mas que o grupo se estabelece tornando seus *status* de *anomia* temporário em algo estável, ou

seja, um novo estado de *nomia* que precisa de plausibilidade, o que justifica o processo de surgimento e fortalecimento da organização.

Com base na breve descrição do relacionamento da Igreja Evangélica Livre, historicamente, com sua identidade de igrejas locais autônomas e as necessidades locais crescentes, em termos de organização em Convenções e Federações, pode-se dizer que o desfecho em igrejas locais autônomas que se compreende representadas por Convenções nacionais é resultado de um processo de exteriorização que visa colocar em ordem um mundo socialmente criado.

Tendo sido feita essa digressão histórica e teórica, pode-se, então, descrever o estabelecimento da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil e seus desafios de aprenderem a viver nessa estrutura social que, por sua vez, estabelece acordos, metas, normas que serão responsáveis pela plausibilidade social do relacionamento entre entidades individuais e uma entidade guarda-chuva.

Como já fora descrito no capítulo anterior, os missionários alemães que chegaram ao Brasil no fim dos anos 50 para início dos anos 60 sentiram-se impulsionados para trabalhar no interior do Estado do Paraná, onde, ao longo dos anos, fundaram uma série de igrejas, que inicialmente eram conhecidas como Igrejas Evangélicas Independentes.

Como as igrejas de São Paulo e do Paraná tiveram a mesma origem na Europa e por cultivarem sempre mais intensamente a comunhão fraternal, resolveu-se unificar o nome das igrejas, chamando-as Igrejas Evangélicas Livres e alguns missionários passaram a mudar-se para São Paulo e apoiar as igrejas de imigrantes naquela região.

Compartilhando as igrejas dos mesmos objetivos, dos mesmos interesses, da mesma doutrina, e tendo agora um mesmo nome, resolveu-se fundi-las dentro de uma mesma convenção, fundada em 21 de junho de 1984, em São Paulo, com o nome de Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. Isso aconteceu como resultado de longo período de acertos e definições de posições de cada grupo (KLEMENT, 1990, p. 5).

Segundo Johannes Klement, em entrevista, as conversas para essa fusão e criação de uma convenção teriam ocorrido por iniciativa do então presidente da Allianz-Mission. Ele justifica isso em dois momentos de sua entrevista, primeiro quando fala de seu início na Allianz-Mission:

Então, saímos da igreja em 31 de julho de 83 e comecei a ser empregado em primeiro de agosto de 83 da Allianz Mission. E esse era exatamente o tempo da preparação da Convenção no Brasil. Eu acho que o Heinz Müller foi a pessoa chave para que a Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil acontecesse como aconteceu! Porque ele foi em 82 para o Brasil e ele falou para mim que essa seria a grande tarefa para desenvolver uma igreja autônoma no Brasil, que não depende da Missão (KLEMENT, 2017, entrevista, conforme apêndice E).

Em um segundo momento, Johannes volta a falar da importância de Heinz Müller para o início de uma Convenção e união das igrejas, quando se pensa nele como um fomentador dessa possibilidade, quando diz:

Talvez, mais uma coisa sobe a Convenção. Eu falei nessa época, muito com Heinz Müller e Heinz Müller falou sobre sua visão sobre a obra missionária do Brasil. Ele disse: nós precisamos trabalhar em conjunto! E, se nós, como alemães, temos uma qualidade é que nós somos capazes de juntar várias culturas. Alemanha é um país que vive no meio de muitos outros países. E a Alemanha mesmo, tem muitas tribos que se juntaram e trabalharam bem juntas (*Ibid.*).

O missionário Uwe, um dos mais antigos e que também esteve à frente de muitos desses processos de união das igrejas e também criação da Convenção, concorda que a Missão alemã tem influência direta nesse empreendimento institucional. Na sua visão, isso se dá, especialmente por uma questão econômica, pois a Missão alemã tinha interesse que as igrejas brasileiras assumissem suas responsabilidades econômicas (GREGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Na Ata da MEIB de 25/07/1984, é feito um registro sobre a fundação da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres. Segundo a Ata de oito de agosto de mil e novecentos e oitenta e três, as igrejas existentes contavam com um número de membros efetivos, num total de 364 membros e 511 participantes (MEIB, 1983, Livro 1, p. 28).

Johannes Klement descreve sobre o início da Convenção e os desafios que apareciam como fatores que criavam maior desconforto nessa junção de grupos de crentes com tradições evangélicas distintas:

A primeira diretoria da Convenção não foi classicamente eleita, mas foi feita uma chapa de representantes de São Paulo, junto com representantes dos missionários. Eu não tenho na cabeça a primeira chapa, mas foi realmente juntado que tínhamos líderes dessas igrejas que fundaram a primeira diretoria da Convenção. E isso foi feito de um trabalho de 4 anos e esses 4 anos não foram fáceis! Porque tinham visões diferentes e a Igreja Evangélica Livre de São Paulo e de Santo André, da ala brasileira, esse foi o grupo que juntou essas duas alas. Os alemães do Oeste do Paraná junto com os alemães de imigração da Capela do Redentor. E o jeito da Igreja Evangélica Livre do Brasil se encontrava na maneira de como fazer o culto, das alas brasileiras de São Paulo, com esse jeito todo mundo poderia viver, mas esses primeiros 4 anos foram complicados. Tinha algumas desavenças, tinha alguns conflitos, nessa direção: O que vai ser financiado? Como vai ser financiado? Como vamos fazer as coisas? (KLEMENT, 2017, entrevista, conforme apêndice E).

Klement ainda acrescenta outros fatores desafiadores na construção da desejada unidade entre as Igrejas Evangélicas Livres do Sul do Brasil e aquelas do Sudeste. As diferenças elencadas por ele estão, especialmente, no campo da estrutura social e econômica, o que dificultava a busca de uma unidade na estrutura da administração eclesiástica e a definição de prazos para busca de autonomia financeira das igrejas do bloco:

Não tínhamos diferenças teológicas, isso foi bom! Mas, tínhamos diferenças na maneira como viver a fé. Por exemplo: a igreja em São Paulo era, desde o começo, uma igreja autônoma e foi liderada pelos irmãos da igreja e o que era muito forte dentro da igreja alemã: o pastor era empregado da igreja. No Oeste do Paraná, o trabalho missionário, o missionário tinha uma grande dominação e era o líder. A igreja em São Paulo era uma igreja de classe média, também de classe média alta, com poder aquisitivo e a maioria das igrejas do Oeste do Paraná saiu de uma população mais carente. Economicamente, as igrejas do Oeste do Paraná mamavam da missão da Alemanha, era economicamente dependente da Alemanha, a Igreja Evangélica Livre de São Paulo não era dependente da Alemanha, tinha seus próprios recursos. E esse foi um grande desafio para chegar ao Oeste do Paraná a serem igrejas autônomas economicamente e em São Paulo, que o pastor teria um papel de respeito; que a igreja não poderia fazer o que queria com o pastor (*Ibid.*).

As constatações acima corroboram a ideia de Berger e de Luckmann de que as estruturas sociais são um fazer do homem para que o seu mundo social ganhe sentido e se estruture, pois segundo eles “a inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para a sua conduta” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 75).

Quando é mencionado o interesse da AM de contribuir para que o grupo de igrejas brasileiras se transforme em um organismo convencional e dê passos para a sua autonomia organizacional, na descrição podem ser percebidas as intenções, mas para Berger e Luckmann é mais uma construção da realidade social em curso, com atores sociais construindo uma nova realidade social para aquele grupo se compreender no mundo (*Ibid.*, p. 74).

As disparidades econômicas, sociais e de estruturas de concepção de liderança foram forças percebidas, mas desafiadas, no sentido de disposição de serem encaradas como desafios, mas não impossibilidades para a construção da desejada unidade das duas igrejas, uma Independente, outra Livre.

O Estatuto Social da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil resume sua finalidade com os seguintes pontos:

A Convenção tem por fim cooperar com o desenvolvimento do Reino de Deus em todos os seus aspectos e por todos os meios lícitos. Para alcançar esse fim, a Convenção promove:

- a) Comunhão e solidariedade através de convenções nacionais e regionais das igrejas filiadas e apoio na constituição e edificação de novas igrejas.
- b) Treinamento e preparação de obreiros, cursos, retiros e trabalhos com crianças, jovens e adultos.
- c) A criação e manutenção de instituições religiosas, de ensino teológico, educacionais, sociais e a prática da diaconia nas igrejas.
- d) Edição e publicação de literatura, discos, cassetes e programas de rádio e televisão.
- e) Missão no interior e exterior.

Cooperação com a Federação Internacional das Igrejas Evangélicas Livres e as Convenções de diversos países, bem como intercâmbio com outras igrejas, denominações e instituições nacionais e relações públicas que não contrariem os princípios da Confissão de Fé das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil (CIELB, 1984, p. 1).

Nas finalidades já está exposta a necessidade de fortalecer a estrutura denominacional e criar mecanismos de força que viabilizem a sustentação dessa instituição e crie uma necessidade de sua existência junto às igrejas afiliadas. Será visto mais adiante que os departamentos criados, no âmbito da Convenção são mecanismos que vinculam igrejas locais e Convenção através de serviços disponibilizados a essas congregações arroladas.

Claro que isso é muito comum nas instituições dessa natureza, mas o que se está destacando é o quanto isso testifica da razoabilidade da teoria de Berger e Luckmann, no que tange à Construção Social da Realidade. A Convenção, através de sua liderança e da liderança da Missão na Alemanha, tinha ciência de que não bastava a força jurídica de uma instituição representativa para que as igrejas se unissem e aceitasse passivamente essa condução diretiva e não mais orgânica, como se dava até 1984.

No capítulo dois dos Estatutos da Convenção, que fala dos membros, está claro que esta relação mudará, pois assim diz:

Artigo 3º - São membros da CIELB todas as Convenções Regionais das Igrejas Evangélicas Livres, admitidas na forma prevista nestes Estatutos.

Parágrafo 1º - São admitidas como membros da CIELB, as Convenções Regionais constituídas que aceitem os estatutos da CIELB, e que sejam aceitas em Assembleia Geral.

Parágrafo 2º - Qualquer Convenção Regional que, por ato de indisciplina ou rebeldia indispor-se contra os Estatutos da CIELB, sofrerá intervenção por esta, e as suas Igrejas-membros passarão provisoriamente à tutela da CIELB.

Parágrafo 3º - As Convenções Regionais que não se mantiverem fiéis aos presentes Estatutos e deixarem de ser membros da CIELB, ou que venham a se dissolver, perderão todos os direitos sobre móveis e imóveis, cedendo-os, por força dos presentes Estatutos à CIELB (CIELB, 1984, p. 2).

O vínculo da Convenção com as igrejas locais será apenas relacional, mas com forte presença diretiva através das Convenções Regionais, órgãos criados, no ato da criação da CIELB. Um debate, inclusive ainda presente, que tem sua raiz na fundação desta Convenção, é a fragilidade dos patrimônios das igrejas locais, pois estes, especialmente por decisões posteriores, passarão a estar sujeitos à CIELB. Na atualidade nenhuma igreja local pode ter seus imóveis em seu próprio nome.

Todas essas questões levantadas constituem desafios que este grupo de igrejas, que se denomina como um movimento internacional de Igrejas Livres, não aceitando ingerências de Instituições Convencionais, tiveram que lidar com a institucionalização e seus desdobramentos no Brasil. Tiveram e têm que lidar com aquilo que é o DNA deste movimento – a autonomia das igrejas locais.

É inegável que se tem um ponto de muita tensão na relação acima descrita. Pois, as Igrejas locais resistem para não perder sua autonomia em decisões sobre o seu futuro, especialmente considerando peculiaridades regionais onde cada Igreja está inserida. Também, há uma resistência para não perder o poder de decidir sobre a contratação dos seus pastores, por esse motivo há tensão entre Igrejas que ignoram algumas exigências da Convenção e esta por sua vez não quer perder o controle diretivo do conjunto de Igrejas locais.

Como foi mencionada, também acima, a relação da Convenção com as Igrejas locais quanto aos patrimônios. Uma congregação local compra seus imóveis, porém precisa registrar no nome de uma instituição a parte. Isso tem gerado ao longo dos anos muito insegurança de lideranças locais, o que leva alguns grupos locais a manter suas propriedades em nome da Comunidade local.

Berger descrevendo a relação entre a religião e a criação de mundos sociais diz: “se é necessário que se construam mundos, é muito difícil mantê-los em funcionamento” (BERGER, 1985, p. 19). Em outra obra, ao lado de Luckmann, Berger defende que uma das formas de manter os mundos socialmente criados é através da institucionalização desses mundos ou seus operadores, não necessariamente institucionalização como a descrita – CIELB. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 66-122).

A estrutura da CIELB, claramente, está dentro daquilo que é esperado de uma instituição que precisa de uma estrutura que legitime aquele quociente social. Berger e Luckmann dizem que:

A legitimação é este processo de “explicação” e justificação. A legitimação “explica” a ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados. A legitimação justifica a ordem institucional dando dignidade normativa a seus imperativos práticos (BERGER; LUCKMANN, p. 124).

A Convenção vence seus desafios, que foram levantados no princípio deste tópico, valendo-se de instrumento de cognoscência, como trazer o exemplo do relacionamento dentre igrejas e Convenção na Alemanha e em outros países, para a ideia bíblica de bispos supervisores e para o risco de igrejas se “perderem” doutrinariamente. Essa plataforma de conhecimento é

usada para legitimar as normas para o bom andamento do relacionamento Convenção e igreja e entre as próprias igrejas coirmãs.

3.2 – Os Departamentos Nacionais da Igreja Evangélica Livre do Brasil

Antes foi mencionado que a Convenção das Igrejas Evangélicas Livres – CIELB, no ato de sua fundação, também estabelece a necessidade de se organizar em departamentos, ou conforme sua linguagem, em ministérios para fazer funcionar aquilo que foi estabelecido em suas finalidades na relação com as igrejas locais.

No capítulo três do Estatuto Social da CIELB, que conta com três artigos e um parágrafo único, no qual descreve a relação com as Convenções Regionais, que compõe o primeiro departamento da CIELB a ser relacionado nesta pesquisa, e estas Convenções Regionais, por sua vez com as igrejas locais, que são os seus membros, diz:

Artigo 5º - As Convenções Regionais são formadas por Igrejas Evangélicas Livres, locais, situadas numa determinada região.

Parágrafo Único: Cada Igreja local deverá ter os seus Estatutos compatíveis com os Estatutos de sua Convenção Regional e por ela aprovados.

Artigo 6º - Os Estatutos das Convenções Regionais deverão ser compatíveis com os Estatutos da CIELB e por esta aprovados.

Artigo 7º - Os princípios para a fé e prática das Convenções Regionais e suas Igrejas filiadas deverão ser conforme as diretrizes da CIELB. (CIELB, 1984, p. 2)

Está claro neste capítulo do Estatuto que as igrejas locais se relacionam com a CIELB por meio das Convenções Regionais, mas será visto na descrição dos próximos departamentos que existem momentos em que a CIELB poderá fazer intervenções nas igrejas locais, mas as Convenções regionais representam o modo ordinário desse relacionamento.

Quando da organização da Cielb, contava com sete igrejas organizadas e 364 membros e 511 participantes, quatro Convenções Regionais – Sul, Paraná Sul, a Convenção Regional do Oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul e Sudeste. A Convenção Regional do Nordeste fora fundada no ano de 2007, como resultado de trabalhos em conjunto de alemães e brasileiros.

As Convenções Regionais, por seu expediente, se estruturam, criam seus Estatutos Sociais e Regimentos Internos, também para ter instrumentos que operam forças que convergem para a realização de sua missão, bem como legitimam a necessidade de sua existência. Essas Convenções Regionais possuem diretorias ligadas à CIELB, até mesmo porque, nos últimos anos, todos os diretores regionais fazem parte da Diretoria da CIELB.

Por força de Estatutos, as Convenções Regionais recebem dez por cento de todas as entradas das igrejas locais afiliadas, por outro lado, as Convenções Regionais repassam vinte por cento de suas entradas para a CIELB e esta repassa dez por cento das doações recebidas para a Confederação Internacional das Igrejas Evangélicas Livres. Estão conectadas por um vínculo relacional, mas também de solidariedade financeira, conforme atesta o Estatuto da CIELB (CIELB, 1984, p. 3, 4).

Durante muitos anos a CIELB recebeu muitos recursos da Allianz-Mission para pagar seus pastores, manter projetos sociais, escolas, editora, livrarias e as próprias Convenções Regionais, pagando, inclusive, o presidente da CIELB. Atualmente, a Missão faz parceria com a CIELB e as Convenções Regionais através do apoio a projetos sociais no Paraná e em Pernambuco. Os presidentes da CIELB, bem como das Convenções Regionais são voluntários, não recebendo valores monetários por isso.

Se durante muitos anos as igrejas locais percebiam instâncias relacionais consigo era através da Missão alemã representada pela MEIB. Esse relacionamento vai sendo enfraquecido à medida que tem uma base principal em recursos financeiros. Esse estado de *nomia* vai, paulatinamente, sendo questionado e enfraquecido e a busca por uma igreja de identidade mais nacional está em curso como estado de *anomia*. As Convenções regionais funcionam como o estabelecimento de plausibilidade, ou seja, será uma nova instância relacional, porém sua proximidade se dá por forças estatutárias.

Outro departamento importante criado pela CIELB, a fim de dar sustentação a sua estrutura institucionalizada, foi um Seminário – SETIEL – Seminário Teológico nas Igrejas Evangélicas Livres. O processo de institucionalização carece de uma instância que se ocupe de viabilizar sua

aceitação como instância superior aceita pelos associados e isso se dá pela construção de uma narrativa de sua história de sucesso.

Para que a transmissão dessa trajetória ocorra é fundamental a apropriação de uma tradição e que seja fundada sobre uma gênese cognoscente. Berger e Luckmann explicitando como se dá a criação dos mundo sociais institucionalizados e sua transmissão, dizem:

[...] o mundo social exige legitimação, isto é, modos pelos quais pode ser “explicado” e justificado. Isto não acontece porque pareça menos real. Conforme vimos, a realidade do mundo social torna-se cada vez mais maciça no curso de sua transmissão. Esta realidade, porém, é histórica, o que faz chegar à nova geração como tradição e não como memória biográfica (BERGER; LUCKMANN, 2014, p.85)

O Setiel, como parte importante de conferir legitimação para o novo estado de *nomia* que as Igrejas Evangélicas Livres do Brasil estão a viver nessa dialética social da instituição. Instrumentaliza a instituição com uma tradição, mas também com o conhecimento necessário para criar uma identidade do porque ser como se é Evangélica Livre (*Ibid.*). Logo, pode-se dizer, com base na teoria de Berger e Luckmann, que órgão da CIELB, tem uma função importante na dialética social que localiza a CIELB como produto social de um grupo da sociedade e que tem um papel legitimador desse seu estado social.

A história do desenvolvimento institucional e acadêmico do SETIEL está intimamente relacionada à cosmovisão ministerial e eclesiológica da CIELB. Será apresentada uma relação de datas e dados relevantes que delinearam a concepção e desenvolvimento do SETIEL, de acordo com um resumo apresentado no site deste seminário e será apresentado com mais detalhes, pois trata-se do principal instrumento de criação de unidade e identidade institucional na Igreja Evangélica Livre do Brasil.

Data	Ações	Nomes	Responsáveis
1984	Iniciam o curso de Formação nas Igrejas Evangélicas Livres	Johannes H. Klement e Pedro Klassen	Johannes Klement e Pedro Klassem
1985	O primeiro programa é organizado na Igreja Evangélica Livre de Santo André	Mário F. Junghans	Johannes Klement

1987	O curso FIEL é iniciado também nas Igrejas dos estados do Paraná e de São Paulo. No estado de Santa Catarina, a Igreja Evangélica Livre de Blumenau tem início o treinamento para líderes denominado Formação Ministerial.	Claudio Ebert	Johannes Klement
1988	Estabelecem-se cooperação com o Instituto Irmãos Menonitas (ISBIM) em cursos noturnos para alunos da Cielb.		Johannes Klement
1990	Inicia um programa de treinamento baseado na coleção "Obreiro Aprovado", com a permissão da Editora Vida Nova, ampliando o curso FIEL.	Missionários Robert Allison (EUA), Professor Pedro Klassen	Johannes Klement
1992	Lançamento oficial do curso FIEL baseado na coleção Obreiro Aprovado		Johannes Klement
1997	O Departamento de Apoio e Formação de Obreiros (DAFO) da CIELB convoca a primeira consulta de Formação de Obreiros das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. ²²	Pr. Fred R. Bornschein,	Johannes Klement e Fred Bornschein
1998	É estabelecido o Seminário Teológico nas Igrejas Evangélicas Livres – SETIEL.	Johannes Klemente	Johannes Klement e Fred Bornschein
1999	O Seminário é introduzido nas Igreja que voluntariamente aderiram ao programa.		Johannes Klement
2001	Em reunião da Diretoria da CIELB em novembro desse ano, o SETIEL ingressa, como órgão da CIELB, na Junta Patrocinadora para a criação da Faculdade Fidélis (Curitiba/PR).		Donato Cavalheiro
2002	Iniciam-se os Módulos Intensivos do SETIEL visando a formação e aperfeiçoamento acadêmico tanto		Donato Cavalheiro

²² Nesta primeira consulta, em maio de 1997, são tomadas algumas decisões: As IEL's devem ser organizadas em células, pequenos grupos ou grupos familiares e com liderança plural para os pequenos grupos.

Em sua função pastoral, o pastor, como treinador de líderes e futuros pastores, deve igualmente ser professor, mentor e conselheiro para os líderes de células e grupos pequenos, os quais por sua vez tem a responsabilidade pelo cuidado pastoral dos membros de suas células.

Futuros pastores devem emergir do grupo de líderes dos grupos pequenos da igreja onde já agregaram experiência e habilidades ministeriais básicas a formação de vida e caráter. O ensino básico e treinamento de liderança devem acontecer a partir da igreja local. A igreja de amanhã deve dar respostas às perguntas das pessoas.

	dos obreiros que já atuam na CIELB quanto dos futuros candidatos a obreiro.		
2003	Em 12 de março é realizada a Assembleia Constituinte do Seminário Teológico nas Igrejas Evangélicas Livres – SETIEL.		Donato Cavalheiro
2004	Em dezembro deste ano, a Faculdade Fidelis (Curitiba/PR) recebe autorização para o curso de Bacharelado em Teologia do Ministério de Educação (MEC) e elaborara seu primeiro “vestibular” para o próximo ano.		Fred Bornchein
2005	O SETIEL adota definitivamente o material do CCBT (Center for Church-Based Training) como ferramenta didática e pedagógica.	Dimas Pauck	Fred Bornchein
2006	De 2006 a 2011 os acontecimentos giram em torno dos cursos ministrados pelo SETIEL. O Setiel passa a ser responsável por construir uma identidade denominaional através dos cursos ministrados a cada três meses na Região de Curitiba.		Dimas Pauck
2012	O SETIEL é afiliado a AETAL		Dimas Pauck
2013	Inicia no segundo semestre o Ensino à Distância. Como projeto piloto, oferecemos o curso Igreja Social e Culturalmente Relevante.	Werner Kroker Johannes Heimer	Dimas Pauck
2015	Acontece também 1º Encontro de Integração de Obreiros. Novos pastores passar por um período de dois anos como parte de um processo de integração.		Dimas Pauck
2016	Acontece o 3º Congresso SETIEL, “Ética para Liderança no Contexto Brasileiro”. Acontece também o Retiro para Pastores e Presbíteros, nas cidades de Recife, São Paulo, Toledo e Blumenau, ministrado por uma equipe de irmãos americanos em parceria com a igreja brasileira.	Valdir Steuernagel Dean Steve Spelmam	Dimas Pauck

2017 ²³	Acontece o 4º Congresso SETIEL, com o tema “Esgotamento Ministerial”.	Fábio Leonora Ceribelli Hairton Jaqueline Gonçalves.	e e e Dimas Pauck
--------------------	---	---	----------------------------

Como já considerado antes, o SETIEL é parte importante da construção social da CIELB como realidade construída para legitimar socialmente sua estrutura e papel junto às igrejas locais. O próprio desenvolvimento do SETIEL demonstra a dialética social, pois em um primeiro momento ele é estabelecido como força social da CIELB, resultado de tentativas de dar uma uniformidade doutrinária às igrejas, porém, esse estado de *nomia* é questionado socialmente, o que traz mudanças de pessoas, programas, nomes e estratégias. Mas, a natureza organizacional desse grupo de igrejas sempre trará a tensão para que o SETIEL seja uniformizador doutrinário, uma vez que as igrejas são autônomas.

Por esta razão há uma tensão entre aquilo que a CIELB estabelece como o rumo denominacional e aquilo que as igrejas locais elegem para ser a sua identidade doutrinária, compreensão eclesiológica, pastoral e outras distinções. Neste caso, o SETIEL sempre se encontrará como um instrumento de controle social com sua força minorada em função de a natureza das igrejas locais ser, sobretudo, de autonomia.

Além de instituições que dão plausibilidade para a CIELB como uma estrutura necessária que determina estado *nômico* para os seus associados, essa instituição também possui seu projeto de expansão para fora do seu território, então é instituído outro departamento, chamado de Associação Missionária das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil – AMEL, que é responsável por enviar missionários para fora do Brasil e a outras etnias, como indígenas.

Conforme resumo da história do surgimento desta instituição, apresentado no seu site, como departamento da CIELB, há uma evolução na

²³ Neste ano inicia a transição da presidência do SETIEL do Pr. Dimas (atualmente residindo nos EUA) para o Pr. Nonato (atual Presidente Regional no Nordeste). Essas informações foram retiradas do site do SETIEL (SETIEL, 2018).

concepção do que é atualmente, não um departamento, como iniciou sendo, mas uma instituição denominacional, porém com operação fora da Evangélica Livre também.

Inicialmente este Departamento de Missões visava a plantação de igrejas no Brasil tendo como idealizador para o início das atividades o Pr. Johannes H. Klement e um intenso desejo de fazer missões que os líderes das IEL's da época experimentaram. Foi uma época de despertar para missões em nosso meio e motivados por esse espírito missionário foi criada uma comissão organizadora da AMEL com a participação de Albert Rempel, Roberto Welzel, Ottmar Schrupp, Johannes Klement, Valmor Quintani e outros. Fruto deste despertar, em 02 de junho de 2001 durante Assembleia realizada na IEL Boqueirão, sendo esta AG dirigida pelo Pr. Mario F. Junghans, com a presença de 11 Igrejas Membros fundadoras a AMEL foi constituída. Foi adotado o modelo alemão de organizar-se uma Associação Missionária independente, para que tivesse a autonomia e também o trânsito em outras denominações, sem guardar uma exclusividade com a denominação Evangélica Livre, porém sendo a sua agência missionária denominacional e não um departamento da CIELB. Segundo os Estatutos da AMEL, ela tem por objetivo prestar assessoria e suporte às Igrejas Evangélicas Livres no desenvolvimento da visão e práticas missionárias, bem como na identificação, treinamento e envio de missionários, visando promover a pregação e o ensino do Evangelho de Jesus Cristo, bem como o exercício da assistência social, de acordo com a Bíblia (AMEL, 2017).

A AMEL tem um importante papel em fomentar a influência da denominação, mas também ter sua presença em outros países reconhecida pela IFFEC (International Federation of Free Evangelical Churches), tendo, assim, uma função política no âmbito internacional, pois as instituições precisam sobreviver simbolicamente em comparação com seus pares.

Pode-se dizer que o surgimento da AMEL se dá por uma necessidade que emerge de apoiar as igrejas locais que já estavam enviando missionários para outros países, mas que, quando esta se organiza e está fazendo o seu curso, necessidades de que essa organização também atenda a objetivos políticos se juntam e esta instituição vai se moldando como produção social para fins de fortalecimento da instituição maior.

Seu estado de *nomia* inicial é confrontado pelos questionamentos de sua abrangência e como instância que pode atender às novas necessidades da

entidade a que esta está a serviço com o fim de dar plausibilidade, legitimando sua ação para fora do país, seus muitos recursos humanos e financeiros.

Enquanto a AMEL é um braço de relacionamento internacional da CIELB, a Secretaria de Plantação de Igrejas – SPI é um departamento que visa ao crescimento nacional da denominação e, assim como outros departamentos ou instituições dentro da CIELB, seguem o modelo da Convenção alemã de se fortalecer na Alemanha e fora da Alemanha.

Esse departamento surgiu depois de uma viagem de um grupo de dez pastores da Evangélica Livre no Brasil para a Alemanha, a fim de verificar e aprender com o que a IEL estava fazendo na Alemanha na plantação de novas igrejas. Então a Missão Alemã comunicou que estava disposta a fazer um investimento por um período de 10 anos para o desenvolvimento da IEL no Brasil.

Com o retorno desse grupo surgiu, então, esta secretaria de plantação de Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. Essa secretaria, atualmente, concentra todos os projetos das igrejas locais para início de uma nova igreja. Também ajuda na elaboração de projetos, no treinamento de plantadores e otimização dos recursos para esse fim destinados.

Como uma instituição que surge do fato da sociedade ser instável, de constituir mundos caóticos socialmente, também é caracterizada pela ausência de permanência do seu estado inicial. A SPI, como parte desse mundo instável socialmente é resposta sempre alterada como força social de ampliação da influência da CIELB.

Berger e Luckmann dizem que “toda a transmissão exige alguma espécie de aparelho social. ...Toda transmissão de significados institucionais implica obviamente de controle e legitimação” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 96). Berger e Luckmann estão tratando de instituição do fazer social, não necessariamente material, mas que tem sua aplicação para a instituição de grupos como o que ora é tratado aqui.

Os apontamentos feitos acima ressoam no fato de um órgão como o SPI funcionar como um aparelho social que liga sempre o surgimento de uma nova igreja à CIELB, fazendo uma ligação entre estas desde seu surgimento, mas

também aponta para o mundo social em constante construção, nas palavras de Berger “a relação entre a atividade humana e o mundo que ela produz é e permanece dialética, *mesmo quando se nega esse fato*” (isto é, quando ele não está presente à consciência) (BERGER, 1985, p. 108).

O que faz dizer que essa instituição é parte da criatividade social que a realidade social impõe a constantes mudanças e reinvenções como explicação e legitimação de sua existência na sociedade.

A CIELB, com o passar do tempo, percebeu a necessidade de atuar na orientação ética e doutrinária dos seus pastores e igrejas associadas, daí surgiu outro departamento, o Conselho de Ética e Doutrina – CED, que visa dar um tratamento para desvios éticos, morais e doutrinários dos pastores e acompanhar as lideranças das igrejas, quando estas apresentarem disfunção na concepção da ideia de a igreja ser conduzida por um colegiado e não por uma figura central.

Esse departamento é de suma importância para que a instituição tenha sua legitimidade defendida e tenha um instrumento que estabeleça limites na liberdade dos pastores e das igrejas. Pode ser dito que a igreja é livre, mas nem tão livre assim, pois quando uma igreja local ou um pastor é acompanhado por esse Conselho, no final vêm as diretrizes e não aceite dessas diretrizes geram rupturas.

A Igreja Evangélica Livre está em um momento de muita discussão sobre esse aspecto fundamental de sua identidade histórica no mundo, mas quer olhar para os novos desafios de cada tempo e saber responder às perguntas do tempo presente. Mas, diminuir a liberdade das igrejas associadas pode provocar ranhuras e rachaduras nesse vínculo relacional sempre sensível.

Isso quer dizer que o estado *nômico* está em tensão constante e que a condição presente aponta para questionamentos indicando o surgimento de um novo estado *anômico* que, por sua vez, precisará de plausibilidade.

Durante os primeiros anos da Igreja Evangélica Livre de Missão no Brasil, a Missão alemã era responsável por todos os custos, conforme observado anteriormente nesta pesquisa, incluindo templos, casas pastorais,

aposentadorias, salários e outros custos, pois não existia uma organização brasileira que administrasse esses relacionamentos e suas implicações decorrentes.

Em consequência disso, criou-se um grande patrimônio em propriedades, como terrenos, imóveis de vários níveis e naturezas. Com os anos, a Missão perdeu propriedades na justiça, pois o relacionamento dos pastores se dava com a Missão e não com a igreja local, o que fazia com que ações na justiça para tomar propriedades, seja por causas trabalhistas ou por razões eclesiais, acontecessem com certa frequência.

Para evitar essas perdas e dar segurança jurídica, a MEIB, que inicialmente era a missão que abrigava os missionários estrangeiros no Brasil, tornou-se uma instituição que resguarda o direito legal sobre todas as propriedades das igrejas, da CIELB, das Convenções Regionais, da Editora, dos Projetos Sociais, dentre outras.

Vai sendo percebido, que essa instituição segue um padrão do processo de legitimação peculiar nas instituições, especialmente eclesiais – meios de tornar plausível suas ideias encampadas em um monumento institucional – instrumentos que viabilizam uma construção cognoscente da necessidade e força social da instituição. Depois de Convenções Regionais, que diminuem a distância entre igrejas locais e a CIELB; Seminário, que estabelece um currículo identitário; associação missionária, que dá uma visibilidade política para fora, meios de expansão nacional; instrumentos que administram a ética, moral e doutrina e instância que administra bens duráveis, existe o instrumento que divulga suas crenças e também tem função política – uma editora.

Um dos presidentes da Editora Esperança, Walter Feckinghaus, narra assim a história desta editora.

No ano de 1968 a Missão Evangélica Independente do Brasil (MEIB) fundou, no oeste do Paraná, na cidade de Cascavel, a Editora e Livraria Esperança. O desejo da MEIB foi poder oferecer à igreja brasileira boa literatura e material didático, auxiliando, assim, a edificação do corpo de Cristo. O Missionário Pr. Uwe Greggersen foi o instrumento que Deus usou para iniciar essa obra. Quando o Pr. Uwe se mudou para São Paulo, no ano de 1975, a

Missionária Marlies Feckinghaus assumiu, com muito entusiasmo e disposição, o trabalho na Editora e Livraria Esperança. Foi possível alugar uma sala mais no centro da cidade e não demorou muito a Livraria se tornou conhecida em toda a região do Oeste do Paraná. Esta Livraria deu o capital inicial em Livros, Bíblias e Discos para mais três Livrarias que a MEIB iniciou. No ano de 1982 foi fundada a Livraria Esperança em Campo Mourão, logo em seguida foi iniciada uma terceira Livraria em São Paulo, no Bairro de Campo Belo, e, mais tarde, mais uma em São Paulo, no Bairro Paraíso (FECKINGHAUS, 2018, p. 2).

Durante 20 anos a “Editora” existiu apenas como livraria Esperança, tendo somente o nome de Editora, porém sem editar nenhum livro. Durante um retiro que a MEIB realizou na cidade de Curitiba, no ano de 1987, quando o Dr. Russel P. Shedd trouxe as mensagens e em conversas particulares os irmãos sonharam sobre, eventualmente, iniciar o trabalho da Editora com o irmão Dr. Shedd, que, naquela época, era o responsável pela editora Vida Nova.

Esse encontro foi o início do trabalho da Editora Evangélica Esperança. Logo em seguida dois livros foram lançados em coedição entre a Editora Vida Nova e Esperança. O primeiro livro por conta própria foi “1000 Esboços Bíblicos”, e este logo se tornou um “best-seller”, especialmente entre os pregadores leigos.

A partir do ano de 1998 foi iniciada a edição da série de comentários bíblicos com o nome de “Comentário Esperança”. Os livros de Marcos e Mateus são o início de mais de 20 livros do Novo e em seguida do Antigo Testamento que a EEE prepara para seus leitores. Estes volumes são traduções dos melhores comentários que foram lançados em alemão sob o título “Wuppertaler Studienbibel” (*Ibid.*).

Atualmente são mais 130 títulos publicados pela Editora, aumentando mais ainda com a aquisição da Editora Encontro dos luteranos (*Ibid.*).

Poder-se-ia, ainda, descrever as obras sociais, como escolas, centro de recuperação para drogados, centro de apoio a crianças e adolescente em áreas de riscos sociais, amparo e reintegração de pessoas de rua e ex presidiários e ex presidiárias, mas o objetivo da pesquisa em abordar a institucionalização da Evangélica Livre do Brasil e seus mecanismos sociais de

demarcação e fortalecimento de suas estruturas já foi alcançado com os departamentos descritos.

3.3 – Voltando para terra dos pais, deixando a terra dos filhos

Mais adiante, no último tópico desta pesquisa serão feitas algumas considerações sobre a transição de liderança que a Igreja Evangélica Livre do Brasil se encontra e as perspectivas de futuro para essa igreja de origem germânica e suíça, mas, agora, totalmente brasileira, porém com fortes relacionamentos com a Alemanha e como ainda sofre certo nível de influência por parte da missão fundadora. Mas, neste momento da pesquisa, serão feitas descrições dos desafios emocionais e mesmo de pertencimento e de mentalidade para um retorno à terra pátria.

A Igreja Evangélica Livre do Brasil, ainda tem um relacionamento de parceria com a Allianz-Mission, o que significa que a CIELB ainda recebe missionários para apoiarem seus trabalhos, especialmente na área de apoio a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Mas os novos missionários são jovens, com perfil muito diferente, especialmente de apoio, e não mais com intuito de liderar novos projetos ou mesmo de serem pioneiros em iniciativas de plantar novas igrejas ou algo semelhante.

Aqueles missionários pioneiros, que chegaram ao Brasil sem filhos, outros ainda solteiros ou solteiras, todos já deixaram o Brasil. O último a retornar para a Alemanha fez isso a contragosto em abril de 2017. Enquanto esta pesquisa está sendo realizada o último missionário alemão que mantinha posição de liderança em instituições da IEL no Brasil se despede. Conforme Ata da AGO da MEIB e da Editora Esperança, respectivamente, do dia 31 de maio deste mesmo ano, Walter Feckinghaus que fora presidente da MEIB e da Editora por muitos anos, entregou a liderança dessas instituições a brasileiros.

Como, alguém que chegou ao Brasil em 1960, solteiro ou recém-casado, retorna para a Alemanha, depois de 58 anos? E ainda, os pais vão e muitos filhos e netos ficam. Quem está fora do contexto pode perguntar: Mas, por que eles retornam, então? A maioria dos missionários, ligados à Evangélica Livre

que retornaram para a Alemanha, para a Suíça ou para os EUA, retornou por razões alheias à sua vontade.

Quando se fala de razões alheias à sua vontade, faz-se necessário pontuar essas razões. Primeiro, trata-se de mudança de legislação na relação dos países Brasil e Alemanha, mudanças na previdência alemã e coisas dessa natureza. Mas, uma segunda razão é a tensão geracional. Os missionários alemães começaram a sentir que os brasileiros começam a reclamar por assumir as posições de liderança e ditar o rumo dos trabalhos missionários, igrejas e instituições vinculadas.

A existência dessas tensões aponta para o fato de que aquele estado *nômico* estabelecido é questionado e uma crise de plausibilidade se instaura, criando um estado *anômico* que é a saída de todos os missionários alemães da Região Sul e Sudeste e o protagonismo com os pastores e líderes da Evangélica Livre brasileira. Mesmo que se mantenha uma relação harmônica, não se pode negar que essas negociações estavam em curso, como uma relação de forças.

Na tentativa de demonstrar a complexidade do retorno desses missionários, será descrita resumidamente a trajetória de três famílias de missionários alemães que, com a aposentadoria, tiveram que tomar a difícil decisão de voltar para sua terra natal ou ficar na pátria dos filhos. Nem sempre é uma questão de escolha, de querer ficar ou retornar, mas forças legais, governamentais operam como fatores externos imperativos.

Werner e Hiltrud Kunz são missionários que chegaram ao Brasil na década de setenta, no ano de setenta e seis mais especificamente. Este é um típico casal de jovens missionários que vem para o Brasil como resultado de uma visão, mas também da influência da propaganda pelos missionários mais velhos, que cria uma imagem distorcida, de um paraíso ou de um inferno, onde as cidades eram bagunçadas e o povo, desonesto.

O casal Kunz, em entrevista em abril de 2017, na Alemanha, narram a sua jornada até chegar ao Brasil, seu trabalho, adoção de duas crianças brasileiras, a dor do retorno para a Alemanha e como eles avaliam os vinte e

sete anos que viveram e serviram no Brasil. Perguntados sobre o processo de convicção para virem como missionários ao Brasil, Werner responde:

Em primeiro lugar, gostaria de mencionar que nós dois frequentamos várias vezes retiros missionários, evangelísticos. Em um desses retiros também nos conhecemos. E depois tivemos um missionário, meu irmão mais velho já era missionário da Allianz Mission no Japão. Um irmão gêmeo também para o Brasil e um dia resolvemos: devemos visitar uma vez meu irmão no Brasil. Não deu muito bem ali (no Brasil) e tivemos problemas e ficamos por três meses com o meu irmão. E ali em Mamborê tinha o orfanato Betesda. E isto foi fundado ali em 1963, sim! Começando com o orfanato. E diretamente do vizinho dele, era casa e orfanato, vimos muitas vezes o problema bem ali. E nós vimos o problema de filhos de missionários que não tinham escola, não aprenderam certo o alemão e não frequentavam escola em português e os missionários sempre pensavam em fazer alguma coisa, algum curso de alemão ou alguma escola alemã. Casais novos que, então começava a criar família (KUNZ, 2017, entrevista, conforme apêndice C).

Essa descrição da visita que fizeram ao Brasil e que, por motivo de uma greve nos portos federais, tiveram que permanecer por três meses na cidade de Mamborê, revela o impacto que as necessidades vistas por eles lhes causaria nos anos seguintes e teria forte influência na identificação do Brasil como futuro local para seus serviços missionários. Após o retorno do casal, ainda se passariam alguns anos até voltarem definitivamente. Fariam seus estudos e teriam que resolver questões de cuidados dos pais em idade avançada.

Em particular, no que diz respeito ao cuidado de seus pais, existe uma história fascinante que demonstra os tipos de desafios que esses missionários tiveram que enfrentar antes de vir para o Brasil. O casal, relatando alguns impedimentos para vir ao Brasil, menciona uma história que fala de como Hiltrud tornou-se responsável pelo cuidado de seus pais e o desfecho desse impedimento. Ela interrompe o curso normal da conversa e diz:

Mas tenho que falar ainda antes que quando recebemos a nossa casa, eu tinha cinco irmãs ainda. E foi assim: o pai já estava meio demente, e daí a mãe falou: nós temos que organizar essa coisa. Quem vai cuidar de nós mais tarde? Ela comentou isso conosco, todas, e desenvolveu um meio de saber quem iria receber a casa dos pais, como herança, e, assim, cuidar dos pais! E daí, ela tinha orado! E ela falou eu tenho aqui cinco, seis papéis com os nomes de vocês e num papel tinha a casa, então vocês pegam todos, vamos ver quem

pega a casa. E fui eu quem pegou! Aí eu contei para o Werner (nós ainda não éramos casados). Aí ele falou: ah! Gente, como vou falar isso para os meus pais? Nós temos a mesma situação em casa! (KUNZ, 2017, entrevista, conforme apêndice C).

Quem conhece a cultura alemã sabe que isso não é algo comum, essa maneira de cuidar dos pais na velhice, pois o comum é enviar para um lar de idosos e, com o dinheiro da aposentadoria, o governo administra a vida daquela pessoa até a morte. Mas, tratando-se de pessoas de vilarejo e pobres o comprometimento com o cuidado dos pais na velhice de maneira pessoal é mais compreensível.

Hiltrud segue falando do desenrolar dessa história emocionante, dizendo:

Daí, eu falei: Está bem! Eu não estava junto quando vocês fizeram isso, ele (Werner) falou. Se for mesmo que eu pegue a casa, daí a mãe pode fazer de novo e se for eu novamente, então eu pegar! Eu estava certa se fosse a vontade de Deus eu iria pegar de novo. E eu falei com a mamãe e ela falou: sim eu entendo! Daí ela fez de novo e todos pegamos o papel de novo e eu peguei de novo a casa (*Ibid.*)

O problema é no que isso implicava cuidar dos pais até a morte, o que podia frustrar os planos de se envolverem no trabalho missionário, conforme estavam planejando. Mais, eis que a história tem um desfecho emocionante, conforme a narrativa do casal entrevistado:

Daí a mãe faleceu. Eu pensei, nós pensamos... Daí, nesse tempo nós tínhamos casado. Daí, pensamos e agora? E agora, que vamos fazer agora? Nós pensamos... E nós agora aqui, nessa situação. Que vou fazer com o pai que está demente e estava ficando cego e já estava quase cego e depois ficou cego. E daí, uma das minhas irmãs, ela mora aqui na mesma vila também, ela ficou com um irmão e uma irmã da minha mãe que ficaram também sem ninguém. Não estavam casados. Meu tio voltou da guerra e ela também ficou para cuidar da família e não se casou. Daí, eles ficaram contentes que minha irmã ficou com eles, né. Mas, ela e o marido dela construíram uma casa no pátio deles, lá. Já tinha acontecido tudo isso! E daí, ela falou: se vocês querem mesmo ir, é o caminho de vocês? Eu me responsabilizo pelo pai! Eles fizeram ainda um quarto, banheiro e ainda disse que a casa continuaria sendo nossa, para quando retornássemos das missões (*Ibid.*, 2017, entrevista, conforme apêndice C).

O casal Kunz se sentiu livre e tranquilo para embarcar para o Brasil e cuidar de um orfanato durante vinte e sete anos. Adotou dois filhos, um destes

já é falecido, mas o mais velho, chamado Paulo, constituiu família no Brasil, formou-se em direito e vive no interior do Paraná. Em dois mil e cinco o casal voltou para a Alemanha, deixando os dois filhos e duas netas. Este é um caso de pessoas missionários que planejavam voltar quando chegasse a aposentadoria. Em caso como o da família Kunz o impacto da volta é menos traumático e dolorido. Mas, ainda assim, segundo o casal, eles ainda estão se readaptando à vida na Alemanha (*Ibid.*).

Mas os próximos dois casos envolvem dois casais de missionários que fizeram planos, compraram casa e sonhavam em morrer no Brasil, mas, com as mudanças das leis para estrangeiros no Brasil e para alemães fora da Alemanha, tiveram que refazer o caminho de volta para um país que eles não reconhecem mais como seu.

Walter e Krista Feckinghaus, um casal que chegou ao Brasil em mil novecentos e setenta e sete, sem filhos e recém-casados, viajaram para o Brasil no mesmo dia em que se casaram, passando a lua de mel em um navio cargueiro de Amsterdam para Santos. Uma particularidade interessante dessa história é que, quando o comandante do navio soube que aquele casal estava de lua de mel, deu sua própria cabine para que o casal tivesse mais conforto.

O casal Feckinghaus nasceu em uma cidade pequena, no interior da Alemanha, na época Distrito de Dresden, no antigo Estado da Saxônia. De famílias de agricultores e com uma longa linhagem de membros da Igreja Evangélica Livre, o que fez com que muito cedo, Walter se envolvesse com um trabalho de contrabando de Bíblias para a chamada “Cortina de Ferro”. Walter diz que experimentou situações reais de morte nessas travessias (FECKINGHAUS, 2017, entrevista, conforme apêndice F).

Walter e Krista foram para o seminário da Igreja Evangélica Livre em Ewesbach e ali obtiveram sua formação e o conhecimento da atuação da AM no Brasil, porém foram reprovados duas vezes pela dificuldade que apresentavam para aprender uma nova língua, pois isso havia se revelado no estudo de grego e hebraico. Mas, na terceira tentativa, foram finalmente aprovados (*Ibid.*).

Esse casal atuou no interior do Paraná abrindo novas igrejas, como na cidade de Campo Mourão, no Oeste do Estado e interior de Minas Gerais. Depois, a família mudou-se para Curitiba, dando seguimento à plantação de igrejas, estruturando a Editora, livrarias e a Missão Alemã no Brasil, onde ficaram até seu retorno para a Alemanha em dois mil e dezessete.

Walter e Krista tiveram dois filhos e estes já lhes deram três netos. Seus filhos são formados, empregados, casados e solidificados no Brasil, brasileiros. Não fazia parte dos planos do casal Feckinghaus voltar para a Alemanha, na verdade este casal desenvolveu certa visão negativa sobre seu país de origem. Compraram casa, reformaram do seu jeito, para viverem a velhice até seus últimos dias na terra de seus filhos, adotada como sua.

Diante desses planos de tranquilidade em curso, a legislação na Alemanha muda, para o cidadão alemão que reside fora da Alemanha. Eles perdem seu auxílio saúde da Alemanha após a aposentadoria e o Estado alemão se desobriga de vários compromissos. Essas mudanças forçam este casal a retornar, pois as condições de permanência no Brasil põem em risco direitos adquiridos importantes para a velhice.

Em abril de 2017, quando o casal foi entrevistado, estava de volta à Alemanha há quatro meses. O casal estava muito abatido, em estado sério de depressão, pois não consegue mais se adaptar naquele país. Nas suas palavras: “tudo mudou, não sinto mais que este é o meu país, não consigo achar graça em toda esta organização e nessas pessoas, com tudo tão programado” (FECKINGHAUS, 2017, entrevista, conforme apêndice F).

Provavelmente, este deve ser um sentimento e uma crise que a grande maioria dos missionários protestantes, católicos e de outros credos passam ao retornar para sua pátria mãe. Por outro lado, fortalece a ideia de uma transição em vários aspectos nesta denominação de igrejas de imigrantes e de missão, especialmente no que diz respeito à diminuição gradativa, rumando para o final, da influência da Igreja Evangélica Livre alemã sobre a IEL brasileira.

Por último, aquele primeiro casal de missionários da Allianz-Mission no Brasil, que veio para iniciar as igrejas de missão no interior do Paraná – Uwe e Dora Greggersen. Conforme da descrição histórica feita acima do surgimento

dessas igrejas de missão, há o casal Möller que vai para Xanxerê, Santa Catarina, em 1955, porém sem serem missionários da AM, mas ligados a um consórcio de jovens de algumas Igrejas Evangélicas Livres na Alemanha.

Uwe, perguntado sobre sua chegada ao Brasil e seu tempo nestas terras ele resume assim:

Nós chegamos ao Brasil em 1960, novembro de 1960 e trabalhamos no campo missionário até 2000. E a nossa função sempre foi na área de plantação de igrejas, na área de organizar os grupos regionais, começar a Livraria e a Editora Esperança e depois trabalhar também nos grandes centros e expandir o trabalho sobre o Brasil. Eu sempre era, especialmente secretário de muitas entidades que foram criadas nessa época. É isso em que nós trabalhamos, então, até a aposentadoria em 2000 (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Assim como os Feckinghaus, os Greggersen vêm de uma longa linhagem de protestantes da Igreja Evangélica Livre da Alemanha. Conforme diz Uwe, “eu sou filho da sexta geração de crentes da Igreja Evangélica Livre na Alemanha, meus pais vieram da Alemanha do Norte, mas já de uma forte tradição Evangélica Livre” (*ibid.*).

Assim como era comum a maioria dos jovens alemães adquirir uma profissão logo que terminasse o ensino médio e só depois optar por uma faculdade, Uwe e Dora seguiram o mesmo curso, ele formando-se em técnico em varejo e ela em enfermagem (as classificações de enfermagem na Alemanha são diferentes das feitas no Brasil). Antes de mudarem-se para o Brasil como missionários já atuavam em suas respectivas profissões.

Perguntados sobre o que conheciam do Brasil e sua reação quando chegaram, Uwe responde:

Nada! Nós não conhecíamos nada. Nós tínhamos lido um livro "Horizonte de prata", eu não sei bem. É um livro meio fantasioso sobre o Brasil, mas a gente não tinha muita noção do que nos esperava. Mas, chegando no Brasil, chegando no Rio de Janeiro, a gente não viu nada de sujeira, era tudo maravilhoso. Eu logo me informei sobre o que significava esses cartazes com uma vassoura. Era a campanha eleitoral do Jânio Quadros, que queria naquela época limpar o Brasil. Ele se apresentava a seus eleitores como aquela vassoura boa que iria limpar o Brasil, em 1960, e até hoje lamentavelmente essa limpeza falta, mas, naquela ocasião, não vimos nada de problemas, só estávamos gratos a Deus porque Ele nos tinha

conduzido até o Brasil (GREGGERSEN, 2017, entrevista, conforme apêndice II).

Uwe e Dora Greggersen foram os missionários que mais desbravaram novos campos, no que diz respeito a plantar novas igrejas, pois perto de cinquenta por cento das Igrejas Evangélicas Livres existentes hoje no Brasil tiveram a participação direta desse casal. Os dois se envolveram e fomentaram a criação dos departamentos ou instituições presentes na CIELB ainda hoje. Também se tornaram brasileiros na sua alma, conforme palavras dos dois. Perderam o sotaque, quiseram viver como brasileiros e fizeram do Brasil, em todos aspectos, o seu país.

A família Greggersen cresceu! O casal teve três filhos, todos no Brasil, pois vieram para cá um dia depois do casamento na Alemanha. Esses filhos cresceram, estudaram, conseguiram suas profissões, casaram-se, tiveram filhos e estão plenamente estabelecidos no Brasil. Uwe e Dora compraram um apartamento em Florianópolis, com a intenção de viver o restante de seus dias nesta terra que fizeram sua.

Assim como o casal Feckinghaus, o casal Greggersen voltou para a Alemanha contra a vontade. A entrevista feita com o casal ocorreu no pequeno apartamento onde moram os dois, um lugar para idosos alemães onde querem passar a velhice recebendo cuidados de uma instituição, neste caso, administrada pela própria Convenção das Igrejas Evangélicas Livres da Alemanha. A entrevista ocorreu em abril e, na ocasião, o casal havia mudado havia duas semanas. O ambiente era de profunda tristeza e choro. O casal expressava: “esta não é mais a nossa terra, somos estrangeiros aqui, nossa casa é o Brasil” (GREGGERSEN., 2017, entrevista, conforme apêndice B).

Os filhos do casal Greggersen moram no Brasil e não têm planos de se mudarem para a Alemanha e acompanhar os pais, pois suas respectivas esposas e filhos são brasileiros, estão bem empregados e seguem fazendo planos de desenvolvimento no país onde nasceram, mas é claro que há certo nível de ligação com o país de seus pais.

As narrativas desses retornos e separação dos filhos servem para avaliar o empreendimento missionário como indo além de estabelecer igrejas e converter pessoas a outra fé, mas há de se ponderar que esse investimento

traz no seu bojo a intensão de empreender culturalmente, identitariamente, um certo transpor nacionalista (ANDERSON, 2008, p. 43), mas também as questões do munda da vida.

A Igreja Evangélica Livre do Brasil vive esse momento de transição, pois, nos últimos três anos, tem vivido a experiência de despedidas dos mais antigos missionários, em seus eventos nacionais. A denominação vive a alegria de assumir as responsabilidades, de ditar seu rumo institucional, mas também a tristeza de despedir os pioneiros, pessoas que viveram uma vida de abnegação e profundo amor pelo trabalho que estava à frente delas.

Essas experiências narradas não deixam de ter um caráter de força *nomizante*, pois segundo Berger:

Agora torna-se compreensível a proposição de que o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência. Uma ordem significativa, ou nomos, é imposta às experiências e sentidos discretos dos indivíduos. Dizer que a sociedade é um empreendimento de construção do mundo, equivale a dizer que é uma atividade ordenadora, ou nomizante (BERGER, 1985, p. 32).

Berger diz que uma vez que o homem não possui mecanismos condicionantes ou ordenadores, ele é obrigado a impor sua própria ordem à experiência. Ele ainda diz que “a socialidade do homem pressupõe o caráter coletivo dessa atividade ordenadora” (*Ibid.*). Isso possibilita dizer que as experiências sociais narradas demonstram uma dialética em curso. Esses missionários vieram na qualidade de pioneiros, construíram um discurso social religioso e do valor da atividade missionária institucionalizada, que cria uma tradição que continua desafiando novas gerações para esse empreendimento, mas que já empreende com novos paradigmas institucionais.

3.4 – Olhando adiante – Uma nova liderança totalmente brasileira

O tópico acima findou descrevendo o momento histórico que a denominação – Igreja Evangélica Livre – vive no Brasil, momento de transição. Para que isso seja mais bem percebido será feita uma breve descrição das mudanças e apontamentos para o futuro, a partir do momento histórico que

cada proponente representativo se encontrava, que a instituição empreendeu e ainda está empreendendo.

Sem dúvida, esse quadro de transição e a busca por novos significados para sua existência é peculiar a todas as instituições de natureza longa, pois, do contrário, inexoravelmente, caminha para a perda da razão de sua existência e propósito e, em se tratando de uma instituição religiosa, cuja especialidade é parte significativa da concessão de significado das realidades e mundos religiosamente criados (BERGER, 2014, p.75), precisa de uma capilaridade capaz de renovar seus quadros geracionais.

O primeiro presidente da CIELB, Mário Francisco Junghans, escreveu, em 1995, um artigo com temas variados e um rascunho do que ele chamou de Projeto Igreja Evangélica Livre Brasil e, na sua introdução, ele reconhece a limitação daquela denominação, mas também sua participação e contribuição no cenário cristão brasileiro:

Olhando para este país onde estamos inseridos, vendo as suas dimensões, percebemos a nossa pequenez e fragilidade para encarmos o desafio de atingi-lo com as Boas Novas de Cristo. Mas não fomos colocados sozinhos nesta cidade. Deus tem chamado também outras denominações para participarem nesta obra grandiosa. Mas a denominação Evangélica Livre já é uma realidade. Não somos mais a única igreja (São Paulo) da denominação no Brasil. Através da Missão Evangélica Independente no Brasil (MEIB), várias igrejas principalmente no Paraná e em São Paulo surgiram, além dos trabalhos que se originaram das nossas igrejas (São Paulo). Em 1986, vieram também aliar-se aos trabalhos locais dos missionários da MEIB, em sua maioria de origem alemã, missionários da FREE EVANGELICAL CHURCH dos Estados Unidos. Atualmente Deus tem colocado no coração de dezenas de missionários e pastores o chamado de trabalhar na denominação Evangélica Livre (JUNGHANS, 1998, p. 13).

Mário Junghans via nesses movimentos de missionários vindos para o Brasil, novas igrejas surgindo em outros estados, como sendo a evidência de crescimento e vitalidade da instituição. É bem verdade que esse grupo de igrejas nunca desfrutou de um grande crescimento numérico de membros, isto pode ser objeto de pesquisa em outro momento, apesar de ter um grande crescimento institucional com uma ampla rede de relacionamentos internacionais, tendo sua própria faculdade, editora, livrarias, projetos sociais de muita repercussão social.

Em abordagens anteriores desta pesquisa já foi mencionado quantos departamentos ou outras instituições criadas a partir e para apoiar as iniciativas das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. A criação desses departamentos e instituições, dentro da CIELB, visava a expansão da Convenção e, como já abordado anteriormente, ser um fator legitimador dela em relação ao grupo de igrejas afiliadas.

No mesmo documento, o presidente de então, Mário Junghans, apresenta um modelo de Estatutos Sociais e Regimento Interno que deveria ser um modelo para todas as igrejas afiliadas, delineando assim marcos básicos de modelo de gestão eclesiástica, como o distanciar-se do modelo episcopal de gerir a igreja para a aproximação do sistema congregacional, no qual a liderança das igrejas deve ser compartilhada com um grupo de líderes da mesma.

A inspiração para esse modelo de liderança e gestão eclesiástica, pelo presidente de então, veio dos conselhos de Jetro para seu genro, Moisés, conforme a descrição bíblica de Êxodo 18. O próprio Mário, o primeiro presidente da Convenção, articulou um plano de liderança na Convenção e nas igrejas chamado Projeto Jetro, que descrevia a formação de novos líderes, a igreja nas casas e liderança compartilhada.

O modelo de Estatutos, no seu capítulo três, artigo sétimo, se expressa assim sobre a nova abordagem para a administração da Igreja:

A Igreja será administrada por um Conselho Diretivo composto de pelo menos sete (7) membros. Conforme a necessidade, pode ser aumentado o número de membros deste conselho. A estes cabe a responsabilidade de avaliar entre si a competência dos cargos de diretoria conforme os dons e habilidades. Os obreiros, (pastores e ou missionários) farão automaticamente parte deste Conselho Diretivo. O Conselho Diretivo deve escolher cinco (5), membros para formar a diretoria da Igreja, entre os seus membros (ESTATUTOS SOCIAIS, *apud* JUNGHANS, 1999, p. 19-20).

Esse modelo de Estatutos representou uma grande inovação na trajetória da Igreja Evangélica Livre do Brasil, pois, até então, as igrejas locais governavam suas ações como lhes parecia bem, desconectadas de uma noção convencional, ou com um senso de orientação de governo eclesiástico

denominacional, o que fazia com que os problemas locais fossem muito distintos, especialmente na relação do pastor com a igreja local e vice-versa.

No mesmo ano da publicação do Estatuto sugerido para todas as igrejas, no mesmo documento, foram elencados alguns apontamentos para os próximos anos da Igreja Evangélica Livre do Brasil. Primeiramente foi decidido que as igrejas locais desenvolveriam seu papel missionário nas cidades através de uma estrutura de grupos pequenos (chamados de grupos familiares). O serviço da igreja local deveria acontecer nas casas e, no domingo, um culto contagiante e festivo (JUNGHANS, 1998, p. 57).

Esse projeto possuía um lema: "Cada membro um ministro e cada casa uma igreja!" A ideia de descentralização estava muito presente nas descrições do projeto apresentado em muitos detalhes de como deveria ser o funcionamento dessa estrutura. Também deixava transparecer a presença e ideias de um líder carismático que dava muita ênfase aos dons carismáticos apresentados no Novo Testamento. Quando esse líder apresenta sua visão para os próximos anos, ele descreve seu desejo de que a igreja seja um lugar de libertação nos moldes exorcizistas²⁴. Conhecendo o caminho que essa igreja trilhou nos anos seguintes, percebe-se quão diferente ficou daquilo que fora projetado.

A projeção de crescimento e a maneira que esse crescimento se daria apontam para as diferenças perceptíveis entre as gerações de missionários estrangeiros e os novos líderes nacionais, no que diz respeito à concepção de igreja e sua forma. Os missionários estrangeiros, a maioria deles alemães, concebiam a igreja como um espaço de forte exercício racional da fé, apoio efetivo aos necessitados e uma forte influência nas classes mais elevadas das sociedades, nas quais atuavam as igrejas locais.

Os novos rumos que a Igreja Evangélica Livre tomou no Brasil, estão muito relacionados à nova liderança desta. Atualmente os líderes da Igreja Evangélica Livre do Brasil são todos brasileiros, mesmo que alguns sejam descendentes de alemães, mas a maioria da nova composição da cúpula da instituição é brasileira sem vínculos de parentesco com os germânicos.

²⁴ A ideia de liturgias mais carismática com aberturas para experiências de "expulsão de demônios", curas e outras práticas carismáticas.

Essa mudança tem efeito também na identidade do grupo de igrejas, pois é perceptível, nos últimos anos, uma igreja mais carismática, voltada para valorização das expressões emocionais em sua liturgia, bem como uma teologia que faz perguntas sobre a ordenação feminina, as manifestações dos dons carismáticos, a localização ecumênica da igreja e sua participação na política, uma vez que a Igreja Evangélica Livre no mundo tem uma postura de afastamento da política partidária.

Depois de apontamentos para os anos dois mil em diante, feito pelo então presidente, Mário Junghanz, a Evangélica Livre do Brasil passou a ter um forte apelo relacional na sua identidade, fomentando o fortalecimento no relacionamento entre os pastores, criando, para isso, congressos e cursos de uma semana com o fim de promover interação e unidade. Mas, em dois mil e dois houve a primeira mudança na presidência da Convenção, saiu Mário Junghanz e foi eleito Klaus George Rempel, que ocupa a mesma função até o momento.

Com a posse da nova Diretoria em dois mil e dois, foi estabelecida, então, a primeira Diretoria totalmente brasileira. Com a total nacionalização da liderança da Igreja Evangélica Livre brasileira veio também o desafio de continuar avançando sem os recursos da Alemanha. A partir desse ano iniciou-se uma perda gradativa das subvenções financeiras, ao ponto de, em dois mil e nove, a Convenção não receber mais repasses regulares oriundos da Alemanha.

Essa nova realidade trouxe um impacto em alguns aspectos no desenvolvimento das Igrejas Evangélicas Livres do Brasil. Podemos considerar esse impacto especialmente no que diz respeito às finanças, uma vez que os recursos oriundos da Alemanha eram distribuídos de acordo com as necessidades das igrejas locais. Pode-se elencar, por exemplo, na prebenda pastoral. Os relatórios financeiros do ano dois mil demonstram que em torno de trinta por cento dos pastores recebiam alguma complementação de salário com os recursos mencionados (CIELB, 2000, p. 3).

Outro investimento comprometido, a partir da diminuição gradativa dos recursos da Missão alemã, refere-se ao que era aplicado em construções de templos e casas pastorais. A Allianz-Mission apoiou a CIELB a formar um

fundo, chamado de Fundo Neemias, um recurso do qual a Convenção emprestava dinheiro sem juros para as igrejas construírem seus templos e casas pastorais. Como a Igreja Evangélica Livre alemã possui um Banco na Alemanha, a intenção era que a igreja brasileira iniciasse algo da mesma natureza para apoio exclusivo às igrejas locais. No final dos anos noventa, esse fundo contava com uma reserva de R\$ 1.000,000,00 (um milhão de reais) (CIELB, 1998, p. 4), atualmente esse Fundo tem uma reserva de R\$ 46.000,00 (quarenta e seis mil reais).

Ainda deve ser notado que esse impacto financeiro atinge a gestão da CIELB, pois a Allianz-Mission foi a patrocinadora do salário do Diretor Executivo da CIELB, desde sua fundação em mil novecentos e oitenta e quatro. A partir da gestão de dois mil e dois, o Presidente, que acumula a função de Diretor Executivo, ocupa esse cargo como um trabalho voluntário e não mais por remuneração.

A Igreja Evangélica Livre do Brasil não tem crescido, desde então, ao contrário, tem sofrido uma diminuição no seu quadro de membros. O que se pergunta, atualmente, é até que ponto repercute nessa parada no crescimento numérico fatores como pastores com menor remuneração e tendo que dividir seu tempo entre um trabalho eclesialístico e a igreja; as igrejas locais não investindo mais, como antes, em sua estrutura física e em melhores condições de moradia para seus pastores e mesmo a CIELB não tendo mais um Diretor executivo que visita as igrejas locais, seus pastores e esteja mais presente na vida ministerial dessas igrejas.

Como já adiantado, acima, a Evangélica Livre do Brasil tem tido um significativo crescimento institucional e a abrangência em seus relacionamentos internacionais, mas vive a realidade de decrescer nos últimos anos. Porém, está diante dessa denominação um novo ambiente de mudança e transição de liderança, dessa vez entre os próprios brasileiros e segundo a Ata da AGO da CIELB de junho deste ano, são muitos os projetos e apontamentos para um futuro de crescimento numérico (CIELB, 2018, p. 2).

Berger, lançando os fundamentos para a sua teoria da dialética social, a partir de um diálogo com Durkheim, explicando o segundo momento da dialética, chamado por ele de *interiorização*, diz que,

A interiorização implica, portanto, em que a facticidade objetiva do mundo social se torne igualmente uma facticidade subjetiva. As instituições se apresentam ao indivíduo como *data* do mundo objetivo exterior a ele, mas são também agora data de sua própria consciência. Os programas institucionais estabelecidos pela sociedade são subjetivamente reais, como atitudes, motivos e projetos de vida. O indivíduo se apropria da realidade das instituições juntamente com seus papéis e sua identidade (BERGER, 1985, p. 30).

Pode parecer que o processo de institucionalização das realidades que são construídas na sociedade e pela sociedade impõe ao ser humano um papel rígido, mas Berger diz que,

O indivíduo não é modelado como uma coisa passiva, inerte. Ao contrário, ele é formado no curso de uma prolongada conversação (uma dialética, na acepção literal da palavra) em que ele é *participante*. Ou seja, o mundo social (com suas instituições, papéis e identidades apropriados) não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim *apropriado* ativamente por ele. Além disso, uma vez formado o indivíduo como pessoa, com uma identidade objetiva e subjetivamente reconhecível, ele deve continuar a participar da conversação que o sustenta como pessoa na sua biografia em marcha. Isto é, o indivíduo continua a ser um *coprodutor* do mundo social, e assim de si mesmo (*Ibid.*).

Isso aponta para a necessidade de alternância na condução de instituições como a que ora se descreve. É sempre necessário voltar a frisar que a institucionalização da qual fala Berger, trata-se de realidades sociais que ganham forças na sociedade de agregar pessoas, conceitos e fortalecer identidades.

Nessa direção é que se pode dizer que a dinâmica social de alternância de comando ou poder nesta instituição revela a inquietação dos seres humanos que atuam em dada sociedade em querer participar ativa e conscientemente do seu protagonismo social. Mas também, revela estados sociais de *nomia*, como a liderança alemã por tantos anos, *anomia*, onde mesmo com liderança brasileira a um questionamento social ao *status quo*, que agora há todo um aparato social para legitimar e dar plausibilidade ao estado social presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta viagem histórica, conduzida pelo trilho dos grupos de fé independentes na Europa ao surgimento de um grupo de crentes evangélicos imigrantes na capital de São Paulo nos anos trinta do século passado, chega-se aqui, pensando que estudar a história do surgimento e formação de um grupo religioso ou um grupo social em geral é lançar-se em uma possibilidade do surpreendente.

A possibilidade do surpreendente diz respeito a se ficar encantado com alguns personagens e admitir que outros não foram tão fora do comum, como se pensava, enquanto outros ganham um lugar de destaque na consciência do relato histórico que ganha propriedade pelo grupo descrito, que se enxerga e se apropria do dito, como sendo sua história, sua gênese, na qualidade de pertencente ao dito grupo social.

Nesta pesquisa ficou claro que, ao contrário do que se pensava, os grupos religiosos independentes dos dois séculos antes da Reforma Protestante tiveram maior impacto no surgimento da Igreja Evangélica Livre Europeia do que o movimento de Reforma, propriamente dito. Teve-se a mesma clareza sobre o aspecto social que dá origem a este grupo em vez dos motivos teológicos, como geralmente se diz de grupos análogos, ou seja, o grupo religioso descrito surge como reação ao que estava posto naquele momento da história.

Também ficou evidente que a Igreja Evangélica Livre do Brasil possui uma natureza histórica dupla – tanto é resultado do protestantismo brasileiro de imigração, quanto do protestantismo brasileiro de missão. Percebeu-se que sua natureza do protestantismo de imigração está fundamentada na realidade sócio histórica dos idos de 1936, quando os grupos de alemães em São Paulo faziam todo o esforço possível para manter sua integridade cultural e étnica salvaguardada, isso incluía sua religião, seus filhos se casarem dentro da mesma identidade étnica, etc.

Outra realidade compreendida diz respeito sobre o porquê de o Brasil passar a ser o destino daqueles missionários alemães e suíços – a China

fechava as portas para os missionários e outra porta precisava ser aberta. Também são motivos circunstanciais que levam aos dois grupos de igrejas formarem um bloco único – o grupo de imigração e o grupo de missão – precisavam juntar forças para sobreviver em um mundo socio religioso em rápidas e grandes mudanças.

Assim como o retorno dos missionários estrangeiros, a criação das novas estruturas dentro da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres, novos rumos, líderes brasileiros assumindo plenamente as responsabilidades da instituição – Evangélica Livre do Brasil. Tudo isso demonstra que fazem muito sentido as postulações teóricas feitas, ora por Berger, ora por Berger e Luckmann.

A teoria da Construção Social da Realidade descrita e aplicada numa abordagem da antropologia da religião feita por Berger no seu livro “O Dossel Sagrado”, e ampliada e melhor abordada no livro “A Construção Social da Realidade”, de autoria de Berger e Luckmann, serviram como amparo teórico para ser percebido o quanto a história da Igreja Evangélica Livre do Brasil é resultado dos mundos sociais que os homens constroem e os mantêm.

Serviu para demonstrar que não existe, primeiramente, uma causa teológica para a existência de uma organização religiosa, mas fatores sociais e culturais que demandam necessidades de o homem se expressar e participar do mundo social criado por ele mesmo na sociedade. Pôde ser visto que um grupo religioso surge por um estado instável que é a sociedade e seus mundos socialmente construídos.

Essa constatação serviu para localizar a Igreja Evangélica Livre como dentro de estados de questionamentos sociais, pelo fato de, como diz Berger, “o ser humano é impossível em uma esfera fechada de interioridade quiescente. O ser humano tem de estar continuamente se exteriorizando na atividade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 74). Isso quer dizer que o estado social de um dado grupo como este, sempre estará em movimento de *nomia*, *anomia* e de plausibilidade social, pois é análogo à natureza da sociedade de onde emergem e fazem parte as estruturas socialmente construídas.

Desde os grupos dos séculos 12 ao século 16, que questionaram as estruturas vigentes, aos que, por sua vez, também questionaram as estruturas criadas pelos reformadores do século 16, ou os grupos de pietistas, moravianos e outros que questionaram o estado social de seu tempo, demonstram como surge um grupo religioso como o movimento de Igrejas Livres na Europa. Como a ideia religiosa desse grupo chega ao Brasil com imigrantes alemães e suíços e que forças sociais alheias a eles fazem surgir uma Igreja Evangélica Livre Brasileira.

Como forças sociais operam na trajetória desse grupo no Brasil e vai gerando mudanças na sua concepção, gestão e até mesmo como se compreendem. Há um estado constate de *nomia*, *anomia* e plausibilidade na história desse grupo religioso, desde sua concepção até seu estado presente no Brasil, aliás como é o estado de todo organismo social.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Ed. 2ª. Trad. J. Dias Pereira. Lisboa: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1996, vol. I, livro I-VIII.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Ed. 36ª. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da Religião. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **Perspectivas Sociológicas**: uma visão humanística. Ed. 6ª. Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1983. (Série Antropologia, n. 1).

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. Ed.2ª; Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1983.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da igreja cristã. Ed. 2ª; Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

DANIEL-ROPS. **A Igreja do Renascimento e da Reforma**: Uma revolução religiosa: a reforma protestante. Trad. Eduardo Pinheiro. Porto: Livraria Tavares Martins, 1962. (Coleção História da Igreja de Cristo, vol. IV)

DIETRICH, Ana Maria. O Éden Tropical dos Alemães *In* DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva; SILVA, Elane Moura (Orgs.). **Viajantes, Missionários e Imigrantes**: olhares sobre o Brasil. Campinas: Unicamp, IFCH, 2013, nº 13, p 103-126 (Coleção Ideias).

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**: a divisão do trabalho está ligada a toda nossa vida moral. Ed. 2ª; Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

_____. **Lições de Sociologia**. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção Tópicos).

DREHE, Martin N. **Igreja e Germanidade**. Ed. 2ª. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Ed. 2ª. Lisboa: Presença, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREMANTLE, A. **A Idade da Fé**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 38. (Biblioteca de História Universal Life).

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. Trad. Gerson Dudus, Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GONZALEZ, Justo L. **A era dos altos ideais**. Ed. 2ª; Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2000. (Coleção Uma História Ilustrada do Cristianismo, v. 4).

_____. **A era dos sonhos frustrados**. Ed. 2ª; Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2000. (Coleção Uma História Ilustrada do Cristianismo, v. 5).

GONZALEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. **História do movimento missionário**. Trad. Silvana Perrela Brito; São Paulo: Hagnos, 2008.

GONZÁLEIS, Justo L. **O culto, cultura y cultivo: apuntes teológicos em torno a las culturas**. Perú: Ediciones PUMA, 2008.

HUBERMAN, Leo. **A história da riqueza do homem: do feudalismo ao século XXI**. Ed. 22ª, Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

IGRESIAS, Francisco. **Trajetória Política do Brasil: 1500-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JEDIN, Hubert (Org.). **Manual de historia de la Iglesia**. Barcelona: Editorial Herder, 1972. (Biblioteca Herder, Sección de historia, tomo V, n. 79).

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**. Trad. Herber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2006, vol. I.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Ed. 3ª; Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Uma longa Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LÉONARD, Émile – G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981.

LLOYD-JONES, Martyn. **Os puritanos: suas origens e seus sucessores**. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2016.

MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MOUSNIER, Roland. **Os séculos XVI e XVII: os progressos da civilização Europeia**. Trad. Vitor Ramos, J. Guisburg e Geraldo Gerson de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (Coleção História Geral das Civilizações, v. 9).

MÜLLER, Telmo Lauro. **Cento e setenta e cinco anos de imigração alemã**. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

NAY, Olivier. **História das ideias políticas**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

OBERACKER, Carlos H. **A Contribuição Teuta**: à formação da nação brasileira. Ed. 4ª. Rio de Janeiro: PRESENÇA, 1985.

PERES, Alcides Conejeiro. **A inquisição**: e os instrumentos de tortura da Idade Média. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

PERRY, Édouard. **Idade Média**: tempos difíceis. Trad. Pedro Moacir Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. (Coleção História Geral das Civilizações, v. 8).

PERSSON, Walter. **Free and United**: the history of the International Federation of Free Evangelical Churches. Chicago: Covenant Publications, 1998.

RAMOS, Fábio Pestana. **No Tempo das Especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. Ed. 3ª. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Por mares nunca antes navegados**: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHAFF, David S. **John Huss**: his life, Teachings and death, after five hundred years. Harrington: 2013, cap. 1, edição Kindle.

SHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, Marques. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Ed. 3ª. São Paulo: Candeias, 1995, v. 4.

_____. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Ed. 3ª. São Paulo: Candeias, 1995, v. 5.

_____. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Ed. 3ª. São Paulo: Candeias, 1995, v. 6.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. Os Alemães na terra da garoa. **Revista História Viva**, Osasco, n. 04, pp. 84-88, fev. 2004. Mensal. ISSN 1679.656X).

THOMÉ, Laura Maria Silva. **Da ortodoxia à heresia**: os valdenses (1170-1215). 1996. 198 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. Ed. 4ª. Tradução de D. Glênio Vergara dos Santos e N. Durval da Silva. São Paulo: Aste, 1967. Vol. I.

WEYEL, Hartmut. **Meu sonho de Igreja**: a Igreja viva da Reforma até o século XXI. Trad. Werner Fuchs. Curitiba, 2003.

WYLIE'S, J. A. **John Hus and The Hussitas Wars**. California: Public Domain, 2013.

VAN LOON, Hendrik Willen. **A história da humanidade**: a história clássica de todas as eras para todas as eras, atualizada em nova versão para o século XXI. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Outras Fontes

BOLDT, Peter. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Ewesrbach, 11 de abril de 2017. (Entrevista inédita).

DREHER, Martin N. **A religião entre os imigrantes alemães e seus descendentes**. Banco de dados. Disponível na internet: http://www2.brasilalemanha.com.br/livro_rel_imi.htm. Acesso em: 22 de maio. 2017.

FECKINGHAUS, Walter. 60 anos MEIB, Uma História a Contar. **Caderno da 36ª Assembleia da Convenção das Igrejas Evangélicas Livres no Brasil**. Curitiba: CIELB, 2018. 56 p.

_____. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Recife, 09 de jun. 2016. (Entrevista inédita).

Germania, Deutsche Zeitung e Deutscher Morgen: três jornais em língua alemã publicados em São Paulo. Disponível na Internet. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8047>. Acesso em: 02 de fev. 2017.

GERTZ, E. René. O Perigo Alemão. **Revista História Viva**, ano 10, n. 120, p. 30-34, outubro. 2013. Mensal. ISSN 1679-656X.

GREGGERSEN, Uwe. Brazilien: ein Land der Gegesã'tze. **Mission-Bote**, ano 100, n. 1282, p. 6-16, jan/Feb. 1989. Bimestral.

_____. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Ewesrbach, 13 de abril de 2017. (Entrevista inédita).

JUNGHANS, Mário Francisco. **Igreja Evangélica Livre Brasil**. São Paulo: apostila, 1998.

KLEMENT, Johannes H. **História das Igrejas Evangélicas Livres no Brasil**. São Paulo: Apostila, 1999.

_____. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Ewesrbach, 11 de abril de 2017. (Entrevista inédita).

_____. **Igrejas missionárias caminhando para a autonomia Dentro de uma convenção nacional de igrejas (1932 a 1990)**. São Paulo: Apostila, 1990.

IGREJA EVANGÉLICA LIVRE DE SÃO PAULO. São Paulo. Ata de 28 de janeiro de 1940. Livro n. 01, páginas 01 - 13.

KUNZ, Werner. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Ewesrbach, 10 de abril de 2017. (Entrevista inédita).

LESSA, Daniele. **Segunda Guerra-Mundial: as restrições enfrentadas por estrangeiros que viviam no Brasil**. Disponível na Internet. [http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/reportagem-especial/405454-Segunda-Guerra-Mundial: as restrições enfrentadas por estrangeiros que viviam no Brasil BLOCO-2.html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/reportagem-especial/405454-Segunda-Guerra-Mundial-as-restricoes-enfrentadas-por-estrangeiros-que-viviam-no-Brasil-BLOCO-2.html). Acesso em: 09 de nov. 2016.

MISSÃO EVANGÉLICA INDEPENDENTE DO BRASIL. Toledo. Ata de n. 43^a de 20 de agosto de 1983. Livro n. 01, páginas 28-30.

RODRÍGUEZ, OMAR. **O Movimento das Igrejas Evangélica Livres**. Maracay, Venezuela: Apostila, 2002.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da Imigração alemã para São Paulo no século XIX – aspectos políticos**. Banco de dados. Disponível na internet. <http://www.revistas.usp.br/alb/article/viewFile/11621/13390>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

Souboor: Way of salvation church militant triumphant Andrea di Bonaiuto. Disponível na internet. <https://cs.wikipedia.org/wiki/Souboor:Way-of-salvation-church-militant-triumphant-andrea-di-bonaiuto-1365.jpg>. Acesso em 03 de out. 2018.

THOMAS, Werner. **História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**. Ewesrbach, 14 de abril de 2017. (Entrevista inédita).

VENZEL, Fernando César Gomes. **Imigração Alemã e Suíça no Estado de São Paulo**. Disponível na Internet. <http://gomessilva2.wix.com/imigracaoalemasp>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM OS MISSIONÁRIOS PETER E AGNES BOLDT

Tema: História da Igreja Evangélica Livre no Brasil

Niederdresselndorf, Estado de Burbach - Alemanha, 09 de março de 2017

Missionários entrevistados: Peter e Agnes Boldt

Período no Brasil: 1968 a 2005.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM OS MISSIONÁRIOS UWE E DORA GREGGERSEN

Tema: História da Igreja Evangélica Livre no Brasil

Solingen, Düsseldorf, Estado da Renânia do Norte-Vestfália - Alemanha, 17 de março de 2017.

Missionários entrevistados: Uwe e Dora Greggersen

Período no Brasil: 1960 a 2000

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OS MISSIONÁRIOS WERNER E HILTRUD KUNZ

Tema: História da Igreja Evangélica Livre no Brasil

Angelburg, Estado de Hesse - Alemanha, 18 de março de 2017

Missionários entrevistados: Werner e Hiltrud Kunz

Período no Brasil: 77 a 2004

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM OS MISSIONÁRIOS WERNER E EDELTRAUD THOMAS

Tema: História da Igreja Evangélica Livre no Brasil

Herborn, Estado de Hessen, Alemanha, 10 de março de 2017.

Missionários entrevistados: Werner e Edeltraud Thomas

Período no Brasil: 1965 a 1990

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O MISSIONÁRIO JOHANNES KLEMENT**Tema: História da Igreja Evangélica Livre no Brasil**

Ewersbach, Estado de Hessen – Alemanha, 12 de março de 2017

Missionários entrevistados: Johannes Klement**Período no Brasil:** 1984 a 2003**APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O MISSIONÁRIO WALTER FECKINGHAUS****Tema: História da Igreja Evangélica Livre de fala alemã em São Paulo**

Recife, 21 de novembro de 2016

Missionários entrevistados: Walter Feckinghaus**Período no Brasil:** 1975 a 2016